

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIAS, COMUNICAÇÃO E
EDUCAÇÃO

ANGÉLICA VIRGÍNIA CARVALHO GUIMARÃES

**A Produção de Sentido Das Religiões De Matriz Africana Na Mídia Televisiva:
Identidade e Representação como dilemas no Direito De Resposta Na Rede Record**

UBERLÂNDIA
2026

ANGÉLICA VIRGÍNIA CARVALHO GUIMARÃES

**A Produção de Sentido Das Religiões De Matriz Africana Na Mídia Televisiva:
Identidade e Representação como dilemas no Direito De Resposta Na Rede Record**

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-graduação em Tecnologias,
Comunicação e Educação da
Faculdade de Educação da
Universidade Federal de Uberlândia
como requisito parcial para obtenção
do título de Mestre

Orientador: Prof. Dr. Gerson de Sousa

UBERLÂNDIA
2026

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU com
dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

G963 Guimarães, Angélica Virgínia Carvalho, 1991-
2026 A Produção de Sentido Das Religiões De
Matriz Africana Na Mídia Televisiva: Identidade e Representação
como dilemas no Direito De Resposta Na Rede Record [recurso
eletrônico] / Angélica Virgínia Carvalho Guimarães. - 2026.

Orientador: Gerson de Sousa.

Dissertação (Mestrado) - Universidade
Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Tecnologias,
Comunicação e Educação.

Modo de acesso: Internet.

DOI

<http://doi.org/10.14393/ufu.di.2026.624>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Educação. I. Sousa, Gerson de, 1971-
(Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação
em Tecnologias, Comunicação e Educação. III. Título.

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2: Gizele
Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Tecnologias, Comunicação e Educação				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Profissional, número 18/2026/207, PPGCE				
Data:	Vinte e seis de agosto de dois mil e vinte e seis	Hora de início:	[14:10]	Hora de encerramento:	[16:00]
Matrícula do Discente:	12412TCE004				
Nome do Discente:	Angélica Virgínia Carvalho Guimarães				
Título do Trabalho:	A Produção de Sentido das Religiões de Matriz Africana na Mídia Televisiva: Identidade e Representação como dilemas no Direito de Resposta na Rede Record				
Área de concentração:	Tecnologias, Comunicação e Educação				
Linha de pesquisa:	Tecnologias e Interfaces da Comunicação				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	A construção da identidade do popular no processo comunicativo: análise cultural da produção de sentido e representação do Congado no cotidiano de Uberlândia.				

Reuniu-se na sala 135 do PPGCE/ bloco 1G, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação, assim composta: Professores Doutores: Isley Borges da Silva Junior - ESAMC; Cairo Mohamad Ibrahim Katrib - UFU; Gerson De Sousa - UFU orientador da candidata.

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Dr. Gerson De Sousa, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público e concedeu à discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e os tempos de arguição e de resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir, o senhor presidente concedeu a palavra, na ordem sucessiva, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

[Aprovado(a)].

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após o cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar, foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata, que, após lida e achada conforme, foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Gerson de Sousa, Presidente**, em 26/08/2026, às 16:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cairo Mohamad Ibrahim Katrib, Coordenador(a)**, em 26/08/2026, às 16:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **ISLEY BORGES DA SILVA JUNIOR, Usuário Externo**, em 26/08/2026, às 16:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **7575751** e o código CRC **8E4D473B**.

Referência:
99

Processo

nº

23117.054654/2026-

SEI nº 7575751

Dedico esse trabalho a todos que acreditaram que eu chegaria até aqui.

AGRADECIMENTOS

Tenho muito a agradecer. Não foram anos fáceis, porque termino esse mestrado em um tempo diferente do “normal”, muitos terminam em dois anos, no máximo três, com dilação, mas minha caminhada foi bem maior, e digamos, bem dolorida e torturante. Foram sete anos e meio para chegar até aqui, perdi o primeiro mestrado que passei em 2019 mesmo com dilação, aguardei mais um tempo, aceitei a derrota, morri antes de chegar na praia, mas não, depois de algum tempo, 2023, insisti mais uma vez, e estou aqui, mais uma vez, na dilação, aos quarenta e cinco do segundo tempo com prorrogação, mas dessa vez, estou aqui, cheguei a final. E por isso, agradeço primeiramente à meu Orí, que teve força, determinação, e teimosia, também, mesmo com tantas adversidades, com tantas coisas e problemas pelos quais eu passei, eu consegui e cheguei ao fim desse capítulo da minha vida. Agradeço à Olodumare, senhor de tudo, que pôde me proporcionar essa grande vitória. Agradeço a Esú, senhor dos caminhos, que sempre foi meu amigo, sempre me deu a oportunidade de caminhar com firmeza por essa terra, por mais que tudo estivesse difícil, meu caminhos sempre foram acompanhados por ele, e me conduziram até aqui. Ao meu orixá Oxossi, que me ensinou a não desistir, a ter a paciência que eu não tenho, a ser a caçadora de um flecha só. Que com sabedoria e determinação não desistiu por mais longo que foi o percurso. À minha mãe Oya, dona do meu Ori, junto com meu pai Oxossi, que se faz presente na minha vida, ambos que me dão tanta força. Oyá, mulher búfalo, e tão determinada, que me fez acreditar que era possível chegar até aqui, me deu colo e forças pra não desistir. À minha família, base da minha vida, que eu amo tanto. Meu pai que sempre me incentivou e apoiou nesse processo. À minha mãe, minha vida, que sofreu cada segundo comigo ao longo desses anos, que foi meu suporte, e sem ela, com certeza essa caminhada não seria nada fácil, ou eu nem chegaria até aqui. À minha irmã, minha inspiração, por causa dela que escolhi o tema da dissertação, pois sempre admirei ela, seu trabalho e a pessoa incrível que ela é, que sempre me ajudou em tudo. Ao meu nenem Duco, Gael, que só de existir já faz a minha vida melhor, já faz tudo ficar melhor, e ver você crescer e ser o futuro do asé, me deixa imensamente feliz, meu menino cheio de luz. À minha Tia Valda, que sempre torce tanto por mim, sempre querendo o meu bem, e querendo mais que tudo a conclusão desse mestrado. Ao meu Egbe, meus mais velhos, meus mais novos, onde aprendo todos os dias os ensinamentos da religiosidade. Agradeço a minha Iyalorixá Ifatoki e a meu Baba Jair Ifagbero, que cuidam de mim a 17 anos, quase metade da minha vida, cuidam com zelo, amor, carinho, e que se não fossem eles muita coisa seria diferente, agradeço muito eles, por tudo que fizeram, e por me fazer Funmiloya. Ao meu amado irmão e amigo Ogunkeye que me ajudou a entrar no mestrado,

escrevendo o projeto, agradeço pelos ensinamentos e pelo suporte. A minha amada irmãzinha Titilayo pelo apoio, carinho, incentivo, ensinamentos e cuidado comigo de sempre. As minhas amigas Deisi, Val e Cintia, Jornamigas, que estão comigo desde a faculdade, acompanhando toda essa trajetória, me incentivando e torcendo por mim. E claro, meu orientador, Gerson. Nada disso seria possível sem ele, a peça fundamental dessa dissertação. O Gerson foi meu orientador na faculdade de iniciação científica, depois orientador de TCC, orientador na primeira vez do mestrado, e aqui estamos novamente. Mesmo com tantos problemas e impasses da minha vida, ele continuou escolhendo meu trabalho e acreditando em mim, muito mais que eu mesma. Sempre compreendeu minhas limitações, os processos pelos quais eu passei, sempre uma pessoa extremamente compreensiva, empática e incrível. Eu não tenho palavras para agradecer. Quem dera todos professores e orientadores fossem assim, tão humanos, sensíveis e acolhedores. Orientador realmente diferenciado que eu tive a sorte de ter por 15 anos, com alguns hiatos.

RESUMO

GUIMARÃES, Angélica Virgínia Carvalho. **A Produção de Sentido Das Religiões De Matriz Africana Na Mídia Televisiva: Identidade e Representação como dilemas no Direito De Resposta Na Rede Record**, 2026.

Esta dissertação analisa a produção de sentido das identidades e das representações das religiões de matriz africana na mídia televisiva, tendo como objeto quatro programas produzidos como direito de resposta e exibidos pela Rede Record de Televisão. A realização dessas produções resultou de uma ação judicial motivada pela veiculação recorrente de conteúdos que apresentavam essas religiões de maneira distorcida, preconceituosa e estereotipada. Após anos de tramitação processual, representantes dessas tradições religiosas conquistaram o direito de produzir programas destinados a apresentar outras perspectivas sobre suas histórias, práticas, símbolos e formas de pertencimento. A pesquisa tem como objetivo compreender de que modo esses programas possibilitaram aos próprios representantes das religiões de matriz africana construírem narrativas sobre suas experiências, explicando suas práticas e disputar os sentidos produzidos pela televisão. A análise concentra-se nos conteúdos dos episódios e nas falas de sacerdotes, praticantes, pesquisadores e demais participantes. A fundamentação teórica está ancorada nos Estudos Culturais, especialmente nas contribuições de Stuart Hall e Raymond Williams, em diálogo com as reflexões de Jesús Martín-Barbero sobre comunicação, cultura e mediações. São utilizados, principalmente, os conceitos de cultura, identidade e representação. Os resultados demonstram que os programas constituíram um espaço de confronto e negociação de sentidos, no qual os sujeitos representados assumiram o protagonismo na construção de suas próprias imagens. O direito de resposta é dividido em quatro programas, de vinte minutos. Cada um dos programas trata de um assunto referente a religiosidade, são intitulados: *Justiça, Brasil, Cultura e Comportamento*. A exibição desses programas representou uma conquista histórica e um importante precedente na disputa por reconhecimento e representação na televisão brasileira. Entretanto, a quantidade reduzida de episódios, sua curta duração e a veiculação durante a madrugada limitaram significativamente sua visibilidade, seu alcance público e seu potencial reparador.

Palavras- Chave: Religiões de Matriz Africana; Rede Record; Estudos Culturais; Representação; Identidade.

ABSTRACT

GUIMARÃES, Angélica Virgínia Carvalho. **The Production of Meaning in African-based Religions in Television Media: Identity and Representation as Dilemmas in the Right of Reply on Rede Record, 2026.**

This dissertation analyzes the production of meaning of identities and representations of Afro-Brazilian religions in television media, taking as subject four programs produced as a right of reply and aired by Rede Record of Television. The production of these programs resulted from a legal action motivated by the recurring presentation of religions in a distorted, prejudiced, and stereotypical manner. After years of legal proceedings, representatives of these religious traditions secured the right to produce programs intended to present alternative perspectives on their histories, practices, symbols, and forms of belonging. The research aims to understand how these programs enabled the representatives of African-based religions themselves to construct narratives about their experiences, explain their practices, and challenge the meanings produced by television. The analysis focuses on the content of the episodes and the statements made by priests, practitioners, researchers, and other participants.

The theoretical basis is anchored in Cultural Studies, particularly in the contributions of Stuart Hall and Raymond Williams, in dialogue with Jesús Martín-Barbero's reflections on communication, culture, and mediations. The concepts of culture, identity, and representation are predominantly used. The results demonstrate that the programs constituted a space for the confrontation and negotiation of meanings, in which the subjects represented became protagonists in the construction of their own images. The right of reply is divided into four twenty-minute programs. Each of the programs treats a topic related to religiosity; they are titled: Justice, Brazil, Culture, and Behavior. The exhibition of these programs represented a historic achievement and an important precedent in the fight for recognition and representation on Brazilian television. However, the reduced number of episodes, their short duration, and their midnight broadcast times significantly limited their visibility, public reach, and potential for repair.

Keywords: Afro-based Religions; Rede Record; Cultural Studies; Representation; Identity.

LISTA DE FIGURAS

Frame 1 - Ação de Direito de Resposta	32
Frame 2- Manifestação	32
Frame 3- Intolerância Religiosa	40
Frame 4- Intolerância Religiosa	41
Frame 5- Madrinha Eunice	45
Frame 6- Tia Ciata	52
Frame 7- Representação da Religiosidade pelo fotógrafo Roger Cipó	54

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
OS ESTUDOS CULTURAIS NAS ENCRUZILHADAS	19
Estudos Culturais, Representação e Identidade	19
Religiosidade de Matriz Africana	23
O LEGADO DE XANGÔ: A LUTA CONTRA A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA	28
CONSTRUINDO IDENTIDADES: AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA NO BRASIL	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68
ANEXO	71

INTRODUÇÃO

A desinformação e a construção, no imaginário social, de que todos os aspectos das sociedades africanas são traços primitivos, atrasados, estranhos, e são associados ao aspecto mais vil do imaginário judaico cristão, o diabo, estabelece para as comunidades tradicionais de terreiro uma gama de estereótipos e preconceitos em diversos programas televisivos. As novas guerras santas construídas pelas igrejas protestantes criam entre os praticantes da religião cristã um desejo de extermínio para com praticantes de outras religiões, e no Brasil, o alvo são as religiões de matrizes africanas, a saber, o candomblé, umbanda e outras manifestações afrobrasileiras como Terecô.

O meu contato com as religiões de matriz africana, em especial o candomblé, aconteceu na adolescência, após diversos acontecimentos na minha vida. Criada em um lar católico, fui batizada, catequizada, frequentava as missas todos os domingos, e não sabia da existência das religiões de matriz africana, por desconhecimento dos meus pais, e também de toda a minha formação escolar. Em 2009, aos dezessete anos, conheci pela primeira vez, um terreiro de candomblé. Por questões pessoais, uma amiga da minha irmã acabou por indicar um terreiro para que eu pudesse ir, a fim de ajudar nestas questões. Meus pais, por receio, não queriam que eu fosse, por ser um lugar que eles não conheciam uma religião que não conheciam, e pessoas que eles não conheciam e, portanto, não confiavam. Mas por insistência da minha irmã, eles acabaram concordando.

Ao assumir pertencer à religiosidade tive contato a intolerância das pessoas, o desconhecimento e o preconceito. Meus pais não aceitavam de maneira alguma estar em um lugar diferente da igreja, com práticas tão diferentes, e que para eles eram ultrapassadas e sem sentido. Para os parentes, me viam com olhar intrigado, sem entender bem o que era aquela religião: uns achavam exóticos e outros como se fosse algo do demônio. Muitos amigos me apoiaram, assim como colegas, mas sempre tem aqueles que não toleram o diferente.

Ora, se eu, enquanto mulher branca que me liguei a uma religião de culto a divindades africanas, ou seja, divindades negras, começava a perceber como o racismo estava presente até mesmo nas formas de cultuar as divindades em que as pessoas acreditam, surge o desejo de se trabalhar com estas questões, que afetam diariamente indireta e diretamente as pessoas com quem convivo.

A partir de então decidi, que gostaria de estudar e também disseminar o conhecimento sobre essas religiões que tanto sofrem marginalização, e ainda sofrem, preconceito e intolerância por grande parte da sociedade. Também tive grande influência da minha irmã, que

estuda sobre as religiões de matriz africana, fez mestrado sobre as comunidades tradicionais, que envolvem os povos de matriz africana, e também foi consultora da UNESCO, a fim de promover diálogo entre governo, sociedade civil e religiões.

Na faculdade, tive o privilégio de ter um orientador que abraçou meu tema, e me ajudou muito nessa jornada de desconstrução negativa das religiões de matriz africana, e a fim de contribuir, mesmo que seja com pouco, defendi minha monografia: “A Representação Midiática do Candomblé: análise cultural de ‘O canto da Sereia’ na desconstrução jornalística do ‘Domingo Espetacular’”. Busquei com a monografia mostrar como essas religiões muitas vezes são estereotipadas e alvo de intolerância.

Na monografia, trabalhei com a representação midiática do candomblé na minissérie “O canto da sereia” e a construção jornalística do programa “Domingo espetacular” que veiculou uma reportagem atacando a minissérie por retratar o candomblé. “O canto da sereia” foi uma minissérie exibida pela Rede Globo que retrata a vida de uma cantora baiana assassinada no carnaval de Salvador, o enredo mostra a investigação do caso, e vários aspectos da vida da cantora, incluindo a sua relação com o candomblé.

Nessa minissérie são apresentados aspectos que desmistificam e outros que reforçam os preconceitos contra o candomblé. Já a reportagem veiculada no Domingo Espetacular, mostra o protesto de um pastor pedindo que as pessoas não assistam a minissérie por causa do seu conteúdo trazer elementos do candomblé, e alega que os evangélicos não possuem espaço da programação da Rede Globo, e que quando possuem são retratados de forma estereotipada.

Disciplinas durante a graduação também contribuíram para que eu me interessasse pela temática. A disciplina de antropologia cultural foi essencial para despertar meu interesse sobre as questões relativas à cultura. Além dessa matéria, cultura e política foi de suma importância, pois trouxe questionamentos sobre relações de poder, espaço público, envolvendo a questão cultural. E por fim, a disciplina de teorias da comunicação, que me possibilitou conhecer os estudos culturais, estudo que é a base desta dissertação.

Depois de alguns anos que concluí a faculdade, entendi que era o momento de voltar aos estudos, e dar prosseguimento ao que tanto me intrigava, as religiões de matriz africana. Mas dessa vez o meu foco seria as próprias religiões, pois o que mais importa são o que eles são, e não como as pessoas os veem.

Como já trabalhei com essa temática, soube dos programas que foram veiculados na Rede Record como direito de Resposta, e vi a possibilidade de estudar e analisar (o tema a partir de outra perspectiva: valorizar as religiões de matriz africana, sem espaço para as pessoas que

praticam a violência contra eles. O objetivo era contribuir para um campo de pesquisa pouco explorado e discutir questões relevantes para a sociedade.

A mídia torna-se, portanto, espaço de propagação de informações e de representações sobre os mais diversos aspectos da vida em sociedade. A televisão e outros meios de comunicação levantam debates e constroem representações de diversas parcelas da população: o nordestino, o gay, a trans, e isso também vale para as religiões de matriz africana. O debate acerca da representação distorcida (ou da falta de representação) das religiões afro-brasileiras pelos aparatos midiáticos ligados a religiões neopentecostais, sobretudo a Rede Record que é conhecida pela sua abordagem preconceituosa em relação a outras religiões que não sejam a Universal, constitui-se de suma importância.

A pesquisa nasce de uma inquietação sobre a abordagem das religiões de matriz africana na mídia, assim como a desinformação em relação às comunidades tradicionais de terreiro que reforçam estereótipos e preconceitos em diversos programas televisivos. Por essa representação distorcida, a Rede Record foi condenada a conceder direito de resposta às religiões de matriz africana, após diversos ataques veiculados na emissora. No dia 03 de dezembro de 2003, o CEERT- Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades, o INTECAB- Instituto Nacional da Tradição e Cultura Afro- Brasileira e o Ministério Público Federal ingressaram com a Ação e Direito de Resposta, contra a Rede Record, em decorrência de repetidas mensagens, narrativas e ofensas às religiões afrobrasileiras, veiculadas pela emissora de televisão.

No campo jurídico, o direito de resposta é assegurado pela Constituição Federal em seu artigo 5º “V - é assegurado o direito de resposta, proporcional ao agravo, além da indenização por dano material, moral ou à imagem” (CF, 1988). Por direito de resposta, podemos entender, de acordo com o Pacto de San José da Costa Rica, na Convenção Americana de Direitos Humanos, no seu artigo 14, “Toda pessoa, atingida por informações inexatas ou ofensivas emitidas em seu prejuízo por meios de difusão legalmente regulamentados e que se dirijam ao público em geral, tem direito a fazer, pelo mesmo órgão de difusão, sua retificação ou resposta, nas condições que estabeleça a lei”. (PACTO SAN JOSÉ DA COSTA, 1969).

A ação de direito de resposta contra a rede televisiva brasileira Record foi desencadeada devido a uma série de casos que aconteceram em programas exibidos na Rede Record, durante o ano de 2003, em que as religiões de matriz africana são tratadas enquanto seitas que propagam o mal. Conforme exposto na Ação pelo advogado Dr. Hédio Silva Júnior

Segundo consta na representação, as palavras, no mínimo pejorativas, “encosto”, “demônios”, “espíritos imundos”, “pai de encosto”, “mãe de encosto”, “bruxaria”, “feitiçaria”, “sessão de descarrego” são usadas com frequência e intercaladas com o

uso do vocabulário “macumba” e outros relativos às religiões de matriz africana (ACP, 2004).

Os relatos aprofundam o racismo religioso que estas religiões sofrem historicamente, deturpando sobre o que elas são, e se referindo de forma pejorativa a essas comunidades. Em vários pontos dos programas, como aponta a ação, os adeptos e sacerdotes destas religiões são nomeados como aqueles que adoram demônios ou encostos.

De forma bastante insistente e a título de propaganda da próxima sessão “de descarrego”, são exibidas as imagens do templo da Igreja Universal do Reino de Deus, como algumas pessoas, vestidas de branco, ditas como ex-pais, mães e filhos de encosto, que seriam os responsáveis pela sessão. Ou seja, a pregação religiosa da igreja é realizada com menoscabo às religiões afro-brasileiras (substituição constante do termo “pais e mães de santo”, por “pais e mães de encosto”) enfatizando a importância da conversão daqueles que as professavam no passado. (ACP, 2004)

Os reiterados ataques, veiculados pela rede de televisão e outras emissoras ligadas à Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) contra as Religiões Afro-brasileiras ensejaram a ação civil pública movida contra a Rede Record pelo Ministério Público Federal, objetivando direito de resposta. O caso foi julgado procedente por unanimidade pelo Tribunal Regional Federal (TRF) da 3ª Região em abril de 2018. O Tribunal determinou que a emissora de televisão apresentasse na sua grade 16 horas de programação de conteúdo positivo e afirmativo sobre cultura e religiões de matriz africana.

O TRF 3ª Região, ao condenar as emissoras, confirmando a decisão de primeiro grau, não só reafirma a importância do direito de resposta, apresentando os crimes cometidos contra a honra e a dignidade das religiões de matriz africana, também confere notoriedade ao racismo religioso praticado pela IURD. Tal prática, ultraja a cultura, a tradição e os valores das religiões afro-brasileiras. É importante atentar para o fato de que, ao julgar procedente por unanimidade o direito de resposta, o TRF-SP reconhece a função social pública que deveria ser exercida pela emissora no sentido de construir uma agenda de respeito pela diversidade, ainda que esteja subordinada a um grupo religioso. A representação distorcida das religiões de matriz africana, mobilizada pela Record, acaba por construir, junto à sociedade brasileira, uma demonização das tradições de ancestralidade e orixalidade advindas de cultos como Candomblé e Umbanda.

Há um movimento acadêmico, político e social de se considerar como racismo religioso as práticas de intolerância e discriminação sofridas por alguns grupos minoritários, a exemplo das religiões de matriz africana, como o candomblé e a umbanda.

O que se ataca é precisamente a origem negro-africana destas religiões, Wanderson (FLOR DO NASCIMENTO, 2016). Por isso, acredita que há uma estratégia racista em demonizar as religiões de matrizes africanas, fazendo com que elas apareçam como o grande

inimigo a ser combatido, não apenas com o proselitismo nas palavras, mas também com ataques aos templos e, mesmo, à integridade física e à vida dos participantes destas religiões. Portanto, isso que visualizamos sob a forma da intolerância religiosa nada mais é que uma faceta do pensamento e prática racistas que podemos chamar de racismo religioso.

A cor de grande parte dos membros dos povos de terreiro e as suas raízes africanas são parte da motivação do preconceito e das ações discriminatórias direcionadas aos mesmos. A argumentação é de que esse preconceito estaria ligado à formação colonial, à divisão e valoração racial negativa, influenciando na compreensão desta religião.

Os modos pelos quais o racismo foi construído historicamente e socialmente a partir da modernidade passam pela colonialidade do poder, ou seja, pelas marcas deixadas pelos colonizadores e que são perpetuadas até a atualidade, Ariadne Oliveira (2017). A lógica da colonialidade do poder faz com que as populações não europeias sejam consideradas como inferiores e excluídas da construção de instituições e mecanismos de poder sociais. Sendo assim, tudo que é associado ao não europeu é inferiorizado e tende a ser substituído pelo padrão civilizacional europeu ocidental.

A exclusão das religiões afro-brasileiras que possuem um modo de vida diferenciado da modernidade eurocentrada ocidental, que pode ser expressa através dos diferentes modos de vivenciar o gênero, a construção familiar, as relações sociais, a produção e transmissão de conhecimento e suas relações econômicas. A Record, então, é configurada como uma emissora que atenta contra as religiões de matriz afro-brasileiras por meio da prática de racismo religioso. As religiões neopentecostais, sobretudo a IURD, buscam incessantemente acusar as religiões de matriz africana como adoradores do diabo. Almeida afirma que desde a fundação dessa Igreja os ataques às religiões de matriz africana, por meio de suas mídias, são frequentes.

A primeira publicação da Igreja Universal foi a revista *Plenitude*, criada pouco tempo depois da sua fundação e, desde o seu primeiro número, o ataque à Umbanda e ao Candomblé imperaram como matérias principais. A *Folha Universal*, que substituiu posteriormente a revista, traz todas as semanas diversas reportagens a respeito dos males causados por estas religiões. (ALMEIDA, 1996)

A partir dos elementos que são sacros para essas religiões, a Rede Record, segundo o autor citado, se apropria e produz a deturpação da imagem das religiões de matriz africana. Assim, uma vez que, a partir das representações negativas mobilizadas pela emissora, é possível se constituir um espaço de debate que corrobora com as práticas discriminatórias a que essas religiosidades foram e estão subordinadas. As reportagens da emissora paulista, ao escolherem o debate acerca das religiões afrobrasileiras a partir de uma noção de demonização do sagrado alheio, abrem a oportunidade de se discutir o *modus operandi* da maioria dos grupos de

comunicação hegemônicos, relativizando o conceito de liberdade de expressão, já que o pensamento dos jornalistas está subordinado a uma linha editorial autocentrada.

Nesse cenário, surge a preocupação de como essa sub-representação das religiões afrobrasileiras tem contribuído na construção negativa dessas identidades no imaginário social brasileiro, que segue perpetuando um histórico de violência e intolerância como essas práticas, como analisa Marina Barbosa Silva (2011).

Atualmente, os praticantes das religiões afro-brasileiras estão sendo alvo de constantes ataques das igrejas neopentecostais. Com esse ataque ininterrupto, efetuado em rede de televisão, jornais e rádios, sobretudo da Igreja Universal do Reino de Deus, IURD, muito se tem escrito na literatura antropológica sobre a natureza dele, procurando entender as razões desta “guerra santa” e também das recentes reações dos adeptos das religiões afro-brasileiras. (SILVA, 2011, p. 5)

Nesse contexto, os meios de comunicação assumem uma função central na formação do sujeito. Entende-se que a mídia televisiva, por exemplo, tem papel fundamental na construção das representações sociais. Diante de seu poder de alcance consegue reafirmar conceitos e criar idealizações no imaginário social, sendo responsável pela perpetuação de estigmas, ao mesmo tempo em que pode contribuir para a desconstrução de imagens negativas. Os meios de comunicação desempenham um importante papel:

Os media são responsáveis por prover a base pela qual grupos e classes sociais constroem uma imagem das vidas, práticas e valores de outros grupos e classes. Essas imagens, representações esparsas e fragmentadas da totalidade social, acabam construindo um todo coerente, o imaginário social. (SODRÉ, 1999, p.63)

Portanto, esse trabalho consiste em fazer uma análise cultural sobre a representação das religiões de matriz africana e a produção de sentido nos programas exibidos como direito de resposta na Rede Record “a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e aquilo que somos” (WOODWARD, 2008, p.17).

A dissertação se situa no marco teórico dos estudos culturais que se solidifica no cenário de contextos diaspóricos com o intuito de compreender as complexas relações que foram construídas nos territórios coloniais, contribuindo para o desenvolvimento de uma pluralidade social. Quando se trabalha com estudos culturais temos três possibilidades: resistência, representatividade e identidade. (HALL, 2008)

A resistência tem um aspecto relacional em que se tem uma determinada força oprimindo outra e para comprovar minha existência, eu preciso resistir. Então a resistência, ela é uma resposta para um contexto em que o outro está executando uma força e estou respondendo

a ele. No caso em questão a resistência consistente no direito de resposta, que as religiões de matriz africana conseguiram sobre a Rede Record.

No aspecto da representação, se faz uma discussão de como o outro se apropria da minha imagem ou se apropria da minha existência. A representação quase sempre ela tem um caráter negativo em determinada situação, no caso em questão, a representação estereotipada da Igreja Universal em relação às religiões matriz africana. Nessa possibilidade, o aspecto de análise seria a Rede Record e suas representações acerca dos sujeitos de matriz africana.

A terceira possibilidade estaria no campo da identidade, o meu ponto de referência não é como outro impõe a mim, e não é como o outro se apropria de mim, mas é como eu construo a minha produção de sentido a partir da realidade que me é possibilitada. Para isso, este trabalho se aplica nessa terceira possibilidade, pois o objeto de análise será a construção de identidade dos sujeitos a partir dos programas apresentados.

Assim, a dissertação consiste em analisar a construção da identidade das religiões de matriz africana no programa exibido na Rede Record de televisão, como direito de resposta aos ataques sofridos por essas religiões dentro da programação dessa emissora. A partir disso levanta-se o seguinte problema: Como as religiões de matriz africana produzem sentidos sobre si mesmas nos programas produzidos como direito de resposta? Pretende-se analisar quais são os temas e sujeitos abordados nos programas; verificar se os programas contribuem para a produção de sentidos; examinar de que forma eles abordam as religiões de matriz africana que difere da Rede Record, refletir sobre a importância de dar visibilidade e direito de voz as religiões de matriz africana para o reconhecimento do pluralismo étnico e cultural e a garantia do direito à diferença, conquista feita a partir da ação coletiva dos novos atores sociais, os direitos dos povos tradicionais de matriz africana, inserem-se no novo quadro de políticas de reconhecimento. Trata-se, na verdade, de “velhas” demandas, mas que neste momento histórico ganham a força do reconhecimento das identidades culturais, do direito de ser e praticar as tradições africanas, em seus territórios sagrados.

O objetivo da dissertação é analisar como os povos de matriz africana elaboram sua identidade, dentro um espaço que historicamente renega suas raízes e crenças, e se eles conseguem aproveitar esse espaço para esclarecer e mostrar como de fato são suas religiosidades, e desmitificar a demonização que é feita pela sociedade principalmente, pela rede de televisão Rede Record. Se, esse espaço contribuiu para realçar a identidade desses povos que sempre foram renegados pelos espaços de destaque.

A partir da análise dos programas elaborados para a efetivação do direito de resposta, a dissertação terá como percurso metodológico as seguintes indagações: O programa foi bem aproveitado para realizar o direito de resposta? A produção de sentido estava bem articulada?

Portanto, o trabalho se propõe a discutir a produção de sentidos dos povos de matriz africana a partir dos programas produzidos pelo direito de resposta à Rede Record, desenvolver conceitos como identidade, cultura e representação, dentro dos Estudos culturais, oferecendo reflexões para o trabalho proposto a partir da análise de cada programa exibido. Além de mostrar os aspectos das religiões de matriz africana e sua estrutura no Brasil. E diante disso, analisar os quatro programas exibidos na Rede Record.

Os programas foram produzidos pela Instituto de Defesa dos Direitos das Religiões Afro-Brasileiras- IDAFRO, sob a coordenação geral e chefia das pautas, foi responsabilidade do advogado do caso, Dr Hédio Silva Júnior, com apresentação e locução da jornalista, Cláudia Alexandre, e diversos grupos de matriz africana fizeram parte da construção dos programas. Os vídeos estão disponibilizados no canal do youtube da IDAFRO. O programa foi intitulado “A voz das religiões” e contou com quatro episódios temáticos: Justiça; Brasil; Cultura e Comportamento. O programa foi exibido na Rede Record, a partir de julho setembro de 2019, às terças-feiras, às 2h30 da manhã, com duração de 20 minutos cada.

Os capítulos da dissertação foram divididos em três: o segundo capítulo teórico, em que serão discutidos conceitos dos estudos culturais, a partir de estudos de autores como Maria Elisa Cevalco, Tomaz Tadeu da Silva, e principalmente o autor Raymond Williams atrelados ao trabalho e também, a partir de autores como Marco Aurélio Luz, Alessandra Nascimento, a construção dos povos de matriz africana no Brasil e a suas nuances no que diz respeito a sua construção de identidade, que muitas vezes lhe é negada pelo preconceito e racismo da sociedade brasileira. Os outros dois capítulos serão dedicados a análise dos quatro programas produzidos. O terceiro capítulo engloba o primeiro e segundo programa: Justiça e Brasil quarto analisa os dois últimos programas: Cultura e Comportamento. E, por fim, as considerações finais, trazendo questionamentos relevantes sobre a pesquisa, indagações, e levantamento de novos problemas.

O trabalho pretende analisar quais são os temas e sujeitos abordados em cada um dos programas; averiguar se os programas contribuem para a construção da identidade dos sujeitos, analisar de que forma eles abordam as religiões de matriz africana e, ainda, refletir a importância de um programa que dá voz àqueles que muitas vezes não possui espaços de fala dentro de uma programação de televisão.

Um ponto central da análise é identificar os elementos mais fortes nos programas, como

frases e cenas que evidenciam a força dos discursos construídos. São observadas cenas de resistência, quando os sujeitos afirmam sua religião, mostrando os choques de valores e narrativas que marcam os espaços de visibilidade dessas religiões na mídia. Pergunta-se, nesse ponto, qual identidade é construída para os sujeitos por meio dessas representações e de que forma os significados são produzidos para o público.

Do ponto de vista comunicacional, a análise verifica se há uma comunicação clara e contextualizada, capaz de apresentar as práticas das religiões de matriz africana sem estereótipos. Por fim, o direito de resposta é analisado como um espaço de visibilidade para as identidades historicamente marginalizadas, funcionando como uma forma de reparação simbólica e reconhecimento cultural. O direito de resposta reorganiza os significados previamente construídos pelos programas e como atua no público em termos de reconstrução de representações.

Quais seriam nesse contexto os elementos mais fortes e importantes dentro dos programas para a construção desses sujeitos dentro do espaço midiático? Em que cena? De que forma são mostrados os valores das religiões de matriz africana? Os contextos em que são feitas as mediações.

Analisar se o programa consegue de forma clara expor seu conteúdo, contextualizar e transmitir o conhecimento sobre essas religiões, bem como ser significativo para as religiões de matriz africana, enquanto um espaço de resistência e visibilidade, na construção de identidade e sujeitos, por meio de suas representações.

OS ESTUDOS CULTURAIS NAS ENCRUZILHADAS

Estudos Culturais, Representação e Identidade

Os Estudos Culturais constituem uma corrente de pensamento dedicada à análise das relações entre cultura, arte e sociedade, considerando a maneira como esses fenômenos se articulam com os processos sociais, históricos e políticos. As reflexões desenvolvidas nesse campo fornecem a fundamentação teórica para a análise proposta neste trabalho. Nesse sentido, conceitos como cultura, identidade e representação tornam-se fundamentais para compreender a produção de significados e as disputas simbólicas presentes nas dinâmicas sociais.

Os estudos culturais baseiam-se no entrelaçamento entre arte e sociedade e que, a partir destes, é possível produzir reflexões de como a primeira e a segunda sofrem influência dos processos sociais da qual fazem parte e como estes sofrem influência dos primeiros. Como aponta Cevalasco (2003):

A posição teórica dos estudos culturais se distingue por pensar as características da arte e da sociedade em conjunto, não como aspectos que devem ser relacionados mas como processos que têm diferentes maneiras de se materializar, na sociedade e na arte. Os projetos artísticos e intelectuais são constituídos pelos processos sociais, mas também constituem esses processos na medida em que lhe dão forma. (CEVASCO, 2003, p.64)

Autores que se dedicam à análise dessa corrente destacam que sua constituição esteve vinculada a demandas políticas e sociais concretas, especialmente à democratização do acesso à educação.

Os estudos culturais começaram como um empreendimento marginal, desconectado das disciplinas e das universidades consagradas, e começaram não porque este ou aquele intelectual os inventou, mas a partir da necessidade política de estabelecer uma educação democrática para os que tinham sido privados dessa oportunidade. (CEVASCO, 2003, p.62)

Ao se dedicarem à análise das artes, os autores vinculados a essa corrente teórica ampliam a discussão para além da obra artística em si, buscando compreender as relações que ela estabelece com a cultura e com os processos sociais. Ou seja, a arte não é entendida apenas como reflexo das determinações econômicas e sociais de determinado contexto histórico, mas também como uma prática capaz de produzir e fazer circular significados, valores e representações. A cultura assume um papel ativo na vida social participando da construção de sentidos e das formas pelas quais os sujeitos interpretam e experienciam a realidade.

A sociedade constitui o espaço em que essas relações se desenvolvem e são continuamente transformadas. Então, arte, cultura e sociedade, mesmo que possuam especificidades próprias, mantêm entre si relações dinâmicas e permanentes, influenciando-se mutuamente no decorrer dos processos históricos e sociais.

Há duas concepções de cultura: a de que é um fenômeno pertencente a toda e qualquer sociedade humana, proveniente principalmente das ciências sociais, mais especificamente antropologia, e a concepção da ideia de cultura enquanto fenômeno pertencente a uma classe especial que é responsável pelas artes, conhecimento, e todos os aspectos que são considerados caros para a sociedade ocidental. “Uma de suas acepções de antes da guerra, a da distinção social, cultura como posse por parte de um grupo seleto, começa a desaparecer e dar lugar à preponderância do uso antropológico, cultura como modo de vida (CEVASCO, p.11, 2003).

Williams, de acordo com Cevasco, quando aborda estes aspectos, se propõe a trabalhar com a ideia de cultura como modo de vida, ou seja, um aspecto da vida que pertence a todo e qualquer indivíduo que se encontra na sociedade, independente das suas condições materiais. Ele fala de cultura comum. Ao falar de cultura comum, ele trabalha com a ideia de que não existe alta cultura e baixa cultura e cultura de minoria, A cultura está ativamente dentro de uma sociedade, ela não deve ser considerada a parte, mas sim como parte integrante do todo.

As posições de Williams tem de deslocar para poder dar um passo adiante em relação à tradição de cultura e sociedade. Sua proposição é de uma cultura comum. Essa concepção depende de uma visão que ele não inclui na da tradição, a de que a cultura é de todos, que não existe uma classe especial, ou um grupo de pessoas, cuja tarefa seja a criação de significados e valores, seja em sentido geral, seja no sentido específico das artes e do conhecimento; estes seriam uma codificação de uma posse comum. (CEVASCO, p. 19, 2003)

Essa cultura comum é uma proposta para facilitar o acesso das pessoas não só ao conhecimento, mas também aos meios de produção cultural. Portanto, seria uma alternativa a cultura que está posta, a cultura fragmentada e acessível a poucos, e produzidas por uma elite intelectual.

Na visão de Williams, não há nenhuma possibilidade de se chegar a uma cultura comum por meio da difusão e extensão dos valores de um grupo específico a todos os outros. Dada a sociedade que temos, esses valores seriam certamente os da classe dominante. A questão é dar condições para que todos sejam produtores de cultura, e não apenas consumidores de uma versão escolhida por uma minoria. (CEVASCO, p.54, 2003)

Para além de entender os Estudos Culturais a partir do conceito de comunicação, se faz necessário para esta pesquisa conceitos chaves como identidade e representação. Conceitos

estes, que colaboram para entender os sujeitos como eles são e como são vistos, tanto na sociedade quanto nos meios de comunicação.

A representação segundo Silva (2008) é um sistema de significação, em que pode ser atribuído algum sentido, seja linguístico seja cultural. Além disso, o sistema de representações ele é arbitrário e está diretamente ligado às relações de poder. E ainda, é por meio da representação que os significados são produzidos:

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e aquilo que somos (SILVA, 2008, p.17)

Já o conceito de identidade ocupa nessa teoria papel fundamental para explicar a luta por reconhecimento, e também será o ponto de referência deste trabalho, sendo compreendida como:

Utilizo o termo 'identidade' para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos 'interpelar, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode 'falar'. As identidades são, pois pontos de apego temporário às posições-desujeito que as práticas discursivas constroem para nós. Elas são o resultado de uma bem-sucedida articulação ou 'fixação' do sujeito aos fluxos do discurso. (HALL, 2008, p.112).

Assim, podemos entender que a construção da identidade se dá por meio das relações sociais e culturais dos sujeitos ao longo de sua vida, contando com as suas experiências e relações vividas. Para, além disso, a identidade também está relacionada com as relações de poder e as construções narrativas.

A identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo, a identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder (SILVA, 2008, p.96).

Portanto, podemos entender que é a partir de uma identidade cultural, que tenha características divergentes e fragmentadas que os sujeitos se constroem e localizam em contexto social. Para tanto, é necessário o reconhecimento das diferenças no processo de construção de identidades. “As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social” (WOODWARD, 2008, p.39).

Seguindo esse entendimento, compreende-se a identidade como um processo de luta, em que as relações de poder podem sufocar o reconhecimento da diversidade naturalizando

preconceitos e acentuando discriminações, ao mesmo tempo, em que a identidade pode assumir um papel de emancipação.

A política de identidade concentra-se em afirmar a identidade cultural das pessoas que pertencem a um determinado grupo oprimido ou marginalizado. Essa identidade tornar-se, assim, um fator importante de mobilização política. Essa política envolve a celebração da singularidade cultural de um determinado grupo, bem como a análise de sua opressão específica. (WOODWARD, 2008, p.34).

Portanto, a política da identidade é importante para que se possa afirmar uma identidade cultural dos sujeitos, que fazem parte de um determinado grupo, celebrando assim a singularidade de uma cultura, bem como uma análise de sua opressão dentro da sociedade (WOODWARD, 2008, p.39).

A relação entre os Estudos Culturais e a televisão, na perspectiva de Raymond Williams (2016), que fundamenta-se na compreensão da cultura como prática social, histórica e material. Nessa abordagem, a televisão não é considerada apenas um instrumento técnico de transmissão nem uma força autônoma capaz de determinar as transformações sociais. Ela constitui uma forma cultural produzida no interior de relações econômicas, políticas e institucionais, participando da organização da vida cotidiana e da circulação de valores e representações. “Seu poder como meio de comunicação de notícias e de entretenimento tornou-se tão grande que alterou todos os meios de comunicação de notícias e de entretenimento anteriores”. (WILLIAMS, 2016, 24).

Ao formular conceitos como fluxo televisivo e privatização móvel, Williams demonstra que a análise da televisão deve considerar não apenas os programas isoladamente, mas também a programação contínua, as condições de produção, os usos sociais da tecnologia e as disputas envolvidas na construção dos significados. Assim, a televisão torna-se um objeto privilegiado dos Estudos Culturais, pois permite compreender como cultura, comunicação e poder se articulam na sociedade contemporânea. “Não há dúvida de que a radiofusão como um todo, e a televisão em especial, ampliou notavelmente as formas de discussão e debates públicos. Todas as formas anteriores, nas grandes sociedades, foram mais limitadas em caráter e dimensão”. (WILLIAMS, 2016, p. 60).

A televisão ocupa uma posição central nessa perspectiva porque faz parte da vida cotidiana e participa da produção e circulação de representações sociais. Ela não deve ser estudada somente como veículo que transmite conteúdos, mas como uma instituição, uma tecnologia e uma prática cultural relacionada a interesses econômicos, decisões políticas, formas de organização social e disputas pela produção dos significados. E, a partir das análises

de produção e recepção, a televisão, como mediação “lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e expressividade da televisão”. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p.304)

Religiosidade de Matriz Africana

As religiões de matriz africana constituíram-se no Brasil no contexto histórico da escravidão, marcado pela chegada forçada de povos africanos pertencentes a diferentes etnias e tradições culturais e religiosas. Inseridos em um mesmo território, esses grupos passaram a estabelecer relações não apenas entre si, mas também com outras formas de religiosidade já presentes na sociedade colonial. Silva (1994), ao discutir a formação histórica das religiões afro-brasileiras, destaca que sua constituição deve ser compreendida a partir do contato entre diferentes matrizes religiosas: “para falar das origens das religiões afro-brasileiras é preciso descrever o encontro destes três tipos de religiosidade, postos em contato com o descobrimento do Brasil: o catolicismo, as crenças indígenas e as religiões de várias etnias africanas” (SILVA, 1994, p. 19).

A formação dessas religiões ocorreu em meio a processos de contato, reelaboração e ressignificação de práticas religiosas, envolvendo principalmente as tradições de origem africana e suas relações históricas com o catolicismo e as crenças indígenas.

O negro liberto passa, em maior número, a conviver nos centros urbanos. Num contexto onde só se podia “ser católico”, o negro não teve outra solução que africanizar o cristianismo, desta forma recriar os espaços sociais necessários à sua própria coesão grupal e à constituição de novas táticas de luta contra a escravidão, formando correntes de libertação de compras de cartas de alforria por meio de irmandades leigas de Santa Efigênia, São Benedito, Nossa Senhora do Rosário, etc. (LUZ, 2002, p.36)

Segundo Nascimento (2010), as pessoas negras escravizadas trazidas para o Brasil eram provenientes de diferentes regiões do continente africano. Ao chegarem ao país, foram distribuídas por distintas localidades e deliberadamente separadas de seus povos e grupos étnicos, estratégia utilizada para dificultar a comunicação, enfraquecer os vínculos coletivos e impedir a organização de rebeliões. Esse processo também buscava desarticular suas crenças e práticas religiosas, facilitando a catequização e a conversão ao catolicismo, com o objetivo de levá-las a abandonar suas tradições religiosas de origem africana.

No decorrer da História do Negro no Brasil, sabemos que duas etnias (grupo com culturas e origens comuns) predominaram no tange ao desembarque de escravos negros africanos nas costas brasileiras: os bantos e os sudaneses.

Os bantos (angolas, caçanjes e bengalas, etc.) cuja vinda se deu entre fins do séc. XVI perdurando até XIX, especialmente para as regiões de Minas Gerais e Goiás e do qual se estima tenha vindo o maior número de escravos oriundos de regiões onde se localizam atualmente o Congo, Angola e Moçambique, e que exerceu maior influência sobre a cultura brasileira, tendo deixado marcas na musicalidade, na língua, no paladar, e na religiosidade; E Os sudaneses (iorubas ou nagôs, jejes, fanti-achanti; haussás e mandigas- islamizados, etc.) originários da África Ocidental onde hoje se localizam a Nigéria, Benin (ex-Daomé) e o Togo e que em sua entrada no Brasil, em meados do século XVII perdurando até a metade do século XIX, se concentraram nas regiões açucareiras, sobretudo, Bahia e Pernambuco.

Em decorrência das relações de acordos, alianças ou de dominação entre reinos africanos, era comum no continente africano que cultos e divindades se difundissem de uma região para outra [...] (NASCIMENTO, 2010, p. 887).

O catolicismo criou as chamadas Irmandades Negras, para que os negros fossem devotos dos santos católicos e abandonassem suas crenças, além de evitar a união e a possível rebelião dos negros escravizados.

Para manter os antagonismos tribais e evitar a união dos escravos numa possível rebelião, as autoridades deram apoio a reagrupamentos mais organizados, criando as irmandades, congregações religiosas nas quais os povos de cor, escravos ou libertos, se identificavam como membros de uma mesma etnia - um parentesco talvez duvidoso, mas em que eles encontravam o apoio de uma estrutura social. Tanto nos batuques como nas folias, essa estrutura compensava em parte o quadro familiar praticamente destruído. Sob a fachada dos santos católicos, essas associações permitiram que se substituísse a noção de parentesco de sangue pelo parentesco étnico, restabelecendo uma ligação afetiva com o grupo e favorecendo o resgate de um certo patrimônio cultural e religioso (COSSARD, 2008, p.27).

Por meio dessas irmandades, os negros escravizados tentavam conservar suas raízes em meio à brutalidade da escravidão, e poderiam cultivar suas divindades traduzidas em forma dos santos católicos. “a re-significação das irmandades de homens pretos por parte dos escravos fez com que estas se tornassem referências de apoio mútuo e de resistências da cultura e da religiosidade negro-africana à escravidão”. (KATRIB, 2010, p. 71).

Foi por meio dos chamados calundus que, até o século XVIII, a população negra encontrou formas de organização e resistência que possibilitaram a continuidade de seus cultos ancestrais e de suas tradições religiosas. Essas práticas são consideradas importantes antecedentes dos espaços que posteriormente se consolidariam como terreiros de candomblé. Segundo Silva, “parece ter sido calundu, termo de origem banto, que ao lado de outros como batuque ou batucajé designava e abrangia imprecisamente toda sorte de dança coletiva, cantos e músicas acompanhadas por instrumentos de percussão, invocação de espíritos, sessão de possessão, adivinhação e cura mágica”. (SILVA, 1994, p. 43).

Para tanto, os terreiros se tornaram lugares em que os negros poderiam reconstruir sua identidade, suas heranças e suas tradições, que sofreram influências das religiões que aqui encontraram. Assim, esses espaços se tornaram locais de encontro, lazer e solidariedade, que passaram a ser frequentados por diversas pessoas.

os terreiros foram o foco de congregação e rearticulação de uma vasta gama de saberes científicos, tecnológicos, artísticos, artesanais, políticos, econômicos e espirituais dos povos africanos que foram capturados e trazidos à força para o Brasil na condição de escravos. Fiéis, porém, à sua perspectiva universalista, inclusiva, agregadora e aberta, os terreiros sempre combinaram, para sua preservação como foco de tradições religiosas afro-brasileiras, os saberes tradicionais africanos com os saberes tradicionais europeus e saberes indígenas. Foram gerando, ao longo de mais de dois séculos, um modo de vida em que há lugar para todos, existe abrigo para todos, comida para todos, ocupação e trabalho para todos, respeito para todos, porque todos os seres humanos têm um ori e todo ori tem seus orixás de guia. Todos têm orixá, ou vodum, ou inquice, ou qualquer outro tipo de entidade. Todas as entidades devem ser reverenciadas e todas as entidades exigem oferendas e demandam símbolos e objetos que sejam suporte do contato humano com elas. (CARVALHO, 2011, p. 55)

Portanto, o processo de formação dessas religiões teve influências diversas, além de lutas constantes para a manutenção das suas tradições e crenças, lugar de resistência contra uma cultura imposta do europeu colonizador. Pelo seu passado e sua origem essas religiões sofreram e sofrem até hoje com perseguições e ataques por todo o país.

Minha suspeita é de que o que incomoda nas religiões de matrizes africanas são exatamente o caráter de que elas mantenham elementos africanos em sua constituição; e não apenas em rituais, mas no modo de organizar a vida, a política, a família, a economia etc. E como o histórico racista em nosso país continua, mesmo com o fim da escravidão, tudo o que seja marcado racialmente continua sendo perseguido. (FLOR DO NASCIMENTO, 2016, p.15)

Diante da predominância institucional do catolicismo e da limitada efetividade da liberdade religiosa para as tradições de origem africana, a população negra desenvolveu estratégias de ressignificação das práticas e estruturas religiosas europeias presentes no Brasil. Esse processo possibilitou a preservação de referências culturais africanas, a afirmação de uma identidade coletiva e a criação de espaços de sociabilidade indispensáveis ao fortalecimento dos vínculos comunitários e à construção de sua existência social. (LUZ, 2002).

o desenvolvimento das religiões de matriz africana foi marcado pela necessidade de criar estratégias de sobrevivência e diálogos frente às condições adversas. Foram perseguidas pela Igreja Católica ao longo de quatro séculos, pelo Estado Republicano, sobretudo na primeira metade do século XX, quando este se valeu de órgãos de representação policial e de serviços de controle social e higiene mental, e, finalmente, pelas elites sociais num misto de desprezo e fascínio pelo exotismo que sempre esteve associado às manifestações culturais dos africanos e seus descendentes no Brasil.[...] (SILVA, 2007, p. 23-24).

As estratégias de resistência elaboradas pela população negra no Brasil foram fundamentais para a continuidade de seu processo civilizatório, sustentado especialmente por valores religiosos. A religiosidade assumiu uma função libertadora, contribuindo para a afirmação e a sobrevivência de povos submetidos às condições violentas impostas pelo imperialismo e pelo colonialismo, sistemas historicamente marcados por práticas de extermínio e genocídio.

Em nossa sociedade as religiões de matriz africana sofrem cotidianamente com ataques, ofensas e discriminações. Em, 2020, por exemplo, o presidente da Fundação Palmares, Sérgio Camargo deferiu ataques a Mãe Baiana, uma mãe de santo do distrito federal, dizendo que ela havia feito macumba para ele e que ela estaria planejando uma invasão à fundação. O presidente da Fundação ainda se referiu aos praticantes da religião como macumbeiros, termo pejorativo utilizado para discriminar os afro religiosos.

As violações contra as religiões afro-brasileiras – inclusive em caso de ataques a indivíduos em função de sua identificação afrorreligiosa – são reflexos do racismo na medida em que condenam essas religiões a inferiorização e até justificam socialmente os ataques, sobretudo quando efetuados pelas instituições estatais, devido a inferiorização a que estão sujeitas.(OLIVEIRA, 2017, p. 46)

Esse caso é apenas uma demonstração do que as pessoas da religiosidade de matriz africana enfrentam. O racismo religioso traduzido em formas de intolerância religiosa, faz parte do cotidiano dos seus praticantes, que muitas vezes são alvos de ofensas e até agressões físicas.

Por isso, penso que a expressão “intolerância religiosa” não é suficiente para entender o que acontece com as comunidades que vivem as religiões de matrizes africanas, pois não é apenas o caráter religioso que é recusado efetivamente nos ataques aos nossos templos e irmãos/os que vivem essas religiões. É exatamente esse modo de vida negro, que mesmo que seja vivenciado por pessoas não negras, que se ataca. Não se trata de uma intolerância no sentido de uma recusa a tolerar a diferença marcada pela inferioridade ou discordância, como podem pensar algumas pessoas. O que está em jogo é exatamente um desrespeito em relação a uma maneira africana de viver, (FLOR DO NASCIMENTO, 2016, p. 15)

O sistema educacional formal e diversas instituições ligadas à produção cultural, especialmente a televisão, frequentemente ocultam ou distorcem essa realidade por meio da difusão de discursos ideológicos que contribuem para silenciar, desvalorizar e reprimir a identidade cultural (LUZ, 2002). Muitas vezes, difundem informações estereotipadas, desqualificando tais religiões e assim, mantendo a intolerância religiosa que perpassa as religiões de matriz africana.

Essa política do branqueamento que caracteriza o racismo no Brasil se alimenta das ideologias das teorias e dos estereótipos de inferioridade e superioridade racial que se conjugam com a política de imigração européia, para “apurar a raça brasileira” e com a não legitimação, pelo Estado, dos processos civilizatórios indígenas e africanos, constituintes de identidade cultural da nação. Nesse âmbito, opera a ideologia do sincretismo, tentando apagar a pujança da cultura negra do povo brasileiro. (LUZ, 2002, p. 159).

Ao discutir essa problemática, busca-se demonstrar que as manifestações culturais de origem africana, sobretudo aquelas relacionadas às práticas religiosas, continuam sendo alvo de abordagens depreciativas, preconceituosas e discriminatórias. Esse cenário revela que a consolidação do respeito à diversidade religiosa no Brasil ainda exige avanços significativos. Embora a sociedade brasileira tenha passado por importantes transformações históricas e sociais, o preconceito e a intolerância contra as religiões de matriz africana permanecem presentes. Em muitos casos, essas práticas são reforçadas por determinados grupos de orientação cristã e justificadas por discursos que reivindicam uma suposta superioridade ou autenticidade religiosa. (CALEIRO;MOTA, 2008).

O LEGADO DE XANGÔ: A LUTA CONTRA A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

Neste terceiro capítulo iremos tratar da discussão dos dois primeiros programas que abordam sobre o processo jurídico que desencadeou o direito de resposta, intolerância religiosa e elementos valorativos dessa religiosidade, como a música. O primeiro exibido no dia nove de julho, com reprises em seis de agosto e três de setembro de dois mil e dezenove; e o segundo no dia dezesseis de julho, com reprises dias treze de agosto e dez de setembro,

As exibições trazem como foco a intolerância religiosa, e, portanto, o título em questão remete ao orixá Xangô, que para as religiões de matriz africana é o símbolo da justiça, tendo ligação direta: a luta por direitos dessas religiões dentro de um quadro de exclusão e preconceito dentro de uma sociedade intolerante.

Esses programas são focados no tema da intolerância religiosa, os preconceitos vividos pelos adeptos dessas religiões, e também apresentam como foi o processo contra a Rede Record que resultou no direito de resposta, e como foram os desdobramentos desse processo.

Os elementos de análise deste capítulo estão voltados para a maneira como os programas tratam o direito de resposta, a ocupação desse espaço midiático, as representações ali construídas e a interação estabelecida com o público. Além disso, examina-se de que modo os adeptos das religiões de matriz africana foram apresentados, ouvidos e inseridos nesse espaço, tornando-se sujeitos de representação e podendo expor suas lutas cotidianas diante da intolerância religiosa que enfrentam. Também se busca identificar se, ao longo dos programas, estão presentes símbolos, discursos e referências que remetem a essas tradições religiosas.

O programa é apresentado pela jornalista e também umbandista Cláudia Alexandre, que faz a mediação dos quatro programas. Cada programa apresenta quatro convidados diferentes para discutir assuntos relacionados ao tema daquele programa. O primeiro programa “Justiça”, conta com a participação do advogado Dr. Hédio Silva Júnior, Pai Alabiy Ifakoya sacerdote de religião de matriz africana, Pai Cássio Ribeiro, presidente da Federação de Umbanda e Cultos Afro-Brasileiros de Diadema e o Dr. Daniel Teixeira, advogado do CEERT (Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades).

A vinheta de abertura do programa apresenta imagens e ilustrações de Orixás que atravessam a tela, acompanhadas por uma trilha sonora de fundo. Na sequência, o programa se inicia com uma montagem composta por diferentes depoimentos de sacerdotes das religiões de

matriz africana. Por meio de cortes sucessivos, essas falas ressaltam a luta cotidiana contra a intolerância religiosa e a importância do enfrentamento às práticas de discriminação dirigidas a essas tradições.

Em seguida, a imagem é substituída por uma tela preta, na qual são apresentadas informações relativas ao Direito de Resposta. Nesse momento, a trilha sonora dá lugar ao som dos tambores, com destaque para o toque do atabaque associado ao Orixá Xangô. A presença desse elemento sonoro adquire especial relevância simbólica, uma vez que Xangô é reconhecido, nas tradições religiosas de matriz africana, como Orixá relacionado à justiça. Sua figura foi evocada em diferentes momentos do processo que resultou no Direito de Resposta, inclusive pelo advogado responsável pelo caso, Dr. Hédio Silva Júnior.

Na continuidade da abertura, são exibidas fotografias de manifestações e mobilizações relacionadas à luta contra a intolerância religiosa. A câmera se desloca para o estúdio, revelando a apresentadora, os convidados e a plateia. O toque dos tambores permanece ao fundo enquanto o público acompanha o ritmo com palmas, estabelecendo uma articulação entre a linguagem sonora, a participação da plateia e os elementos simbólicos presentes na cena.

Após a interrupção dos tambores, a apresentadora Cláudia Alexandre dirige-se ao advogado Dr. Hédio Silva Júnior, dando início ao desenvolvimento propriamente dito do programa

O segundo programa “Brasil”, Cláudia Alexandre traz como convidados para discutir: Nasi, cantor e compositor, ex vocalista da banda Ira; Egbomi Conceição Reis de Ogum, sacerdotisa de candomblé e ativista social; Ya Luciana de Oya, sacerdotisa de candomblé, Sacerdote Alexandre Cumino, escritor, teólogo e sacerdote de umbanda.

A vinheta de abertura mantém a mesma composição apresentada no programa anterior, com imagens e ilustrações de Orixás que atravessam a tela, acompanhadas por uma trilha sonora de fundo.

Na sequência, a abertura apresenta imagens de fogos de artifício, enquanto a narração estabelece uma relação entre as celebrações de Ano-Novo e práticas vinculadas às religiões de matriz africana que, muitas vezes, são incorporadas ao cotidiano sem que sua origem religiosa seja reconhecida. Entre essas práticas, são mencionados o costume de pular sete ondas, vestir roupas brancas e oferecer flores a Iemanjá. A narrativa destaca que esses gestos são realizados por pessoas de diferentes religiões, evidenciando a presença de elementos das tradições afro-brasileiras em práticas amplamente difundidas na sociedade.

Em seguida, a câmera se desloca para o estúdio. Nesse momento, inicia-se um canto em língua iorubá dedicado a Exu, no contexto do Candomblé de nação Ketu. As pessoas presentes

no estúdio se levantam para saudá-lo, conferindo à cena um caráter ritual e simbólico. Paralelamente, são exibidas, no rodapé da tela, informações relacionadas à escravidão, à formação dos terreiros e à presença histórica das religiões de matriz africana no Brasil.

Posteriormente, o foco da câmera se volta para duas mulheres que estão na plateia. Ambas apresentam depoimentos sobre a importância de poderem professar livremente sua fé, inserindo na narrativa televisiva experiências pessoais relacionadas à liberdade religiosa e ao reconhecimento de suas tradições.

Ao longo dessa sequência, são realizados diversos cortes de câmera que mostram a plateia e destacam as vestimentas, os adornos e outros elementos associados às religiões de matriz africana. Esses enquadramentos conferem visibilidade às formas de expressão identitária presentes no espaço do programa e reforçam visualmente a diversidade dos participantes.

Na sequência, a apresentadora convida ao palco os participantes responsáveis pela discussão do tema daquele episódio. Assim como nos demais programas da série, o debate é estruturado a partir da presença de quatro convidados, dispostos de maneira circular. A composição do grupo varia a cada edição e reúne representantes religiosos, praticantes, pesquisadores e outros sujeitos relacionados ao tema abordado. Essa organização permanece como uma característica recorrente do formato do programa, criando um espaço de diálogo entre diferentes experiências, saberes e perspectivas.

O processo jurídico que deu origem ao direito de resposta e, conseqüentemente, à produção desses programas, incorporou entrevistas com diferentes atores institucionais que participaram direta ou indiretamente da ação, entre eles o Dr. Hédio Silva, desembargadores, juízes, procuradores e advogados envolvidos no julgamento.

A partir desses relatos, torna-se possível compreender os desdobramentos de um processo que se prolongou por anos, bem como a mobilização dos povos e comunidades de matriz africana em torno da defesa da liberdade religiosa e da laicidade do Estado Democrático de Direito. Ao reunir depoimentos de lideranças religiosas e de adeptos que participaram dessa trajetória de resistência, a produção evidencia não apenas a dimensão jurídica do caso, mas também seus aspectos políticos, sociais, culturais e religiosos.

A todo momento remete ao orixá da justiça, Xangô, sempre trazendo essa divindade como elemento central da luta, e representatividade do resultado da ação judicial. Ele representa a vitória do povo de santo, frente a intolerância religiosa e aos diversos ataques sofridos por essas religiões de matriz africana pela rede de televisão. Também, torna-se importante, a relevância durante os 15 anos de luta até conseguirem o direito de resposta.

Foram repetidas mensagens, narrativas de ofensas as religiões afrobrasileiras, veiculadas nessa emissora que nós estamos indo ao ar hoje, e nós então ingressamos primeiramente com uma representação. O nosso eterno deputado Tiãozinho do PT foi um dos articuladores dessa representação. Por meio da representação, esta emissora e a outra emissora que é parte na ação, recusaram o pedido administrativo de resposta, e então em parceria com o Ministério Público Federal nós ingressamos com um direito de resposta coletivo, que talvez tenha sido uma das ações que mais tempo se prolongou no Brasil. Porque na primeira instância, ela levou 15 anos pra ser julgada. E depois mais dois anos de apelação. E aí nós então ao invés de aguardar que os recursos para Brasília fossem julgados, por iniciativa do Ministério Público Federal, nós assinamos um acordo, e é o acordo que garante que essa resposta hoje vá ao ar. (IDAFRO, 2019, 05 min 35s, Dr. Hédio, A voz das religiões)

As discussões abordam diferentes etapas do processo, incluindo as decisões judiciais, as falas de desembargadores, procuradores e juízes, além do papel desempenhado pelos advogados na condução da ação. Eles apresentam a entrevista dada, pelo juiz que deu a sentença, Dr. Djalma Moreira Gomes “Não é uma ação simples. É uma ação de relativa complexidade processual. Isto é, quem deve julgar, se deve executar agora, etc. São vários aspectos processuais que normalmente acarreta uma demora maior. (IDAFRO, 2019, 06 min53s, Dr. Djalma Moreira Gomes , A voz das religiões).

O programa discorre sobre como foi todo processo, faz menções a Rede Record, mas aqui o destaque é dado a importância da vitória, de como isso contribui positivamente para apresentar o público um pouco da luta desses povos que sofre, tantos ataques, preconceitos, e que por meio desse programa, puderam mostrar, quem são, sua identidade e pluralidade. Além de mostrar que eles podem e devem professar sua fé como todas as outras religiões, sem serem atacados, sem sofrerem intolerância, e que nenhum ataque a eles ficará impune.

Apesar dos ataques permanentes sofridos pelas religiões de matriz africana, nota-se que existe uma movimentação buscando unir forças para dar maior visibilidade à luta contra o racismo religioso. Mesmo com todo o sofrimento, intolerância e descaso do poder público e de uma parcela da sociedade, as religiões de matriz africana seguem resistindo e unindo forças para continuar reverenciando seus deuses e lutando ainda hoje pelos seus direitos. (FRANCO, 2021, p.14)

Imagens são exibidas no vídeo, a primeira delas, um pequeno resumo do que foi o processo, depois imagens de protestos, dos povos de matriz africana indo para as ruas reivindicar seus direitos e lutar pelas suas causas. Ao mesmo tempo em que as fotos são exibidas, ao fundo se escuta o toque do tambor, o toque, o ritmo que é tocado para o orixá Xangô, o orixá da justiça, acompanhado pelas palmas das pessoas que estão compondo a plateia.

Frame 1- Ação Direito de Resposta

No dia 03 de dezembro de 2003,
o CEERT - Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades,
o INTECAB - Instituto Nacional da Tradição e Cultura Afro-Brasileira
e o Ministério Público Federal ingressaram com a
Ação de Direito de Resposta.

Fonte: Frame do programa A voz das Religiões (IDAFRO, 2019)

Frame 2- Manifestação



Fonte: Frame do programa A voz das Religiões (IDAFRO, 2019)

Assim que cessa o som dos tambores, a apresentadora Cláudia Alexandre dirige a palavra ao Dr. Hédio e lhe indaga, perguntando-o se aquele seria o toque do orixá Xangô, o que é confirmado pelo mesmo.

E segue dando a palavra ao advogado do caso, Dr. Hédio Silva Jr. Assim, Dr. Hédio discorre sobre a injustiça, dignidade, respeito, e a menção ao orixá Xangô, o orixá da justiça.

Dr. Hédio: Pois é, Şàngó foi citado no Supremo Tribunal Federal, e foi muito bonito ver na fala dos ministros a citação a Şàngó. O símbolo de Şàngó remete a um símbolo universal de Justiça. E a ideia de senso de justiça num país plural como o nosso, significa que todos os grupos humanos, todos os grupos religiosos devem ter igualdade. Igualdade de tratamento, igualdade em dignidade, igualdade de respeito. Portanto, todas as vezes que nós, povo de aşé, nos reunimos, que nós nos indignamos contra a injustiça, todas as vezes que nós denunciemos a intolerância religiosa, nós estamos reverenciando e estamos honrando o legado de Şàngó. (IDAFRO, 2019, 01 min51s, Dr. Hédio, A voz das religiões)

Em seguida, eles trazem a parte do sistema judiciário para compor o programa, como testemunha frente aos direitos de liberdade religiosas. Para isso a fala do Procurador da República Sérgio Suiama” Mas uma vez nós estamos aqui então pra fazer valer o direito de resposta e fazer valer a democracia e a liberdade religiosa. (IDAFRO, 2019, 02 min 44s) Dr. Sérgio Suiama , A voz das religiões) E complementando com a fala da Procuradora Dra. Eugênia Favero “Somos diferentes, somos diversos, mas somos iguais em direitos e no exercício da cidadania.” (IDAFRO, 2019, 02 min 50s) Dr. Sérgio Suiama , A voz das religiões).

Eles ainda trazem mais um advogado do caso, que entrou com o processo contra a Rede Record. Ele não está no programa, a entrevista dele é fora do estúdio. Ele é mais enfático em suas palavras, mais indignado, coloca mais emoção, além de se colocar, e afirmar ser da religião

O programa faz um corte, com a vinheta do programa, e fora do estúdio entrevista um dos advogados do caso Dr. Antônio Basílio, que se encontra em um escritório, e não no espaço em que acontece o programa, e estabelece a ligação com a tramitação do Direto de Resposta

Obviamente a pessoa que não se contente com a decisão judicial de primeira instância sobe para o tribunal e assim sucessivamente. Nós achávamos que eles estavam dentro do direito, mas você veja bem, nós discutimos liminarmente, liminarmente 13 anos. Esse processo desceu da maior corte do Brasil, voltando pra primeira instância pra julgar mérito. Mérito ganhamos também. Subimos pro tribunal, fizemos tentativa oral no tribunal regional federal aqui de São Paulo. Ganhamos também por votação unânime, por votação unanime. Foi assim um sucesso. E dali pra cá achávamos que mais um recurso pra mais alta corte iria demorar muito. Porque essa ação é uma ação que diz respeito a nossa religião, a Umbanda e o Candomblé. Não é uma religião que... não é um assunto de interesse da sociedade. Portanto, essa ação iria ficar lá um bom

tempo. Então nós procuramos fazer um acordo, tá entendendo? E por fim a essa demanda.

(IDAFRO, 2019, 12 min08s, Dr. Antônio Basílio Filho:, A voz das religiões)

As manifestações de integrantes do sistema de justiça revelam uma leitura respeitosa e institucionalmente significativa da vitória no caso, compreendida como marco jurídico e histórico. As falas destacam a longa tramitação processual, o reconhecimento unânime da legitimidade da demanda em instâncias judiciais superiores, a mobilização social das lideranças religiosas e o potencial do julgamento para consolidar parâmetros constitucionais relacionados à liberdade religiosa.

Eu achei muito interessante que a OAB, através das suas comissões, comissão de direitos humanos mais especificamente né, ela enviou um ofício pedindo autorização para que, não só as mães mas os pais de santo pudessem assistir devidamente paramentados de branco né. Uma forma de mobilização social. Isso foi autorizado pela presidente e eles ficaram num auditório, não no próprio recinto do julgamento, mas com telões e foi um momento histórico. A gente considera isso como um momento histórico aqui no tribunal também, né. (IDAFRO, 2019, 14 min13s, Dra. Consuelo Yoshida, A voz das religiões)

E ainda acrescenta como esse caso pode abrir novas portas para futuros casos, e ajudar no combate a intolerância religiosa.

É interessante que nesse processo ele permite um enfrentamento de várias questões constitucionais, né. A liberdade de expressão, o direito a imagem, o direito a honra. Então essa jurisprudência, esse julgamento, pode impactar sim outros direitos constitucionalmente protegidos. (IDAFRO, 2019, 14 min52s,. Dra. Maria Cuccio: A voz das religiões)

O programa também recupera as manifestações públicas realizadas em resposta aos reiterados ataques midiáticos direcionados ao povo de santo, evidenciando a mobilização de lideranças religiosas, ativistas e apoiadores de diferentes crenças — inclusive representantes de outras tradições religiosas, como um padre presente na plateia.

Os depoimentos apresentados ao longo do programa revelam experiências de perseguição, ofensa e discriminação religiosa, ao mesmo tempo em que reafirmam a defesa da liberdade de crença e do direito de professar a fé sem medo. Lideranças religiosas, como Pai Alabiy Ifakoya e Pai Cássio Ribeiro, relatam os impactos emocionais das ofensas e destacam a morosidade do sistema judiciário na resolução de conflitos envolvendo intolerância religiosa.

Muitos traumas, né. eu acredito que não só pra mim, como sacerdote da religião, mas para muito dos meus irmãos que tinha que ouvir, né, aqueles, aquelas ofensas, né. eu

mesmo, na qualidade de sacerdote, eu sentia que algo ia vir a nosso favor. Porque Sàngó sempre esteve com a gente.

(IDAFRO, 2019, 01 min51s, Alabiy Ifakoya: A voz das religiões)

E Pai Cássio ainda destaca:

Quando Dr. Hédio, quando Tiãozinho, quando todos os presentes se movimentaram, eu tinha uma enorme esperança que nós iríamos vencer. Eu sabia da dificuldade, mas a esperança é algo que cala fundo dentro do coração do povo do santo, do umbandista. Então o dia viria a vitória, tardou mas chegou. Ase!

(IDAFRO, 2019, 01 min51s,. _Pai Cássio Ribeiro: A voz das religiões)

Do ponto de vista jurídico, Dr. Daniel Teixeira, representante do CEERT, enfatiza o caráter inédito da decisão, ressaltando sua relevância para a consolidação do direito de resposta como instrumento de enfrentamento ao racismo religioso.

Então, eu até queria ressaltar essa dimensão também porque havia um ineditismo nessa tese também, e que inclusive ficou cristalizado no julgamento, no TRF, isso independentemente do acordo e se instalar como julgado. Que é um direito de resposta manejado pela tutela coletiva. Que é esse palavrório jurídico: é você optar coletivamente por um direito de resposta a partir da lei de ação civil pública. De fato, quando a gente pensa coletivamente o exercício de direito é que a gente pode chegar mais longe. Por isso que eu tô muito emocionado. O desafio hoje aqui foi segurar a emoção, depois de tanto tempo, depois de toda essa história de luta e a gente coletivamente ter um desfecho que finalmente vai pro ar.

(IDAFRO, 2019, 01 min51s,. _Dr. Daniel Teixeira, A voz das religiões, A voz das religiões)

O programa cita o símbolo de Xangô, reafirmando a noção de justiça como princípio central tanto no campo jurídico quanto no religioso. Pai Cássio enfatiza a necessidade pela luta da justiça.

Para que a força de Sàngó se faça valer, é necessário que cada um de nós aqui presentes, foi necessário que aqueles que já se foram, será necessário que aqueles que virão tenham fé. A fé é o que nos move e é o que nos dá a certeza que a força de Sàngó e dos orixás jamais irá falhar.

(IDAFRO, 2019, 17 min07s, _Pai Cássio, A voz das Religiões)

Em determinado momento do programa, a narrativa é interrompida por um corte que direciona o foco para o babalaô Ivanir dos Santos, importante liderança das religiões de matriz africana, presente na plateia e trajando vestimentas características dessas tradições religiosas. A passagem entre as cenas é marcada por vinhetas, que organizam visualmente os diferentes momentos do programa.

A partir do estúdio, o entrevistador dirige-se a Ivanir dos Santos e questiona sobre a importância do Direito de Resposta. Em sua manifestação, o babalaô responde de forma incisiva, destacando o significado daquela conquista para a reafirmação da identidade dos povos de matriz africana. Sua fala enfatiza o Direito de Resposta não apenas como uma vitória jurídica, mas também como um importante instrumento de reconhecimento, visibilidade e afirmação identitária diante das representações historicamente construídas sobre essas tradições religiosas.

Nós temos que ter muita clareza que esse debate, ele envolve uma identidade diferenciada. Não só os religiosos de matriz africana, mas também do brasileiro. Então esse debate, essa vitória, é importante por isso. Porque nesse momento que você tenta reafirmar no Brasil a chamada civilização judaico cristã foi isso que foi dito na posse do presidente. Você tem os religiosos de matriz africana reafirmando uma cultura e uma civilização diferenciada. Nós estamos na era de Ifá no ano 10.060. a era dos Hebreus é 5.700 e alguma coisa. E a era cristã é 2000. Então, se você olhar por aí, quem é que copiou quem ou quem é que tenta acabar com a sabedoria de quem e querer impor um modelo que não tem nada a ver com o respeito a diversidade. (IDAFRO, 2019, 17 min01s, Babalaô Ivanir dos Santos, A voz das Religiões)

No programa, os representantes das religiões de matriz africana evidenciam suas identidades e constroem sentidos de pertencimento cultural. Assim, optam por não alimentar uma narrativa pautada no confronto, mas sim por fortalecer discursos que contribuem para o reconhecimento da pluralidade étnica, cultural e religiosa. Tal estratégia reflete sobre a importância da visibilidade e do direito de voz das religiões de matriz africana, como condição indispensável para o efetivo reconhecimento do pluralismo e para a garantia do direito à diferença no contexto de uma sociedade democrática.

O advogado Dr. Hédio Silva Júnior analisa a assimetria de poder entre grandes conglomerados midiáticos e as comunidades religiosas afro-brasileiras, apontando a importância da justiça como mediadora desses conflitos. Enquanto aqueles concentram recursos materiais, alcance comunicacional e produzir narrativas socialmente hegemônicas. Nesse quadro, a justiça assume papel central como instância mediadora dos conflitos, ao impor limites a práticas discriminatórias e afirmar a proteção da dignidade humana, da liberdade religiosa e do pluralismo como fundamentos da ordem democrática.

Nós estávamos lutando contra emissoras poderosas, que contratam advogados pelo país, não é? Que tem influência na política, que tem influência nos palácios do governo. E quem nós éramos contra esse poderio? Nós éramos pessoas que acreditavam na justiça, mas que os advogados nem de longe tem condições materiais, econômicas, de fazer frente ao poderio que essas emissoras têm. Eu diria que foi uma luta de Davi contra Golias. A junção da pressão política do povo de axé e a destreza dos advogados é que evitaram o não, mas nós com certeza poderíamos ter morrido na praia, tanto que a ação na primeira instância levou 15 anos até ter uma sentença.

(IDAFRO, 2019, 11 min09s, Dr. Hédio, A voz das religiões

A ocupação de um espaço em um conglomerado midiático de ampla projeção, como a Rede Record, constitui uma conquista relevante para os sujeitos das religiões de matriz africana, na medida em que possibilita sua inserção em um campo estratégico de produção, circulação e disputa de sentidos na esfera pública, sendo “lugar de uma luta que não se restringe à posse dos objetos, pois passa ainda mais decisivamente pelos usos que lhes dão forma social e nos quais se inscrevem demandas e dispositivos de ação provenientes de diversas competências culturais” (MARTIN-BARBERO, 2003, p.302)

A partir da perspectiva de Martín-Barbero, a televisão pode ser entendida como um espaço de mediação cultural, pois não apenas transmite conteúdos, mas participa da construção dos sentidos sociais atribuídos a grupos, práticas e identidades. As representações produzidas pela TV influenciam a maneira como a sociedade compreende determinadas culturas, podendo reforçar estereótipos ou abrir caminhos para o reconhecimento e a valorização de diferentes tradições.

Essa perspectiva aproxima-se das contribuições de Raymond Williams, para quem a televisão deve ser analisada como uma forma cultural inserida em processos históricos, sociais e econômicos mais amplos. A tecnologia televisiva não pode ser entendida de maneira isolada, como se produzisse automaticamente determinados efeitos sobre a sociedade, pois seus usos e significados são construídos no interior das relações sociais. “Seu poder como meio de comunicação social tornou-se tão grande que alterou muitas de nossas instituições e nossas formas de relações sociais”. (WILLIAMS, 2016, p. 24).

A televisão, portanto, integra a dinâmica da cultura e participa das disputas em torno da produção de significados, selecionando determinadas representações e conferindo maior ou menor visibilidade a diferentes sujeitos e grupos sociais ao estabelecer quais discursos, imagens e narrativas circulam socialmente. O meio televisivo também contribui para a legitimação ou para o questionamento de determinadas formas de representação.

No caso das religiões afro-brasileiras, a televisão tem um papel importante. Quando essas religiões aparecem de forma negativa, associadas ao medo, ao preconceito ou a estereótipos, a TV acaba contribuindo para reforçar o racismo religioso. Isso faz com que muitas pessoas passem a enxergar essas tradições de maneira distorcida.

Por outro lado, quando a televisão apresenta as religiões afro-brasileiras com respeito, mostrando sua história, seus saberes, suas práticas e sua importância para a cultura brasileira, ela pode ajudar no reconhecimento e na valorização dessas tradições.

Assim, com base em Martín-Barbero, podemos entender que a TV não é apenas um meio de comunicação. Ela também é um espaço onde ideias, imagens e opiniões sobre a sociedade são construídas, um lugar de mediações “dos lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram materialidade social e a expressividade cultural da televisão” (MARTÍN- BARBERO, 2003, p. 304). Por isso, a forma como a televisão representa as religiões afro-brasileiras pode combater ou reforçar preconceitos.

As religiões de matriz africana constroem sua produção de sentido no referido programa à medida que os sujeitos, suas identidades e suas lutas ganham centralidade, deslocando o foco da narrativa, que poderia se concentrar na emissora responsável pela ofensa — no caso, a Rede Record —, para uma perspectiva afirmativa e propositiva. Notavelmente, os representantes dessas tradições religiosas não utilizam o espaço midiático como instrumento de revide, mas, ao contrário, o ocupam para visibilizar suas formas de organização social e religiosa, além de expor as violências simbólicas e materiais que enfrentam cotidianamente no contexto da intolerância religiosa. O foco está muito mais em “Como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios” (SILVA, 2008, p.109)

Para que pudessem ser ouvidos, esse processo nasce de uma violência, de um lugar marcado pela intolerância. Como afirma Certeau, “por toda parte, de mecanismos sociais de seleção, de crítica, de repressão, mostrando-lhes que é sempre a violência que funda um saber. A história está nisso, ainda que não seja senão isto: o lugar privilegiado onde o olhar se inquieta.” (CERTEAU, 2012, p. 81). Assim, torna-se possível que esses sujeitos mostrem quem são, sejam escutados e compreendidos, e lutem por espaço e reconhecimento enquanto religião. Trata-se, portanto, de uma busca por tolerância e respeito às suas práticas religiosas, sem que estas sejam deturpadas, violadas ou impedidas.

A narrativa reforça temas como intolerância religiosa, liberdade de fé, justiça social e vitória coletiva das religiões de matriz africana, consolidando o caráter predominantemente jurídico do episódio, sem dissociá-lo de sua dimensão cultural, simbólica e ancestral, como conclui o advogado Dr. Hédio:

A pluralidade é nossa marca característica. Isso não nos faz diferentes nem inferiores em relação a qualquer outra religião. O que nós vamos fazer com essa pluralidade é que pode nos fortalecer. A maioria da macumba hoje, inclusive eu constatei isso em estatística é branca. E esses brancos, quando são identificados no trabalho, na universidade, etc. com a macumba, vão ser tratados que nem preto. Porque a marca que eles trazem, é a marca da religiosidade de preto. Então nós temos que fortalecer a nossa unidade, temos que fortalecer a unidade com a Umbanda. Temos que fortalecer a unidade própria inclusive dentro do Candomblé. É todo mundo macumbeiro, nego!

(IDAFRO, 2019, 17 min36s., _Dr. Hédio, A voz das Religiões)

O objeto está muito mais na luta e vitória dos povos de terreiro que fizeram história ao ganhar essa ação na justiça, fala dita diversas vezes ao longo do programa. Com muita emoção pessoas como Sinvaldo José Firmino:

Fundamental importância essa vitória pra dizer aos meios de comunicação, que nós estamos atentos a partir de agora, e essa luta não é das pessoas que estão aqui na frente. Essa luta é de vocês, que foram pra rua, muitos já não estão entre nós. E dizer o seguinte, nós vencemos. Respeito é tudo. Mexeu com um, mexeu com todos. Muito asê a todos. (IDAFRO, 2019, Sinvaldo José Firmino, 04 min 14s, A voz das religiões)

Como observa Sinvaldo Firmino, os sujeitos vinculados às religiões de matriz africana permanecem atentos às representações produzidas pelos meios de comunicação, assumindo uma postura crítica diante dos sentidos por eles difundidos. Nesse processo, as mediações deixam de ocupar uma posição meramente receptiva e passam a questionar os próprios meios, suas narrativas e seus modos de representação. Martín-Barbero afirma que “a própria noção de cultura, sua significação social, é o que está sendo transformado pela televisão e por seu modo de reprodução” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 310).

As mediações questionam os próprios meios porque demonstram que o sentido de uma mensagem não está dado somente por quem a produz ou pelo veículo que a transmite. O significado é construído também na recepção, nos usos sociais, nas trajetórias dos grupos, nas práticas culturais e nas formas como diferentes sujeitos interpretam, ressignificam ou resistem aos conteúdos recebidos.

A dinâmica cultural da televisão atua pelos seus gêneros. A partir deles, ela ativa a competência cultural e a seu modo dá conta das diferenças sociais que a atravessam. Os gêneros, que articulam narrativamente as serialidades, constituem uma mediação fundamental entre lógicas do sistema produtivo e as do sistema de consumo, entre a do formato e dos modos de ler, dos usos. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p.310)

A comunicação passa a ser entendida como um processo cultural e político. As mediações evidenciam que os sujeitos não apenas consomem discursos, mas também os interpretam, tensionam e transformam. Por isso, elas questionam os meios ao retirar deles o lugar exclusivo de produção de sentido e ao reconhecer que a cultura, a experiência social e a ação dos grupos subalternizados são fundamentais para compreender os processos comunicacionais

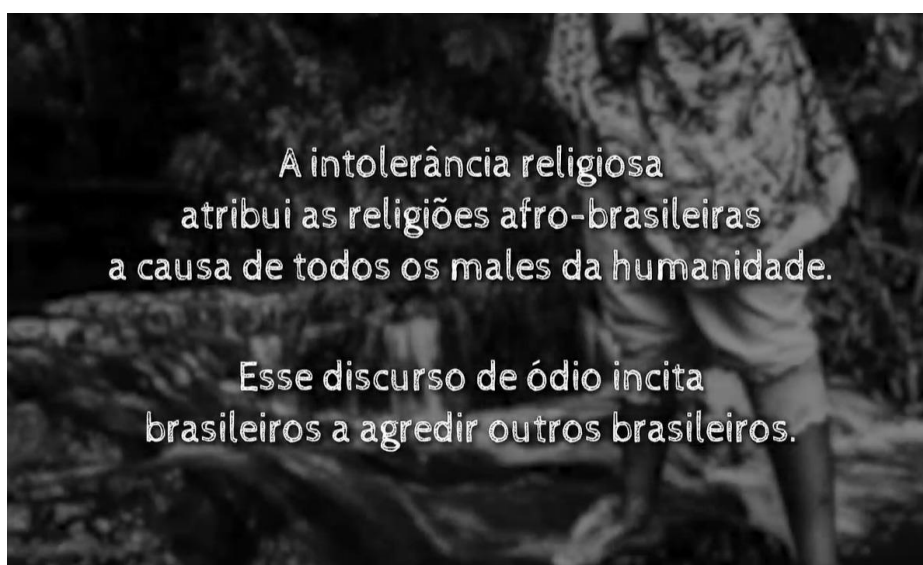
O foco está muito mais na luta pela justiça, de mostrar como foi todo o processo e a questão da intolerância religiosa e de como os líderes de adeptos dessas religiões de matriz africana pressionaram e lutaram para conseguirem o direito de resposta.

O programa mostra como as religiões afro-brasileiras sofrem com discursos de intolerância religiosa que as responsabilizam, de forma preconceituosa, por diversos males da sociedade. Esse tipo de discurso de ódio estimula a discriminação, a hostilidade e até agressões contra seus praticantes. Na tela são exibidas imagens acompanhadas de informações relacionadas à intolerância religiosa e à violência dirigida às religiões de matriz africana. Entre as mensagens apresentadas, as afirmações: “A cada 15 horas, um templo religioso afro-brasileiro sofre algum tipo de ataque”; “A intolerância religiosa atribui às religiões afro-brasileiras a causa de todos os males da humanidade”; e “Esse discurso incita os brasileiros a agredir outros brasileiros”.

As frases são simultaneamente narradas pela apresentadora Cláudia Alexandre, reforçando, por meio da associação entre imagem, texto e narração, a gravidade das práticas de intolerância religiosa e de seus efeitos sobre os adeptos e os espaços religiosos de matriz africana.

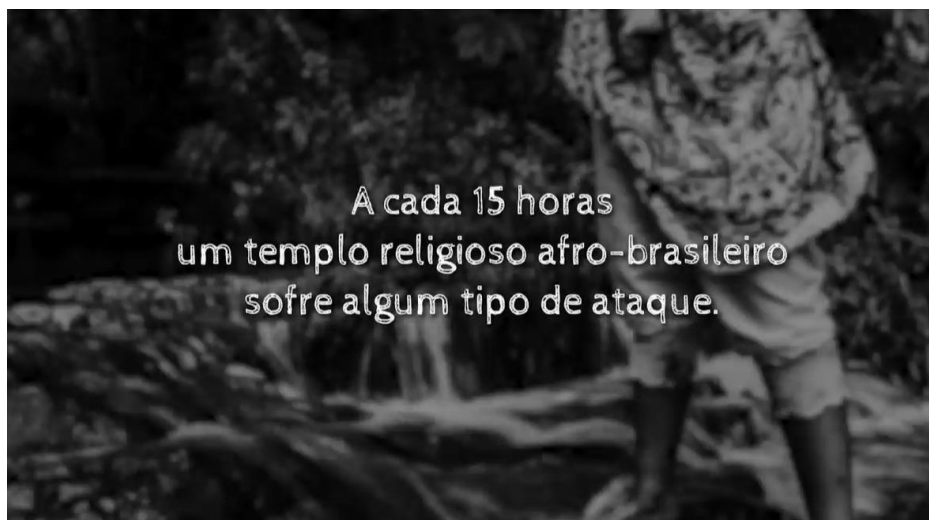
Informações são exibidas na tela, com imagens “A cada 15 horas, um templo religioso afro-brasileiro sofre algum tipo de ataque”; “A intolerância religiosa atribui as religiões afro-brasileiras a causa de todos os males da humanidade”; “Esse discurso incita os brasileiros a agredir outros brasileiros”. As frases são narradas pela apresentadora Cláudia Alexandre.

Frame 3- Intolerância Religiosa



Fonte: Frame do programa A voz das Religiões (IDAFRO, 2019)

Frame 4- Intolerância Religiosa



Fonte: Frame do programa A voz das Religiões (IDAFRO, 2019)

Ao mesmo tempo, o programa mostra uma contradição importante: muitas pessoas que reproduzem preconceitos contra as religiões afro-brasileiras também se apropriam de práticas culturais ligadas a essas tradições. Eles mostram a cena dos fogos de artifício, acompanhada por uma narração sobre as celebrações de Ano Novo no Brasil, evidencia costumes amplamente difundidos, mas cuja origem nas religiões de matriz africana muitas vezes é desconhecida ou invisibilizada. Entre essas práticas estão o ato de pular sete ondas, o uso de roupas brancas e a oferta de flores a Iemanjá, rituais realizados por pessoas de diferentes crenças religiosas. Isso revela a profunda influência das tradições afro-brasileiras na cultura nacional, mesmo quando seus significados religiosos e históricos não são devidamente reconhecidos.

Destaca-se a fala de Conceição Reis de Ogum a necessidade de enfrentar a intolerância religiosa com coragem. Para a entrevistada, essa coragem se manifesta na afirmação pública da identidade religiosa, no cotidiano e nos espaços urbanos, como transporte público e ambientes de trabalho. Segundo ela, trata-se de uma coragem ancestral, compartilhada coletivamente pelo povo do axé.

É preciso ter coragem, é preciso ter força, né. a coragem é você não negar a sua religião quando perguntam o que você professa. E a coragem é andar de metrô, é andar de ônibus. Não ter vergonha da gente chegar com a nossa identidade. Então é essa a coragem de todas as Marias, de todos os Josés e de nós povo do axé. Porque o povo do axé é muito unido, povo do axé é muito corajoso. É isso que nós temos que

reproduzir. Que essa nossa coragem é uma coragem ancestral. (IDAFRO, 2019, 18 min07s, Conceição de Ogum, A voz das religiões)

Ademais são discutidas as dificuldades enfrentadas por artistas e praticantes dessas religiões em assumir publicamente sua fé, em razão do preconceito e da discriminação ainda presentes na sociedade.

Conheço alguns mas eu sei que infelizmente tem muita gente dentro do armário, né. eu vi agora, alguns anos atrás, não vou falar o nome desse sambista, que é um grande sambista. Mas eu vi ele num programa de televisão com guia de Obatalá, de Oxalá, né. E lembro que quando foram entrevistar ele, acho que o assunto do programa era religião, eu lembro de perguntar “e aí, qual a sua religião?” e ele falou “Espirita”. Com todo o respeito, e pode ser até que ele ser também admirador do espiritismo. Mas por eu saber da história desse artista, eu sabia que ele era assim. E eu não tô falando isso como uma critica a ele, mas entendi que hoje em dia não é só a violência das pedras que são jogadas na rua, do xingamento, que as vezes na porta de um terreiro, de um centro, é as vezes a violência também a perseguição, de se um artista falar eu sou de Orixá, eu sou da Umbanda, é difícil sim. No meu caso, eu sou até mais exótico ainda, que eu sou do rock, né. Mas eu sempre brinco que eu falo assim, graças a Deus eu sou roqueiro e sou macumbeiro.

(IDAFRO, 2019, 08 min09s, Nasi, A voz das religiões)

As pessoas que optam em ser da religião sofrem com o preconceito, e precisam estar preparadas para desconstruir suas representações distorcidas, e pregar tolerância e respeito religiosa.

Ela tem que tá pronta, ela precisa ter uma retaguarda da sua família de axé, porque nós estamos num país de preconceito e precisa dialogar muito, né, pra um momento que ela sofre um preconceito, para além daquilo que é possível fazer, que é fazer a denúncia, ela também poder ser fortalecida. Porque o preconceito é muito dolorido, é difícil você, que é uma pessoa qualificada, que tá num trabalho, ser desqualificado e saber que essa desqualificação, ela vem por conta da sua religião. Então ela precisa ter muita disposição, inclusive pra desconstruir essa visão marginal, essa visão demoníaca que colocaram em nós. (IDAFRO, 2019, 9:37 Iya Luciana de Oya, A Voz das Religiões)

O debate se aprofunda a partir da pergunta central “O que é Axé?”, respondida por diferentes lideranças religiosas. Makota Celinha define Axé como um princípio vital, associado à própria existência, à resistência frente ao racismo e à afirmação identitária. Para a entrevistada, Axé representa a essência do sujeito e, por isso, o direito de vivenciá-lo se torna um direito fundamental. “Axé pra mim é o ar que eu respiro, é a lágrima que rola quando eu sofro o racismo, é a minha essência. Por isso me é tão caro ter o direito a ter axé”.(IDAFRO, 2019, 01 min26s, Makota Celinha, A voz das Religiões).

Mãe Carmen de Oxum amplia o conceito ao relacioná-lo diretamente aos direitos civis e à liberdade religiosa, afirmando que Axé se manifesta no direito de professar uma crença, de questionar, de responder e também de não crer. “Axé é o que está acontecendo aqui hoje. O direito de você ter resposta, o direito de você professar sua religião. O direito de você também não crer. Isso também é axé”.(IDAFRO, 2019, 01 min41s, Mãe Carmen de Oxum, A voz das Religiões).

As discussões abordam os conceitos de religião, espiritualidade e fé. Entendendo que os três são conceitos ligados entre si, mas cada um possui um significado próprio. A religião pode ser entendida como uma forma coletiva e organizada de viver uma crença. Ela reúne rituais, símbolos, ensinamentos, tradições, normas e espaços de convivência, como igrejas, terreiros, templos e comunidades religiosas. A religião não se limita à experiência individual, pois também envolve pertencimento, cultura e práticas compartilhadas por um grupo social. Já a espiritualidade. A espiritualidade é mais ampla. Ela está relacionada à busca por sentido, equilíbrio, conexão e cuidado. Essa vivência pode acontecer dentro de uma religião, mas também pode existir fora dela. Uma pessoa pode expressar sua espiritualidade na relação com o sagrado, com a natureza, com os ancestrais, com a comunidade ou consigo mesma. A espiritualidade está mais ligada à forma como cada pessoa constrói suas experiências de vida. E a fé pode ser compreendida com uma confiança profunda em estar ligada a Deus, aos orixás, aos ancestrais, ao axé, à proteção espiritual ou a outros sentidos considerados essenciais pela pessoa.

No caso das religiões afro-brasileiras, como o Candomblé e a Umbanda, esses elementos aparecem de forma integrada. A religião se manifesta nos rituais, nos terreiros, nas festas, nos fundamentos e nas tradições coletivas. A espiritualidade aparece na relação com os orixás, com os ancestrais, com a natureza e com a comunidade. A fé se revela na confiança no axé, na proteção espiritual, nos caminhos abertos e no cuidado produzido pelas práticas religiosas.

Conceição de Ogum, explica sobre entidades como Exu e Pombagira, frequentemente alvo de estigmatização social. “A pomba Gira que nós acreditamos, ela não é uma mulher de sete maridos. Mas ela é uma entidade de luz, que é mensageira dos nossos orixás. Principalmente de quem tem a possessão do orixá feminino”. (IDAFRO, 2019, 04min33s, Conceição Reis de Ogum:, A voz das Religiões).

Alexandre Cumino, que escreveu um livro sobre Exu , “Exu não é o Diabo”, livro em que a proposta é desmistificar sobre o imaginário social associado a Exu como o diabo.

Alexandre mostra o livro que escreveu, a câmera fixa a imagem nele e no livro enquanto ele fala do mesmo, depois a câmera abre para ter um panorama geral do estúdio. Alexandre Cumino é da religiosidade e está aparamentado como tal. Ele diz: “E você sabe, as pessoas não sabem nem o que é diabo. Então Exu, ele é amado, reverenciado, adorado, querido, é quem nos guarda e protege, é Orixá”. (IDAFRO, 2019, 05 min03s, Alexandre Cumino, A voz das Religiões)

O programa faz entrevista com pessoas nas ruas, que falam sobre a mistura de religiões no Brasil, e exemplificam, como acontecem nas próprias famílias, um diz ser filho de mãe de santo, mas batizado a igreja católica; outra que o pai é judeu e a mãe umbandista. O Brasil é de todas as religiões.

O programa é marcado por imagens de pessoas vestidas com trajes tradicionais das religiões de matriz africana, em gestos de afeto e celebração, acompanhadas por uma trilha sonora que remete ao sagrado. Esse desfecho reforça visual e simbolicamente a mensagem de respeito, diversidade e valorização das tradições afro-brasileiras no contexto social contemporâneo. “Como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios” (SILVA, 2008, p.109)

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e aquilo que somos (WOODWARD, 2008, p.17)

A música ocupa papel central na narrativa, especialmente a música popular brasileira e o samba, reconhecidos como importantes veículos de difusão das religiões de matriz africana. O programa resgata referências históricas, como a fundação das primeiras escolas de samba e figuras emblemáticas como Deolinda, evidenciando a relação entre cultura, religiosidade e resistência. Ao som de batuques de escola de samba, são apresentadas imagens que reconstroem a trajetória de Deolinda. A narração contextualiza sua história, sua atuação e sua importância, enquanto fotografias pessoais e registros da escola de samba por ela fundada são exibidos na tela. A combinação entre narração, música e imagens contribui para apresentar sua trajetória de forma biográfica.

Mais conhecida como Madrinha Eunice, era uma mulher negra do samba e do axé. Filha de escravos, cresceu entre os batuques paulistas. Ela foi a fundadora da escola de samba Lavapés. Foi a primeira mulher negra a fundar e presidir uma escola de samba na década de 30, e tocar seu terreiro de Umbanda e Quimbanda com rezas na baixada do glicério, região central de São Paulo. Viva Deolinda Madre, Viva

Madrinha Eunice. (IDAFRO, 2019, 13 min45s, Narração Cláudia Alexandre, A voz das religiões)

Frame 5- Madrinha Eunice



Fonte: Frame do programa A voz das Religiões (IDAFRO, 2019)

Outra grande figura histórica para as religiões de matriz africana é Mãe Stella de Oxossi. O programa também incorpora reflexões éticas e sobre ancestralidade, com menção à liderança de Mãe Stella de Oxóssi, destacando a importância da memória e da herança africana na constituição das identidades religiosas afro-brasileiras.

Tudo que eu ouvi falar de Mãe Stella, é que ela era uma senhora muito moderna, uma mulher brilhante, uma sacerdotisa de um coração gigante. Não tem um de nós que não choramos a morte da nossa mãe. Mas dizem, né, que nós que somos do santo não morremos, nós ancestralizamos. (IDAFRO, 2019, 07min22s, Locutor, A voz das Religiões)

Na sequência, são exibidas imagens de Mãe Stella de Oxóssi enquanto Carla Osório destaca sua trajetória e sua importância para as religiões de matriz africana. A fala é acompanhada por registros visuais da sacerdotisa, contribuindo para contextualizar sua relevância religiosa e simbólica.

Em seguida, há um corte para o estúdio. Carla Osório aparece em pé, com a câmera direcionada para ela, e convida o público a prestar uma homenagem a Mãe Stella de Oxóssi por meio de uma salva de palmas.

Mãe Stella foi uma das maiores lideranças do Candomblé no Brasil. Ela nasceu em Salvador, em 1925, foi enfermeira de formação e iniciou sua trajetória religiosa ainda jovem no **Ilê Axé Opô Afonjá**, onde recebeu o nome de **Odé Kayodê**. Também, reconhecida por sua produção escrita e sua entrada na Academia de Letras da Bahia

A trilha sonora inicial do primeiro programa é composta por atabaques tocados ao som de palmas, executando o toque dedicado ao orixá Xangô, divindade associada à justiça, ao equilíbrio e à ordem. Esse elemento simbólico estabelece uma relação direta entre o conteúdo jurídico do programa e os fundamentos cosmológicos das religiões de matriz africana, conferindo sentido ritual e político à narrativa audiovisual.

Os atabaques, tambores, são um elemento importante dentro das religiões de matriz africana. “Mais do que sons, ritmos, cultura africana, o tambor é nossa conexão ancestral, conexão com o divino em nós” (PRIMEIROS NEGROS, 2022, s.p).

O tambor é um elemento sagrado nas tradições africanas e afro-brasileiras, pois seu toque produz vibrações que possibilitam a comunicação com entidades espirituais. Mais do que instrumento musical, ele é linguagem, invocação, vitalidade e conexão com o divino. Historicamente tratado como profano por visões repressoras, o tambor, na verdade, afirma a vida, a alegria, a criação e a sacralidade da existência.

Mas nenhum tambor se restringe ao uso religioso. Tambor é **instrumento de comunicação!** Os negros sabiam onde eram os quilombos pelo toque do atabaque e lá se refugiavam. E o atabaque era **tocado**, ainda, **para comunicar dias de alegria**, como casamentos e batizados. (PRIMEIROS NEGROS, 2022, s.p)

O programa apresenta, também, um toque ritual ao som de uma música em língua iorubá dedicada ao orixá Exu, pertencente ao candomblé da nação Ketu. Diante desse momento, todos os presentes se colocam de pé para saudá-lo, reconhecendo Exu como entidade fundamental na comunicação, na abertura de caminhos e na dinâmica do sagrado dentro das religiões afro-brasileiras.

Em outro momento, DESCREVER há o canto de uma música ao som do tambor, muito emblemática nos terreiros de umbanda, que muitos que não são da religiosidade, também conhecem “ O Sino da Igrejinha faz Belém-Blém-Blóm. Deu meia noite, o galo já cantou, Seu Tranca-Rua que é dono da gira. Ô corre Gira que Ogum mandou. Deu meia noite, o galo já cantou, Seu Tranca-Rua que é dono da gira. Ô corre Gira que Ogum mandou”. (IDAFRO, 2019, 10:21, Cantora, A Voz das Religiões). Mãe Taiane se apresenta no palco do programa, cantando ao som dos tambores uma música associada à Umbanda. Durante a apresentação, a câmera alterna entre enquadramentos mais fechados, que destacam seu rosto e sua expressão, e planos

mais abertos, que revelam a composição do estúdio e a participação da plateia que acompanha a apresentação em pé e batendo palmas.

O uso do espaço midiático não se configura como palco para uma lógica de agressão e contra-agressão, mas como uma plataforma de reafirmação da dignidade, da ancestralidade e dos valores civilizatórios constitutivos das religiões de matriz africana. Tal escolha narrativa possibilita refletir sobre a importância da ampliação dos espaços de fala, representação e visibilidade desses sujeitos na esfera pública, condição fundamental para a consolidação de uma sociedade efetivamente democrática, plural e comprometida com a garantia dos direitos humanos, culturais e religiosos.

Nos dois programas analisados, os sujeitos representados puderam não apenas discutir o caso em questão, mas também afirmar sua existência, seu pertencimento e sua legitimidade social. Ao ocuparem esse espaço de enunciação, tornaram visíveis experiências historicamente marginalizadas, explicitaram as violências sofridas e construíram formas de autorrepresentação que tensionam os processos de silenciamento e subalternização aos quais têm sido submetidos. A mídia, ainda que marcada por disputas simbólicas, pode operar, em determinadas circunstâncias, como espaço de produção de visibilidade e de reconhecimento. “Afim, a equipe de profissionais que é responsável pela produção dos programas televisivos está mergulhada nos valores existentes e partilhados na cultura – o que é, inclusive, condição de possibilidade dos próprios produtos midiáticos.” (ROCHA, SILVEIRA, p.7, 2012)

Trata-se de povos e tradições culturais que, ao longo da história, têm sido alvo de reiteradas tentativas de apagamento, invisibilização e negação de direitos. A intolerância religiosa, nesse contexto, não se limita a práticas discriminatórias isoladas, mas integra uma estrutura mais ampla de exclusão, que busca deslegitimar suas cosmologias, interditar seus modos de existência e restringir seu acesso à palavra pública. Assim, a presença desses sujeitos no espaço midiático adquire relevância política e simbólica, na medida em que contribui para a afirmação de identidades, a disputa por reconhecimento e a resistência frente às múltiplas formas de opressão que incidem sobre as religiões de matriz africana.

Os programas analisados conseguem apresentar, de maneira clara e contundente, as práticas religiosas das tradições de matriz africana, evidenciando-as a partir de uma perspectiva afirmativa, marcada pelo orgulho identitário e pela recusa de estereótipos historicamente associados a esses grupos. A presença dos sujeitos religiosos com suas vestimentas e insígnias próprias, como torços, guias, elekes e saias, não se limita a um elemento estético, mas constitui forma de expressão simbólica, pertencimento e afirmação pública da identidade religiosa.

Ao longo das narrativas, observa-se que esses sujeitos não apenas tornam visível quem são, mas também reivindicam, de modo explícito, a legitimidade de suas experiências, saberes e formas de existência. Ao mesmo tempo, os programas evidenciam as dificuldades concretas de pertencer a essas religiões em um contexto social atravessado pela intolerância religiosa. Os depoimentos e representações apresentados demonstram que essa intolerância se manifesta no cotidiano, em diferentes espaços sociais, e se intensifica à medida que os indivíduos assumem publicamente seu pertencimento às religiões de matriz africana.

A experiência religiosa desses sujeitos revela-se atravessada por relações desiguais de poder, em uma sociedade marcada pela hegemonia cristã e por práticas recorrentes de discriminação. Assim, ao expor essas vivências, os programas não apenas conferem visibilidade às religiões de matriz africana, mas também contribuem para denunciar os mecanismos sociais de exclusão e estigmatização que incidem sobre seus praticantes.

No contexto do programa televisivo analisado, a construção de sentidos sobre si mesmos e sobre sua religiosidade assumem a palavra pública para narrar suas trajetórias, suas práticas de fé e suas experiências de enfrentamento à intolerância religiosa, bem como sobre o processo jurídico que desencadeou o direito de resposta.

As falas se deslocam para uma posição historicamente atribuída às religiões de matriz africana, muitas vezes marcadas por discursos externos de preconceito, criminalização e demonização, e passam a afirmar essas tradições como espaços de memória, ancestralidade, pertencimento e resistência. A televisão atua como lugar de mediação cultural, pois não apenas transmite depoimentos, mas organiza imagens, narrativas, corpos, símbolos e testemunhos que produzem sentidos sociais sobre a religiosidade afro-brasileira.

Assim, a religiosidade é significada a partir da vivência de quem pratica, lidera e preserva essas tradições, permitindo que o programa televisivo se torne um lugar de construção de sentido para as religiões de matriz africana, pois ali se encontra um espaço de fala.

CONSTRUINDO IDENTIDADES: AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA NO BRASIL

Neste quarto capítulo serão discutidos os dois últimos programas que prezam pela história, cultura e tradição dessas religiões. Os programas buscam depoimentos e entrevistas sobre como os praticantes entendem, o que eles são e o que a religião é para cada um.

Os dois últimos programas apresentam a identidade das religiões de matriz africana, de como eles se veem, de como eles entendem suas práticas. Neste capítulo, será analisada a identidade a partir da forma como o programa apresenta as religiões de matriz africana e seus sujeitos. A discussão observará como os entrevistados narram suas experiências, recuperam memórias históricas e atribuem sentido às práticas culturais e religiosas dessas tradições.

Também serão considerados elementos como fotografias, referências a personalidades históricas, marcas da ancestralidade africana e a presença central das mulheres nas comunidades de terreiro. A partir desses aspectos, busca-se refletir sobre a importância do reconhecimento e do respeito às religiões de matriz africana, problematizando as práticas de intolerância religiosa e reafirmando o direito de cada pessoa viver e expressar sua fé.

Os dois últimos programas também são apresentados por Cláudia Alexandre, sendo o terceiro programa intitulado “Cultura” composto pelos convidados: Iya Alê do Jongo, fundadora da Comunidade Dito Jongo em Campinas; Mãe Taiane, sacerdotisa de um terreiro de Umbanda em Salvador; Babá Sidnei Nogueira, escritor, linguista e sacerdote de religião de matriz africana; e Profa. Ana Paula Silva Vilela, pesquisadora na área de mulheres negras de axé.

A vinheta de abertura do programa é a mesma dos quatro programas, em que apresenta imagens e ilustrações de Orixás, acompanhadas por uma trilha sonora de fundo.

O programa apresenta, inicialmente, uma sequência de entrevistas realizadas fora do estúdio. Nelas, diferentes pessoas relatam aspectos de sua religiosidade, suas experiências e suas compreensões acerca da intolerância religiosa. Todos os entrevistados pertencem a religiões de matriz africana e aparecem visualmente identificados por vestimentas, adornos ou outros elementos associados a essas tradições. Durante os depoimentos, a câmera privilegia enquadramentos fechados, direcionados principalmente aos rostos dos participantes.

Na sequência, a narrativa retorna ao estúdio, onde a abertura do programa é marcada por uma apresentação de Jongo. A cena reúne dança, canto e percussão, enquanto informações sobre a origem do Jongo são exibidas no rodapé da tela. Nesse mesmo espaço, é identificada a

comunidade responsável pela apresentação: “Comunidade Jongo Dito Ribeiro, de Campinas (SP)”.

Ao final da apresentação, a plateia se levanta e aplaude os participantes. Em seguida, a apresentadora Cláudia Alexandre convida Alê do Jongo para integrar a roda de entrevistados, dando início à discussão proposta para aquele episódio.

O último programa intitulado “Comportamento” é composto pelos convidados: Professora. Teresinha Bernardo que atuava na área de promoção da igualdade racial; Carla Osório, produtora e distribuidora audiovisual; Taata Kwa Nkisi Katuvanjesi, líder religioso e ativista pelos direitos dos povos de matriz africana; e, Bâbá Gill Sampaio Ominirò, também líder religioso, mas também, antropólogo, linguista, pesquisador sobre candomblé.

Mesma vinheta de abertura do programa apresentando imagens e ilustrações de Orixás que atravessando a tela, acompanhadas por uma trilha sonora de fundo.

O quarto programa se inicia com uma sequência de depoimentos de pessoas vinculadas às religiões de matriz africana. Nos relatos, os participantes se apresentam a partir de sua pertença religiosa, identificando a tradição e, quando pertinente, a nação à qual estão vinculados, além de mencionarem há quanto tempo integram essas comunidades religiosas. Os depoimentos são gravados tanto em espaços externos quanto no próprio estúdio, compondo uma abertura marcada pela diversidade de trajetórias e experiências.

Ao final da sequência, a última pessoa a se apresentar é a própria apresentadora, Cláudia Alexandre, que afirma pertencer à Umbanda. A partir dessa apresentação, o programa se desloca para o debate da presença e à atuação das mulheres nas religiões de matriz africana. Em seguida, a palavra é passada às convidadas, dando início à discussão sobre o tema.

A discussão apresentada nesses programas aborda a forma como os corpos negros, trazidos à força para o regime de escravidão, foram historicamente representados na memória social. Em muitos casos, essas populações são lembradas apenas a partir da violência, da dor e da exploração sofridas, o que contribui para uma imagem limitada, imprecisa e desumanizante.

Essa representação associa suas existências a aspectos negativos, como sofrimento, sujeira, feiura e inferiorização, apagando a complexidade de suas trajetórias. Além disso, a ausência de registros precisos intensifica o apagamento histórico dessas populações, dificultando o reconhecimento de suas culturas, saberes, resistências e contribuições para a formação da sociedade brasileira.

Evidencia-se a necessidade de construir representações mais amplas, críticas e comprometidas com a valorização de suas histórias. Assim, “A afirmação política das identidades exige alguma forma de autenticação. Muito frequentemente, essa autenticação é

feita por meio da reivindicação da história do grupo cultural em questão. (Woodward, 2008, p.25)

É muito importante quando o professor Sidnei aponta para os corpos pretos, porque quando a gente olha fotografia, a gente tá se conectando, apresentando, outras narrativas. Então quando a gente vai pros livros de história e vê os corpos pretos sendo apresentados apenas nos lugares de escravizados, de escravização, o imaginário social remete diretamente os outros corpos da sociedade, eles carregam essa herança. Quando nós, fotógrafos e fotografas, pessoas pretas ou iniciadas no terreiro, passam a dominar as ferramentas da comunicação, passa a acessar a fotografia e opta por registrar as nossas experiências de um outro lugar, a gente tá falando: “olha, agora é nosso momento de apresentar as nossas belezas”. Então se durante muitos anos a gente foi desumanizado, falar das relações de afeto no Candomblé, apresentar a nossa amplitude em cor/movimento, é recontar história. Isso é a nossa forma de enfrentamento. Então é isso que nós estamos fazendo. (IDAFRO, 2019, 05 min 30s, Roger Cipó, A voz das religiões)

Um exemplo apresentado no programa é a fotografia de Tia Ciata, reconhecida como matriarca do samba e mulher de axé, vinculada às religiões de matriz africana. A imagem é exibida pela apresentadora Cláudia Alexandre e serve como ponto de partida para uma discussão sobre sua autenticidade, questionando-se se aquele registro fotográfico seria, de fato, de Tia Ciata.

A apresentadora Cláudia Alexandre inicia o segmento exibindo uma fotografia de Tia Ciata e, em seguida, pergunta aos demais convidados se também trouxeram imagens para compartilhar. Nesse momento, a câmera, antes concentrada na apresentadora, se abre e passa a enquadrar todos os participantes presentes no estúdio. Cláudia Alexandre então apresenta os convidados: Dra. Ana Laura, Mãe Taiane, Babá Sidnei e Iyá Alê do Jongo.

A primeira a apresentar sua imagem é Mãe Taiane. A fotografia mostra pessoas posicionadas no chão, em um gesto que ela identifica como “bater cabeça”, prática associada ao respeito e à reverência dentro dessas tradições religiosas.

Na sequência, Babá Sidnei apresenta uma fotografia de uma mulher cujo rosto não aparece. Ela está vestida de branco e utiliza diversas guias e outros elementos de indumentária associados às religiões de matriz africana. A partir da imagem, Babá Sidnei desenvolve uma reflexão sobre a perseguição e a intolerância enfrentadas por essas religiosidades.

Por fim, Iyá Alê do Jongo não apresenta uma fotografia, mas o estandarte de sua comunidade. Nele, aparece representado um Sankofa, símbolo de origem africana que passa a integrar visualmente a narrativa construída naquele momento do programa.

Frame 6- Tia Ciata



Fonte: Frame do programa A voz das Religiões (IDAFRO, 2019)

Essa dúvida está relacionada ao apagamento histórico sofrido pelas populações negras e pelas tradições religiosas afro-brasileiras. Além da escassez de registros precisos, a repressão contra essas práticas religiosas também dificultava a produção e a preservação de documentos sobre os terreiros. Fotografias, registros escritos e outros materiais poderiam ser utilizados como evidências contra seus praticantes, em um contexto no qual essas religiões eram perseguidas, criminalizadas e associadas de forma preconceituosa à ideia de “feitiçaria”.

Claudinha, o fato da gente não ter certeza se na foto é Tia Ciata, já é um marco do racismo na fotografia. Porque esses corpos, eles são corpos e não identidades. Quando a gente vai pro Candomblé, que é uma religião que foi historicamente perseguida, isso é também um dos vários motivos que nossos terreiros não permitiram na história que a gente registrasse as nossas histórias, porque ter fotografia em terreiro de Candomblé, em algum momento da história, era produzir prova contra si mesmo. Nesse momento a gente pode fazer outros movimentos. Que é o movimento de apresentar, a partir do nosso universo, que é sim, dominar nossas linguagens e contar as histórias a partir de nós. Nada sobre nós sem nós. (IDAFRO, 2019, 06 min55s, Roger Cipó, A voz das religiões)

Torna-se necessária a construção de representações mais amplas, críticas e comprometidas com a valorização das histórias dos povos de matriz africana, de modo a superar narrativas reducionistas, estereotipadas e marcadas por perspectivas coloniais. Essas representações devem reconhecer a pluralidade de experiências, saberes, práticas religiosas, formas de organização comunitária e estratégias de resistência desenvolvidas por esses povos ao longo da história. Ao garantir espaço para suas vozes, memórias e referências culturais, contribui-se para o reconhecimento de seu protagonismo na formação da sociedade brasileira, para o enfrentamento do racismo e da intolerância religiosa e para a produção de sentidos pautados no respeito, na dignidade e na diversidade.

Roger Cipó, fotógrafo, então tenta, de acordo com ele, recontar por meio da fotografia as histórias que antes não foram contadas, contando a partir da perspectiva deles, sobre o que é deles, representar, identificar

Frame 7- Representação da religiosidade pelo fotógrafo Roger Cipó



Fonte: Frame do programa A voz das Religiões (IDAFRO, 2019)

As fotografias de Roger Cipó contribuem para a reconstrução de narrativas historicamente silenciadas sobre as religiões de matriz africana. Ao direcionar seu olhar para sujeitos, espaços, práticas e símbolos dessas tradições, o fotógrafo rompe com representações estigmatizadas e produz imagens que valorizam a memória, a ancestralidade e o pertencimento. Seu trabalho evidencia experiências religiosas que, por muito tempo, foram invisibilizadas ou apresentadas a partir de perspectivas externas e preconceituosas. A fotografia assume uma dimensão política e cultural, pois não apenas registra essas vivências, mas também atua na afirmação de identidades e no enfrentamento do apagamento histórico da presença negra e de suas manifestações religiosas.

Outro marco dentro do programa é a discussão sobre o papel da mulher dentro das religiões de matriz africana. A mulher tem papel fundamental dentro do culto, representa a centralidade, e não a fragilidade como de costume de outras tradições religiosas, sendo uma tradição matrifocal. Portanto, além do estigma de ser uma religiosidade perseguida pelo racismo, também sofre pelo machismo.

Há uma compreensão, né, muito difundida, de que as mulheres são seres frágeis, que as mulheres agora estão se empoderando, né, pra quem gosta dessa palavra. Sendo que se a gente olhar pra realidade das comunidades de terreiro, são comunidades onde as mulheres negras, elas sempre estiveram atuando de forma muito potente. Então essa alusão a um poder feminino, coisa que não é comum de outras religiões, ela serve primeiro dando força pras pessoas que tem uma vida marcada, e mulheres que tem uma vida marcada pelo racismo, pela desigualdade de gênero, pela desigualdade de classe. E serve também porque as nossas ancestrais, Iansã, Oxum, elas são mulheres guerreiras, que tem muita força, que sempre fizeram política, muito antes de vocábulos que hoje tão no nosso dia a dia como feminismo. É uma forma muito sofisticada de lutar por direitos que essas mulheres sempre fizeram. Então é muito importante e um privilégio poder aprender com essas mulheres, acima de tudo. (IDAFRO, 2019, 10 min 44s, Profa. Ana Paula Silva Vilela, A voz das religiões)

Esse empoderamento feminino já vem desde África, e até mesmo das crenças dos orixás que cultuam, em que as mulheres são representadas como fortes, guerreiras e independentes. O que ainda encontra mais resistência na sociedade, pois a mulher é tida e representada como um ser frágil e submisso. O grupo Slam das Minas entra no palco vazio e inicia a declamação de uma poesia dedicada à mulher. Quatro mulheres permanecem em pé, posicionadas no centro do palco, alternando-se na recitação dos versos. A cada mudança de voz, a câmera direciona o enquadramento para o rosto da participante que está falando, destacando sua expressão e conferindo maior intensidade à performance.

Carrego a palavra patuá como quem anseia a sorte. Coloco na frente pra ter rumo, norte. O que seria minhas mãos sem o mergulho da caneta, agora articulada e dona das minhas próprias palavras. Planto sementes de fala pra crescer raiz palavra. Ouvi o chamado dos ventos, guardei um trovão no peito como talismã. E escrevi meus próprios enredos sob as benções de minha mãe Iansã. Filha da cachoeira, cria da cidade de concreto. Falo alto, falo fino, falo mesmo. Mulher é bicho gente, que sangra e que sonha. Eu lírica, sou grande. (IDAFRO, 2019, 13 min 41s, Slam das minas, A voz das religiões)

Um grande exemplo que podemos citar é a Iyalorixá Mãe Menininha do Gantois que esteve à frente de um dos maiores terreiros de candomblé do Brasil, o Gantois, que fica em Salvador. Ela foi sacerdotisa do terreiro durante 64 anos. Ela foi grande influência não só na religiosidade, mas também política. Foi uma figura renomada que conseguiu aliança com diversas figuras políticas, artistas e pessoas influentes da época, favorecendo a visibilidade dos terreiros de candomblé, e uma das principais articuladoras contra as proibições e perseguições contra os terreiros.

O programa introduz a trajetória de Mãe Menininha do Gantois por meio da exibição de fotografias da sacerdotisa em diferentes momentos de sua vida. Entre as imagens, aparecem registros ao lado de diversas personalidades conhecidas, evidenciando sua projeção pública e sua relevância para além do espaço religioso.

Enquanto as fotografias são apresentadas, uma narração contextualiza sua trajetória e destaca sua importância histórica para as religiões de matriz africana. Ao fundo, o som dos atabaques acompanha a sequência de imagens e a narrativa, reforçando a dimensão religiosa e simbólica da homenagem.

A trajetória de Mãe Menininha do Gantois permite compreender a política para além das instituições formais do Estado, situando-a também nos campos da cultura, da memória coletiva e da espiritualidade. Sua atuação à frente do Terreiro do Gantois expressou uma forma de resistência diante da repressão e do preconceito historicamente dirigidos aos terreiros de candomblé. Ao preservar saberes ancestrais, fortalecer vínculos comunitários e estabelecer diálogos com artistas, intelectuais e diferentes setores da sociedade.

Voz: Ora Ye Ye o! Dizem que Mãe Menininha do Gantois era doce como Oxum. E gostava de cantar. A oração a Mãe Menininha, aquela “Ai minha, minha mãe Menininha” é uma das músicas de Candomblé de maior sucesso em todos os tempos. Mãe Menininha ajudou a trazer artistas, intelectuais e políticos para o axé. Com Mãe Menininha do Gantois, o Candomblé começa a aparecer em romances, novelas e filmes, e fica mais conhecido fora dos terreiros. Mãe Menininha comandava os atabaques do Gantois, cantando e sacudindo seu Adja. (IDAFRO, 2019, 08 min 25s, Voz , A voz das religiões)

Mãe Menininha contribuiu para ampliar o reconhecimento público das religiões de matriz africana como parte legítima da cultura brasileira. A sua liderança pode ser interpretada como uma prática política de afirmação da ancestralidade negra, de enfrentamento ao racismo religioso e de valorização das tradições afro-brasileiras no espaço público.

Nós somos perseguidos também por conta das mulheres que estão presentes nas comunidades de terreiro. Não é só por conta de pretos e pretas, e se for mulher preta, aí já viu que vai dar né. Não vai dar coisa boa. O que acontece, a ideologia judaico cristã só tem dois papéis para a mulher: ou ela é mãe, ou ela é esposa. Se ela fugiu desses papéis, ela não é bem quista. As nossas mulheres, as nossas divindades não. Nós temos mulheres guerreiras, nós temos amazonas, nós temos mulheres sedutoras, nós temos mulheres mães de nove filhos. Nós temos mulheres...não tem mãe solteira, porque não existe mãe solteira, existe mãe. (IDAFRO, 2019, 12 min 44 s, Babá Sidnei , A voz das religiões)

A mulher tem um papel mais importante, e não meramente simbólico, ela é protagonista, ela é empoderada, mas aqui ela é representada de outra maneira, dentro dos terreiros elas buscam e mostram outra identidade, de mulheres fortes e de liderança, como suas ancestrais.

Eu estudei que em África, assim, não existe esposa do rei, né. ela pode ser a rainha, mas ela também vai para o mercado para garantir o seu sustento e da sua família. No Brasil a gente tem a imagem das ganhadeiras e em Cabo Verde a gente tem a imagem

das rabidantes, que são todas grandes mercadoras. Foram essas mulheres negras, essas mulheres de axé, essas mulheres que ajudaram com a venda dos seus quitutes, com a venda de joias, os balangandãs, etc. De toda forma que as mulheres conseguiram buscar o seu sustento e inclusive a alforria de seus companheiros etc. que eu me inspirei. E hoje, se eu trabalho como mercadora, e eu costumo dizer que eu sou mãe, mercadora e mulher, não necessariamente nessa ordem, eu me inspirei nessas mulheres. E hoje eu atuo no mercado do audiovisual brasileiro e não faço nada mais, nada menos do que essas mulheres que são minhas ancestrais faziam. (IDAFRO, 2019, 02 min 54 s, Carla Osório, A voz das religiões)

Destaca-se a centralidade das mulheres nas religiões de matriz africana, especialmente por sua atuação na continuidade dos saberes ancestrais, na condução dos rituais e na organização das comunidades de terreiro. Sua presença rompe com representações sociais que associam as mulheres à fragilidade ou à submissão, evidenciando seu protagonismo religioso, político e comunitário.

A representação equivocada das mulheres como figuras frágeis e submissas, frequentemente associada a uma lógica judaico-cristã, é problematizada no programa ao evidenciar o lugar que elas ocupam nas religiões de matriz africana. Nessas tradições, as mulheres são apresentadas como sujeitos centrais, detentoras de autoridade, memória e liderança, assumindo posições de protagonismo que contrastam com as imagens historicamente construídas de submissão e fragilidade.

Eu acho que nós temos que falar e revalorizar a mulher que veio escravizada para o Brasil. A primeira civilização a aportar nesse país continental são os bantos. E que deu uma cara a este país continental. Eu costumo dizer que esse Brasil é um Brasil africanizado. Eu brinco até com meus irmãos angolanos dizendo que eles falam português de Portugal, e nós falamos o português africanizado. Porque é na esteira dos bantos vindo para o Brasil que se faz, que se tem várias expressões que o próprio brasileiro nem se apercebe que tá falando africano. Você pode verificar isso no português vernáculo brasileiro. Tantos falares africanos inserido nesse português, como caçula, bunda, quiabo, ginga, ganga e o próprio Zumbi, que é o grande herói negro brasileiro, que também é banto. Então, e Dandara, né, olha como tantas mulheres Dandara, a própria grande mãe do Candomblé de tradição Congo Angola, que foi considerada a grande mãe preta da Bahia que é Maria Genoveva do Bonfim. Maria neném que fundou o Candomblé do Tumbensi. (IDAFRO, 2019, 04min 45s, Taata Kwa Nkisi Katuvanesi, A voz das religiões)

Revalorizar a trajetória das mulheres africanas submetidas à escravização no Brasil implica reconhecer seu protagonismo na preservação, na transmissão e na reorganização das tradições religiosas de matriz africana. Longe de ocuparem uma posição secundária, essas mulheres exerceram funções centrais como lideranças espirituais, guardiãs de saberes ancestrais e responsáveis pela continuidade de práticas, ritos e valores culturais ameaçados pela violência colonial.

Por meio de sua atuação, contribuíram para a constituição de comunidades religiosas que se tornaram espaços de resistência, acolhimento, memória e reconstrução de vínculos coletivos. Assim, destacar sua importância significa romper com narrativas históricas que invisibilizaram sua agência e reconhecer que a consolidação das religiões de matriz africana no país está profundamente ligada à força, à organização e à liderança dessas mulheres.

É importante destacar nesses programas questionamentos que eles fazem sobre representações, vivências e que a partir dali, possam construir suas vivências e suas identidades narrativas. Perguntas como, O que é axé? De qual religião de matriz africana pertence? Narrativas de vivências com a religião. Tudo isso mostra a identificação daqueles sujeitos com o seu sagrado, sua fé, sua religião.

A abertura do terceiro programa em que pessoas que afirmam a sua fé: Egbomi Roseli de Oliveira: “Meu avô tinha o ofício de ferreiro, e quem mexe com a forja é Ogum”. E nascendo ferreiro, foi guerreiro, meu avô não foi qualquer um”. (IDAFRO, 2019, 24 s, Egbomi Roseli de Oliveira, A voz das religiões). Como também o Babalorixá Ayrton de Ogum: “Eu tenho direito de respirar, porque Oxalá nos traz o ar. Eu tenho o direito de beber água, porque Oxum me dá água doce. Eu tenho o direito de viver agregado com os meus familiares, porque Iemanjá e Xangô são pela família. Então eu tenho direito ao meu sagrado”. (IDAFRO, 2019, 34 s, Babalorixá Ayrton de Ogum, A voz das religiões)

Perguntas sobre de qual religião de matriz africana são: “Eu sou de Candomblé” (IDAFRO, 2019, 24 s, Ogã Célio: , A voz das religiões) “Angola Congo”. (IDAFRO, 2019, 25 s, Tatá Tauá, A voz das religiões) . “Sou de Candomblé, 60 anos de Candomblé, nunca saí da minha religião” (IDAFRO, 2019, 1 min13s, Pai Alabyi, A voz das religiões). “Sou de Candomblé da Nação Ketu”.(IDAFRO, 2019, 1 min 16s, Iya Wanda de Oxum. A voz das religiões). Eu venho de Umbanda, que eu sou herdeira. (IDAFRO, 2019, 1 min19s, Senhora. A voz das religiões) “ Sou de Candomblé, entre o Candomblé e Umbanda eu tenho 60 anos”.(IDAFRO, 2019, 1min21s, Pai Tonhão de Ogum. A voz das religiões). “Sou Xangozeira do Nordeste e sou Ibá”.(IDAFRO, 2019, 1 min26s, Mãe Marcia. A voz das religiões). “Candomblé”. (IDAFRO, 2019, 1min30s, Pai Zenildo de Becém: . A voz das religiões) . “E eu sou Cláudia Alexandre e sou umbandista”. (IDAFRO, 2019, 1 min31s, Claudia Alexandre . A voz das religiões)

Assim, eles afirmam com convicção quem eles são, a sua fé, a sua identidade:

A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero

ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais podem falar (HALL, 1997, p.17)

Muito além de se afirmarem enquanto praticantes, eles também respondem, esclarecem o significado da palavra Axé, usada por eles, que possui vários significados, várias interpretações, que mostram a diversidade de interpretações, mas que se dialogam. “A palavra de ordem dos religiosos de matriz africana é respeito e axé”. (IDAFRO, 2019, 26 s, Mãe Carmen de Oxum, A voz das religiões)

Axé no Candomblé é força vital, ou seja, é uma energia que move o mundo, que move a vida. Que todos os movimentos estão, na verdade, ligados a essa ideia de axé. A ideia é que a religião é a instituição através do qual os mecanismos que promovem o crescimento de axé vão cada vez mais permitindo a circulação da vida, a circulação da alegria, do dinheiro, do prazer, da felicidade e assim por diante. (IDAFRO, 2019, 37 s, Reginaldo Prandi: , A voz das religiões)

A fala também do Babalorixá Ayrton de Ogum: “O axé é uma força máxima que nos conecta com o sagrado”.(IDAFRO, 2019, 17min 8s , Babalorixá Ayrton de Ogum, A voz das religiões). E Alexandre Ifátola Dosunmu: “É uma energia que permeia a todo o universo, na qual ele interage com todos os seres vivos”. (IDAFRO, 2019, 17min 12s , Alexandre Ifátola Dosunmu, A voz das religiões) Também: Otumbo Adekunle Aderomnu: “Quando eu ouço o africano falar axé, quer dizer poder, afirmação de algo que ele pedir pra que Olodumare consagrar”. (IDAFRO, 2019, 17min 19s , Otumbo Adekunle Aderomnu, A voz das religiões).

A apresentadora para encerrar o assunto, direciona a pergunta para o Babá Gil Sampaio, e assim ele discorre sobre a palavra Axé:

Na filosofia Yoruba, o axé é a energia que vem de Olodumare. Axé é a energia que vem de Deus. Muitas pessoas não entendem, quem não é da nossa religião, porque que a gente faz oferenda, porque que a gente entrega pratos de comida as divindades. O conjunto de oferendas, de práticas orais, a fala, o canto, ela promove a estabilidade do axé. Não basta só a palavra, não basta só o ingrediente físico, precisa também do coração, que é Okan. É dessa forma em geral que nós de Candomblé sempre estamos em paz, porque nós buscamos a paz. E o axé é paz. (IDAFRO, 2019, 17 min43s, Babá Gill Sampaio Ominirò, A voz das religiões)

Os entrevistados mostram suas concepções sobre a palavra Axé e sua importância para a religiosidade exibem sua representatividade dentro da dinâmica das religiões de matriz africana e como eles se identificam com o conceito. “A produção de significados e a produção das identidades que são posicionadas nos (e pelos) sistemas de representação estão estreitamente vinculadas”. (WOODWARD, 2008, p.18).

Os dois programas analisados evidenciam o apagamento histórico imposto às pessoas negras e às religiões de matriz africana, demonstrando como esse processo contribuiu para a visibilidade de suas memórias, identidades e formas de pertencimento. Ao trazer essas experiências para o centro da narrativa, as produções contribuem para reposicionar sujeitos e práticas historicamente silenciados, permitindo que sejam compreendidos a partir de suas próprias referências culturais, religiosas e simbólicas.

E também, os programas ressaltam a importância da afirmação religiosa e do sentimento de pertencimento. Ao abordar o axé como força vital, espiritual e comunitária, as produções favorecem uma compreensão mais ampla das religiões de matriz africana, contribuindo para o enfrentamento de preconceitos, estereótipos e práticas de intolerância religiosa.

Os programas analisados neste capítulo constroem novos sentidos sobre as religiões de matriz africana ao conferir protagonismo aos seus próprios sujeitos. Neles, praticantes e lideranças passam a narrar suas histórias, representar suas práticas religiosas e apresentar suas comunidades a partir de experiências, referências culturais e perspectivas próprias. Essa possibilidade de autorrepresentação contribui para enfrentar o apagamento histórico e as representações estigmatizadas que, durante muito tempo, limitaram a visibilidade e o reconhecimento dessas tradições religiosas.

Ainda que em poucos minutos, torna-se possível apresentar aspectos relevantes da história das religiões de matriz africana e de seus principais representantes. As narrativas recuperam trajetórias como a de Tia Ciata, destacam a importância de Mãe Menininha do Gantois e contextualizam o pertencimento religioso de alguns sacerdotes e demais sujeitos representados. “Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos - um sistema de representação cultural. As pessoas não apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da ideia da nação tal como representada em sua cultura nacional”. (HALL, 1997, p.49).

A partir de Raymond Williams, esse movimento pode ser entendido não apenas como ampliação da presença das religiões de matriz africana na televisão, mas como uma disputa pela produção e circulação de sentidos dentro de um espaço historicamente marcado por relações de poder. Williams rejeita a compreensão da televisão como uma tecnologia neutra ou como força que, isoladamente, determina comportamentos sociais. Para o autor, seus usos, formatos e conteúdos estão vinculados às relações sociais, culturais e institucionais nas quais o meio se desenvolve.

Desde que a televisão se tornou uma forma social popular, seus efeitos são amplamente discutidos. O aspecto mais significativo desse debate tem sido o isolamento do meio de comunicação. Especialmente em sociedades industriais

avancadas, a visibilidade social generalizada da televisão e sua quase universalidade têm atraído identificações simplórias de causa e efeito acerca da participação dela em transformações sociais e culturais. O que é significativo não é a confiabilidade dessas identificações em particular; como veremos, quase nenhum efeito chega perto de satisfazer os critérios de prova científica ou mesmo de uma probabilidade geral. O que realmente significativo é atenção para certas questões- de um lado, as que se refere, a “sexo” e “violência”; de outro “manipulação política” e “degradação cultural”. Essas questões são tão genéricas que, obviamente, não poderiam ser examinadas num meio de comunicação isolado. Na medida em que a televisão está implicada com essas questões, elas devem ser vistas num processo cultural e social como um todo. Parte dos estudos sobre efeitos da televisão deve ser, então, percebida como uma ideologia, uma forma de interpretação de uma mudança geral por uma causa abstrata (WILLIAMS, 2016, p. 129)

A presença de personagens como Tia Ciata e Mãe Menininha do Gantois, assim como a possibilidade de sacerdotes e praticantes narrarem suas próprias experiências, adquire uma dimensão de confronto simbólico, sobretudo quando ocorre em uma emissora na qual essas religiões foram anteriormente associadas a representações distorcidas. Ao ocupar o espaço televisivo com outras narrativas, esses sujeitos tensionam representações já consolidadas e introduzem no próprio fluxo da televisão perspectivas historicamente marginalizadas.

O confronto, portanto, não ocorre somente pela contestação direta de discursos anteriores, mas pela possibilidade de produzir outras formas de reconhecimento e representação, fazendo da televisão um território de disputa cultural no qual sentidos dominantes podem ser questionados e confrontados por significados alternativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O primeiro programa, intitulado *Justiça*, estabelece uma relação direta entre seu título e o conteúdo apresentado. O episódio reconstrói o contexto jurídico que possibilitou a produção e a exibição dos programas dedicados às religiões de matriz africana, recuperando o processo que culminou na concessão do direito de resposta. A escolha do título produz significados associados à reparação, ao reconhecimento de direitos e ao enfrentamento das representações discriminatórias anteriormente veiculadas. A decisão judicial é apresentada como resultado de uma disputa por visibilidade e legitimidade no espaço televisivo, permitindo que os próprios representantes dessas religiões participem da construção de outras narrativas sobre suas práticas, identidades e tradições.

O segundo programa, intitulado *Brasil*, também, estabelece uma relação direta entre seu nome e o conteúdo apresentado. Ao abordar a presença das tradições religiosas de matriz africana no cotidiano e na formação cultural do país, o episódio amplia o sentido de Brasil, evidenciando a contribuição histórica dessas religiões para a construção da identidade nacional. Símbolos, práticas, saberes e valores de origem africana aparecem incorporados à cultura brasileira, embora nem sempre sejam reconhecidos pela população. O título produz o sentido de um Brasil marcado pela diversidade cultural e religiosa, mas também pelas contradições decorrentes do desconhecimento sobre essas tradições.

O terceiro programa, intitulado *Cultura*, apresenta diferentes manifestações da cultura afro-brasileira e evidencia sua relação com as tradições religiosas de matriz africana. O episódio aborda, por exemplo, a produção iconográfica de Roger Cipó, que registra elementos, símbolos e práticas do candomblé, também destaca o Jongo como expressão cultural marcada pela ancestralidade, pela memória e pela resistência da população negra. Portanto, o título do programa está diretamente relacionado ao seu conteúdo, pois reúne diversas dimensões da cultura afro-brasileira e da religiosidade e sua identidade.

O quarto e último programa, intitulado *Comportamento*, estabelece uma relação direta entre seu nome e as questões desenvolvidas ao longo do episódio. O conteúdo aborda as novas formas de convivência e organização social construídas pela população negra escravizada no Brasil, que precisou reelaborar vínculos, práticas e códigos sociais diante das condições impostas pelo sistema escravista. O programa destaca especialmente o protagonismo e o poder das mulheres negras na preservação das tradições, na organização das comunidades e na continuidade das práticas religiosas de matriz africana. O episódio problematiza os comportamentos de intolerância religiosa e evidencia as estratégias de resistência adotadas por

essas religiões. A própria produção do programa constitui um marco simbólico, pois possibilita que seus representantes ocupem o espaço televisivo para narrar suas experiências, afirmar suas identidades e construir outras formas de representação sobre seu povo e sua religiosidade.

A partir dessa análise dos quatro programas podemos retomar a problematização que foi levantada, sobre produção de sentidos. As religiões de matriz africana passam a produzir sentidos sobre si mesmas quando seus próprios representantes assumem a tarefa de narrar suas trajetórias, explicar suas práticas, apresentar seus símbolos e afirmar suas identidades religiosas. Ao mostrar o processo judicial que possibilitou a realização dos programas, os episódios desenvolvem temas relacionados à história dessas religiões, à intolerância religiosa enfrentada por seus praticantes e à influência das tradições africanas na formação cultural brasileira.

Nesse espaço de representação, sacerdotes, praticantes e demais participantes não aparecem apenas como objetos do discurso produzido por terceiros. Eles se tornam sujeitos de suas próprias narrativas, reivindicando reconhecimento e questionando definições, estereótipos e imagens historicamente construídas a partir de um olhar externo, muitas vezes atravessado pelo preconceito e pelo racismo religioso.

Produzir sentidos sobre si mesmos significa, portanto, construir, expressar e negociar identidades, atribuindo significados às próprias vivências, aos símbolos religiosos e às formas de pertencimento coletivo. Os programas funcionam como espaços de afirmação identitária e de disputa de sentidos nos quais as religiões de matriz africana procuram romper com representações negativas e estabelecer narrativas fundamentadas no reconhecimento e na valorização de suas tradições.

O direito de resposta possibilitou as comunidades negras e os representantes das religiões de matriz africana ressignificaram o espaço e o tempo que lhes foram concedidos na programação da Rede Record, transformando-os em um campo de produção de sentidos e de confrontação das representações historicamente difundidas pela própria emissora. Se, em sua programação habitual, essas tradições religiosas eram frequentemente apresentadas de maneira depreciativa, estereotipada e associada a valores negativos, nos quatro programas seus integrantes puderam construir uma nova forma de representação, baseada em suas próprias experiências, perspectivas e referências culturais. Desse modo, o espaço televisivo deixou de funcionar exclusivamente como instrumento de reprodução do preconceito e passou, ainda que temporariamente, a abrigar narrativas que contestavam o discurso dominante e afirmavam outras possibilidades de reconhecimento.

Os Estudos Culturais constituem uma perspectiva teórica voltada à compreensão das relações entre cultura, sociedade, comunicação e poder. Nessa perspectiva, a cultura participa

ativamente da produção de valores e significados, ao mesmo tempo em que é atravessada por processos históricos, sociais, econômicos e políticos.

Nesse campo, os conceitos de representação e identidade tornam-se fundamentais para compreender como os sujeitos e grupos sociais são significados e posicionados na sociedade. As representações não apenas descrevem a realidade, mas participam da produção dos sentidos atribuídos às pessoas, às práticas culturais e às identidades.

Por essa razão, estão diretamente relacionadas às disputas de poder. A identidade, por sua vez, é compreendida como uma construção histórica, cultural e discursiva, formada nas relações sociais, na diferença e nos processos de reconhecimento. Os meios de comunicação, especialmente a televisão, ocupam posição relevante nesse processo, pois participam da produção e circulação de imagens, discursos e representações que podem tanto reforçar estereótipos quanto possibilitar a construção de novos sentidos sobre grupos historicamente marginalizados.

Essa discussão é particularmente importante para compreender as religiões de matriz africana no Brasil. Formadas em um contexto marcado pela escravização, pela diáspora africana e pelo contato entre diferentes tradições religiosas, essas religiosidades desenvolveram estratégias de resistência para preservar conhecimentos, práticas, vínculos comunitários e referências ancestrais. Irmandades religiosas, calundus e, posteriormente, os terreiros constituíram espaços fundamentais para a manutenção e reconstrução dessas tradições, contribuindo para a afirmação cultural e identitária da população negra.

Apesar de sua relevância histórica e cultural, as religiões de matriz africana foram submetidas a diferentes formas de repressão promovidas por instituições religiosas, pelo Estado e por setores da sociedade. Essa perseguição permanece presente na contemporaneidade e está relacionada não apenas à intolerância religiosa, mas também ao racismo que historicamente desqualifica práticas, saberes e modos de vida associados às populações negras e africanas.

Assim, discutir representação e identidade permite compreender como discursos sociais e midiáticos podem contribuir para a reprodução de preconceitos ou, em sentido contrário, abrir espaços para que os próprios sujeitos afroreligiosos construam suas narrativas, disputem significados e afirmem suas identidades e tradições a partir de seus próprios referenciais.

Ao mesmo tempo, os depoimentos evidenciam que assumir publicamente esse pertencimento religioso implica enfrentar diferentes formas de intolerância, discriminação e estigmatização, produzidas em uma sociedade marcada por relações desiguais de poder e pela predominância histórica de referências cristãs. Os programas tornam visíveis não apenas as

religiões de matriz africana, mas também os mecanismos sociais que sustentam sua marginalização e os desafios enfrentados por seus praticantes.

O processo foi ajuizado no mesmo ano em que foi sancionada a Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira no currículo escolar, incluindo o estudo da história da África e dos africanos. Essa coincidência temporal reforça a relevância dos programas como instrumento de ampliação do conhecimento sobre a população negra, suas tradições, culturas e formas de organização, contribuindo para o enfrentamento de estereótipos, da intolerância e do racismo religioso, tanto no ambiente escolar quanto na sociedade de modo mais amplo.

A televisão constitui, assim, um espaço de mediação e disputa pela produção de sentidos. Ao possibilitar que esses sujeitos assumam a palavra pública, inclusive para narrar o processo jurídico que resultou no direito de resposta, o programa desloca representações historicamente construídas a partir da criminalização, da demonização e do preconceito. As religiões de matriz africana passam, então, a ser significadas a partir das experiências de quem as pratica, lidera e preserva, afirmando-se como espaços de ancestralidade, memória, pertencimento e resistência. Portanto, o programa televisivo não apenas amplia a visibilidade dessas tradições, mas também abre espaço para a construção de outras narrativas sobre sua presença e legitimidade na sociedade.

O direito de resposta concedido ao INTECAB e veiculado pela Rede Record constitui um marco histórico para as religiões de matriz africana. Conquistado após anos de mobilização e disputa judicial, esse reconhecimento representa uma importante vitória na luta contra a intolerância religiosa e na afirmação do direito à liberdade, ao respeito e à representação pública dessas tradições religiosas.

O que a gente tá fazendo aqui hoje é tentar repor toda a injúria, toda a difamação, todo o ódio que nos foi lançado em rede nacional. A potência da mídia é algo estrondoso. Porque isso entra pela casa das pessoas, e naquele momento, madrugadas adentro, né, com um discurso de muito ódio. Então o que a gente tá fazendo aqui hoje eu considero um momento histórico da televisão brasileira. E espero que esses programas vão para as redes sociais. Sabe? Pra gente pegar também o público jovem, eu fico pensando muito no público jovem. Porque todos nós que estamos aqui, estamos meio calejados e tivemos oportunidade de ir a escola, ou tivemos oportunidade de escutar os mais velhos. Mas eu fico pensando os jovens que são bombardeados o tempo todo pelas redes sociais, pela mídia e a gente tem que pensar neles. Como fazer que os nossos jovens tenham orgulho, sabe, como fazer que o meu filho tenha orgulho da nossa religião, da religião que a nossa família segue. (IDAFRO, 2019, 14min 49s, Carla Osório, A voz das religiões)

O direito de resposta abriu espaço para que as religiões de matriz africana apresentassem suas próprias representações, identidades, práticas e formas de pertencimento, ao mesmo tempo

em que evidenciaram a intolerância e o racismo religioso que atravessam cotidianamente as experiências de seus adeptos, bem como o apagamento histórico imposto a essas tradições. Embora os programas também tenham abordado o processo judicial movido contra a Rede Record, a narrativa não se concentrou exclusivamente na denúncia da atuação da emissora ou na perseguição sofrida ao longo dos anos.

O espaço conquistado foi utilizado, sobretudo, para ampliar a discussão sobre a intolerância presente na sociedade, denunciar práticas de discriminação e violência religiosa e possibilitar que esses sujeitos narrassem suas próprias histórias a partir de seus referenciais, saberes, memórias e experiências.

O direito de resposta constituiu também uma oportunidade de reconstrução de representações historicamente produzidas por olhares externos, permitindo que as religiões de matriz africana falassem sobre si mesmas e ressignificassem publicamente suas trajetórias e identidades. “O que observamos é que, a cada dia, as comunidades e entidades indígenas e negras aumentam seus espaços sociais de atuação, lutando pelo direito à sua existência própria no conglomerado nacional, atestando a pujança da afirmação existencial de nossa gente”. (p. LUZ, 2002, 173)

Os sujeitos das religiões de matriz africana deixam de ser apenas representados por terceiros e passam a construir publicamente sentidos sobre si mesmos. Nessa perspectiva, a representação constitui um processo de produção de sentidos por meio da linguagem e das práticas culturais, participando ativamente da construção da realidade social (HALL, 2016).

Embora a concessão do direito de resposta tenha representado uma abertura importante para que as religiões de matriz africana ocupassem o espaço televisivo e construíssem publicamente outras narrativas sobre suas práticas, identidades e experiências, as condições estabelecidas para sua exibição revelam os limites dessa reparação. No processo, foi solicitada a veiculação de 30 programas, com duas horas de duração cada, em dias consecutivos, no horário das 21h às 23h.

No entanto, foram concedidos apenas quatro programas de aproximadamente 20 minutos, exibidos por volta das duas e meia da madrugada. Essa significativa redução do tempo de exposição, associada à escolha de um horário de baixa audiência, produz um tensionamento entre o reconhecimento formal do direito de resposta e sua capacidade efetiva de alcançar o público.

A reparação jurídica não correspondeu, em termos de visibilidade e circulação, à dimensão do espaço anteriormente ocupado pelos discursos questionados, configurando uma espécie de visibilidade controlada. A experiência evidencia, portanto, a necessidade de ampliar

não apenas a presença das religiões de matriz africana nos meios de comunicação, mas também de garantir condições de exibição capazes de promover alcance público, pluralidade de representações e participação mais efetiva desses sujeitos na disputa social pela produção de sentidos.

Portanto, embora os programas representem uma conquista histórica para as religiões de matriz africana, ao garantirem a essas tradições um espaço de fala e representação em uma rede de televisão de grande alcance, a visibilidade proporcionada ainda se mostrou limitada. Ainda assim, em um contexto marcado pela persistência da intolerância e do racismo religioso, essa presença na mídia pode ser compreendida como um passo inicial importante na ampliação do reconhecimento público, na disputa por representações mais plurais e na construção de novos espaços de legitimidade para essas religiões.

E quando se fala em fluxo em que os programas foram inseridos, em uma estrutura da programação, acabou por criar um “gueto midiático”, onde as falas dos sacerdotes, embora potentes, ficou isolada do fluxo habitual da emissora, não conseguindo de fato, alterar a hegemonia discursiva que a Rede Record mantém sobre seu público. A programação da Rede Record em sua programação nesse horário, nesse intervalo é sempre dedicado ao que eles chamam de variedades de religião (Fala que eu te escuto, Dicas de amor, Palavra Amiga). Portanto, os programas “A voz das religiões” estão **inseridos** em uma grade que acaba absorvendo e neutralizando esses programas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ronaldo. **A universalização do Reino de Deus**. Orientadora: Alba Maria Zaluar. 1996. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Departamento de Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

BERNARDES, Vânia Aparecida Martins; **História e Cultura Afro- brasileira**. In: KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim (org.) Curso de Educação para as relações étnico- raciais. Uberlândia - Módulo IV. Universidade de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

CALEIRO, Regina; MOTA, Frederico. Reflexões Acerca Do Preconceito Em Torno Das Práticas Religiosas Afro-Brasileiras: O Exemplo Carismático. **Revista Escritas**. Volume 1. Tocantins, 2008.

CARVALHO, José Jorge de. A economia do axé: os terreiros de matriz afro- brasileira como fonte de segurança alimentar e rede de circuitos econômicos e comunitários. In: ARANTES, Luana Lazzeri; RODRIGUES, Monica (orgs.). **Alimento: Direito Sagrado. Pesquisa socioeconômica e cultural de Povos e Comunidades Tradicionais de Terreiros**. Brasília: MDS, p. 37-62, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas: Papirus, 2012

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. 2ed. São Paulo: Boitempo, 2003.

COSSARD, Gisèle Omindarewá. **Awó: o mistério dos orixás**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

FIGUEIREDO, Namar Oliveira Silva. **A Identidade cultural sob a influência da mídia: um olhar sobre os adolescentes e jovens da comunidade do Taquaral**. Orientadora: Maria Helena Barros de Oliveira. 2013 Dissertação (Mestrado em Letras). Linguística, Letras e Artes. Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações, Três Corações, 2013.

FLOR do NASCIMENTO, Wanderson. Intolerância ou racismo? **Jornal Hora Grande**, Outubro - Ano XXI - Edição 167. 2016.

FRANCO, Gilciana Paulo, As religiões de matriz africana no Brasil: luta, resistência e sobrevivência. In **Revista Discente do Programa de Pós Graduação em Ciência da Religião da UFJF**. V.. 18, n. 1, p. 30-46, jan-jun / 2021. <https://doi.org/10.34019/2237-6151.2021.v18.34154>

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidade: Identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik. Tradução Adelaine La Guardia Resende. 1º ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016.

IDAFRO. A VOZ DAS RELIGIÕES AFRO (Direito de Resposta)- Pgm 1. YouTube, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lu0KgXsRUoA>. Acesso em: 1 mar. 2026.

IDAFRO. A VOZ DAS RELIGIÕES AFRO (Direito de Resposta)- Pgm 2. YouTube, 2019. Disponível em: (<https://www.youtube.com/watch?v=n1dzZHy8TOE&t=16s>). Acesso em: 1 mar. 2026.

IDAFRO. A VOZ DAS RELIGIÕES AFRO (Direito de Resposta)- Pgm 3. YouTube, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6TdWcysDYNI&t=41s>. Acesso em: 1 mar. 2026.

IDAFRO. A VOZ DAS RELIGIÕES AFRO (Direito de Resposta)- Pgm 4. YouTube, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3ZxWW4Mh0g4&t=113s>. Acesso em: 1 mar. 2026.

LUZ, Marco Aurélio. **Do Tronco ao Opa Exim: Memória e Dinâmica da Tradição Afro-Brasileira**.- Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

MARTÍN- BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.

NASCIMENTO, Alessandra Amaral Soares. Candomblé e Umbanda: Práticas religiosas da identidade negra no Brasil. Revista Brasileira da Sociologia da Emoção. V.9, n. 27, p- 885-897, 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/32188344/Candombl%C3%A9_e_Umbanda. Acesso em: 15 jun. 2025.

OLIVEIRA, Ariadne Moreira Basílio de. Religiões afro-brasileiras e o racismo: contribuição para a categorização do racismo religioso. 2017. 102 f. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017.. <http://dx.doi.org/10.26512/2017.08.D.31472>

PRIMEIROS NEGROS, Conexão Ancestral: entre o “sagrado” e o “profano”. São Paulo, 4 de abril de 2022. Disponível em: <https://primeirosnegros.com/entre-o-sagrado-e-o-profano/>. Acesso em: 01/03/2026.

ROCHA, Simone Maria; SILVEIRA, Letícia Lopes. **Gênero televisivo como mediação: possibilidades metodológicas para análise cultural da televisão**. E-compós, v.15 n. 1, Belo Horizonte, 2012. <https://doi.org/10.30962/ec.v15i1.745>

SILVA, Marina Barbosa e. **As religiões afro-brasileiras e a intolerância religiosa em Porto Alegre:** uma luta pela legitimidade da herança africana. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 11., 2011, Salvador. Anais eletrônicos [...]. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2011. p. 1-16.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais/ In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda:** caminhos de devoção brasileira. São Paulo: Ática, 1994.

SILVA, Vagner Gonçalves. Prefácio ou notícia de uma guerra nada particular: os

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIAS, COMUNICAÇÃO E
EDUCAÇÃO

ANGÉLICA VIRGÍNIA CARVALHO GUIMARÃES

**A Produção de Sentido Das Religiões De Matriz Africana Na Mídia Televisiva:
Identidade e Representação como dilemas no Direito De Resposta Na Rede Record**

UBERLÂNDIA
2026

ataques neopentecostais às religiões de matriz africana no Brasil. (Org.) SILVA, Vagner Gonçalves, In: **Intolerância Religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007, p. 9-28.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1999.

WILLIAMS, RAYMOND. **Televisão e forma Cultural**. São Paulo: Boi tempo, 2016.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

ANEXO

TRANSCRIÇÃO- PROGRAMA A VOZ DAS RELIGIÕES

Programa 1- JUSTIÇA

Dia de Exibição: 09/07/2019- 06/08/2019- 03/09/2019

Horário: 02:30

Duração: 20 minutos

Apresentação: Claudia Alexandre

Descrição: Programa voltado para ação judicial movida pela IDAFRO contra a Rede Record de televisão. O foco é apresentar como foi o processo com relatos dos advogados do caso, com a desembargadora relatora do caso, e outros representantes da justiça. Além de depoimentos de representantes das religiões de matriz africana comentando os casos de intolerância religiosa.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lu0KgXsRUoA>)

Transcrição programa “Justiça”

Pai Marcelo de Logun Edé: A vitória nessa ação é uma vitória de um povo que já luta desde o tempo da colonização.

Mãe Liliana de Oṣun: Nós não queremos nada de diferente do que as outras pessoas esperam também. Comunidades de terreiro é um espaço de dignidade, de benfeitoria.

Sacerdote Alexandre Cumino: Religião é aonde a pessoa coloca a sua fé. Então Umbanda, Candomblé, Tambor de Mina, Catimbó é religião.

Mametu Oyacorajasi: E se alguém acha que nós não temos o direito, nós temos ir a luta, lutar com unhas e dentes como dizia meus antepassados, pra nós chegarmos lá.

O programa: No dia 03 de Dezembro de 2003, o CEERT – Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades, o INTECAB – Instituto Nacional da Tradição e Cultura Afro-Brasileira e o Ministério Público Federal ingressaram com a Ação de Direito de Resposta.

Cláudia Alexandre: Olá, eu sou Cláudia Alexandre, essa é a voz das religiões Afro. Eu estou aqui com o doutor Hédio Silva Junior. Nós ouvimos um toque ao orisá Şàngó, é isso?

Dr. Hédio: Pois é, Şàngó foi citado no Supremo Tribunal Federal, e foi muito bonito ver na fala dos ministros a citação a Şàngó. O símbolo de Şàngó remete a um símbolo universal de Justiça. E a ideia de senso de justiça num país plural como o nosso, significa que todos os grupos humanos, todos os grupos religiosos devem ter igualdade. Igualdade de tratamento, igualdade em dignidade, igualdade de respeito. Portanto, todas as vezes que nós, povo de aşé, nos reunimos, que nós nos indignamos contra a injustiça, todas as

vezes que nós denunciemos a intolerância religiosa, nós estamos reverenciando e estamos honrando o legado de Sàngó.

Dr. Sérgio Suiama (Procurador da República): Mas uma vez nós estamos aqui então pra fazer valer o direito de resposta e fazer valer a democracia e a liberdade religiosa.

Dra. Eugênia Favero (Procuradora da República): Somos diferentes, somos diversos, mas somos iguais em direitos e no exercício da cidadania.

O programa: A intolerância religiosa atribuía as religiões afro-brasileiras a causa de todos os males da humanidade. Esse discurso de ódio incita brasileiros a agredir outros brasileiros. A cada 15 horas, um templo religioso afro-brasileiro sofre algum tipo de ataque.

Sinvaldo José Firmino: Fundamental importância essa vitória pra dizer aos meios de comunicação, que nós estamos atentos a partir de agora, e essa luta não é das pessoas que estão aqui na frente. Essa luta é de vocês, que foram pra rua, muitos já não estão entre nós. E dizer o seguinte, nós vencemos. Respeito é tudo. Mexeu com um, mexeu com todos. Muito asê a todos.

Cláudia Alexandre: Em 2003, houve uma manifestação na Avenida Paulista de muita saudosa memória, e eu gostaria de saber, Paulo Mansur, quem esteve lá em 2003. Quem esteve lá?

Paulo Masur: olha que maravilha o tanto de pessoas que estiveram lá e eu queria falar com Mãe Carmen de Oşun, queria ver minha Mãe, primeiro de tudo, sua bença, segundo de tudo, o que a senhora achou daquele dia, quais as lembranças que a senhora pode trazer pra gente daquele dia.

Mãe Carmen de Oşun: as lembranças são extremamente fortes. Me remete, me volta ao passado, me volta a sentir saudade de pessoas que lutaram bastante, que fizeram muito pra que esse dia também acontecesse.

Egbonmi Conceição Reis D'Ogum: Muito dos nossos que estavam lá já se foram, mas nós tínhamos na época, a referência de Pai Joãozinho da sete pedreira, de Pai Cidoim da Oxum, da caravana da Mãe Dango, junto com Tiãozinho, que na época era nosso deputado, nossa referência. Inclusive, até um adendo Tiãozinho, não podemos nos

esquecer que o senhor foi o primeiro deputado estadual a entrar na ALESP com os tambores. Com os tambores.

Padre José Enes de Jesus: Ficou na minha memória a perseverança do povo de santo. Isso me deixou muito animado e fiz questão de vir aqui hoje justamente para comemorar com esse povo que é perseverante. Vocês estão no meu coração.

Paulo Masur: Axé, maravilhoso! Cláudia Alexandre, voltamos para você!

Cláudia Alexandre: Eu gostaria de saber o que originou, o que deu origem a essa manifestação, a esse ato e também o processo.

Dr. Hédio: Foram repetidas mensagens, narrativas de ofensas as religiões afrobrasileiras, veiculadas nessa emissora que nós estamos indo ao ar hoje, e nós então ingressamos primeiramente com uma representação. O nosso eterno deputado Tiãozinho do PT foi um dos articuladores dessa representação. Por meio da representação, esta emissora e a outra emissora que é parte na ação, recusaram o pedido administrativo de resposta, e então em parceria com o Ministério Público Federal nós ingressamos com um direito de resposta coletivo, que talvez tenha sido uma das ações que mais tempo se prolongou no Brasil. Porque na primeira instância, ela levou 15 anos pra ser julgada. E depois mais dois anos de apelação. E aí nós então ao invés de aguardar que os recursos para Brasília fossem julgados, por iniciativa do Ministério Público Federal, nós assinamos um acordo, e é o acordo que garante que essa resposta hoje vá ao ar.

Dr. Djalma Moreira Gomes (Juiz que deu sentença em 2015): Não é uma ação simples. É uma ação de relativa complexidade processual. Isto é, quem deve julgar, se deve executar agora, etc. São vários aspectos processuais que normalmente acarreta uma demora maior.

Walter Claudius Rothenburg: Eu fiquei a pensar foi uma ideia que me ocorreu, se mesmo agora, a essas alturas do campeonato, tanto tempo depois e já no âmbito do Tribunal, se não havia espaço pra quem sabe a gente tentar um acordo. O professor Hédio e nós nos reunimos também com lideranças das religiões de matriz africana. Foi uma conversa assim, muito sincera, muito bacana. Eles disseram que a gente podia tentar esse acordo, eles liberaram. Eu liguei então também pra parte adversa, pro pessoal ligado a Rede Record. E também aqui eu fiquei muito surpreso, porque eu encontrei assim uma acolhida muito grande. Achei que eles estavam assim muito dispostos a conversar, gostariam de saber quais seriam os termos do acordo. Nós tavamos claramente na perspectiva de que

um acordo implica sempre cedências recíprocas. Quer dizer, haveria perdas, mas nós estávamos mais preocupados com os ganhos.

Cláudia Alexandre: Pai eu queria que o senhor falasse da religião. Pra um religioso, ter recebido aquelas ofensas.

Alabiy Ifakoya: Muitos traumas, né. eu acredito que não só pra mim, como sacerdote da religião, mas para muito dos meus irmãos que tinha que ouvir, né, aqueles, aquelas ofensas, né. eu mesmo, na qualidade de sacerdote, eu sentia que algo ia vir a nosso favor. Porque Şàngó sempre esteve com a gente.

Cláudia Alexandre: Pai Cássio, como é que o senhor esses tempos todos de demora pro resultado dessa ação.

Pai Cássio Ribeiro: Quando Dr. Hédio, quando Tiãozinho, quando todos os presentes se movimentaram, eu tinha uma enorme esperança que nós iríamos vencer. Eu sabia da dificuldade, mas a esperança é algo que cala fundo dentro do coração do povo do santo, do umbandista. Então o dia viria a vitória, tardou mas chegou. Ase!

Cláudia Alexandre: Perfeito. Dr. Daniel...

Dr. Daniel: Então, eu até queria ressaltar essa dimensão também porque havia um ineditismo nessa tese também, e que inclusive ficou cristalizado no julgamento, no TRF, isso independentemente do acordo e se instalar como julgado. Que é um direito de resposta manejado pela tutela coletiva. Que que é esse palavrório jurídico: é você optar coletivamente por um direito de resposta a partir da lei de ação civil pública. De fato, quando a gente pensa coletivamente o exercício de direito é que a gente pode chegar mais longe. Por isso que eu tô muito emocionado. O desafio hoje aqui foi segurar a emoção, depois de tanto tempo, depois de toda essa história de luta e a gente coletivamente ter um desfecho que finalmente vai pro ar.

Tio Dudu do Jongo: A polícia corria atrás, e descia o couro em quem era da Umbanda ou do Candomblé.

Sebastião Arcanjo: Nós não podemos retroceder na conquista dos direitos. O mundo atual exige de nós determinação, disposição de luta no sentido de não permitir nenhum retrocesso, nenhum passo atrás na proteção do direito a vida, na garantia da liberdade religiosa.

Carlito de Oxumarê: Nós estamos pedindo que vocês nos conheçam, pra depois vocês saberem o que falar sobre a nossa religião. Venham perguntar pra nós que você vão saber que a nossa religião é tão boa quanto qualquer outra.

Cláudia Alexandre: Dr. Hédio, havia alguma possibilidade de não ganhar a ação?

Dr. Hédio: Nós estávamos lutando contra emissoras poderosas, que contratam pan advogados pelo país, não é? Que tem influência na política, que tem influência nos palácios do governo. E quem nós éramos contra esse poderio? Nós éramos pessoas que acreditavam na justiça, mas que os advogados nem de longe tem condições materiais, econômicas, de fazer frente ao poderio que essas emissoras têm. Eu diria que foi uma luta de Davi contra Golias. A junção da pressão política do povo de axé e a destreza dos advogados é que evitaram o não, mas nós com certeza poderíamos ter morrido na praia, tanto que a ação na primeira instância levou 15 anos até ter uma sentença.

Dr. Antônio Basílio Filho: Obviamente a pessoa que não se contente com a decisão judicial de primeira instância sobe para o tribunal e assim sucessivamente. Nós achávamos que eles estavam dentro do direito, mas você veja bem, nós discutimos liminarmente, liminarmente 13 anos. Esse processo desceu da maior corte do Brasil, voltando pra primeira instância pra julgar mérito. Mérito ganhamos também. Subimos pro tribunal, fizemos tentativa oral no tribunal regional federal aqui de São Paulo.

Ganhamos também por votação unanime, por votação unanime. Foi assim um sucesso. E dali pra cá achávamos que mais um recurso pra mais alta corte iria demorar muito. Porque essa ação é uma ação que diz respeito a nossa religião, a Umbanda e o Candomblé. Não é uma reli um bgião que... não é um assunto de interesse da sociedade. Portanto, essa ação iria ficar láom tempo. Então nós procuramos fazer um acordo, tá entendendo? E por fim a essa demanda.

Cláudia Alexandre: O que explica essa extensão, esse longo período de espera pra essa solução, pra que a gente esteja agora vivendo esse direito de resposta.

Dr. Hédio: As emissoras utilizaram todos os recursos processuais possíveis pra postergar a decisão. O que determina esse resultado é a pertinácia, a pertinência, a insistência, a força do nosso povo. Quando o povo de axé tomou o Tribunal Regional Federal, foi um dia histórico para mim. E vale lembrar que a presidente da nona turma, que é uma das

desembargadoras federais mais antigas da casa, saiu da sua poltrona e foi no outro andar cumprimentar o povo de axé.

Dra. Consuelo Yoshida: Eu achei muito interessante que a OAB, através das suas comissões, comissão de direitos humanos mais especificamente né, ela enviou um ofício pedindo autorização para que, não só as mães mas os pais de santo pudessem assistir devidamente paramentados de branco né. Uma forma de mobilização social. Isso foi autorizado pela presidente e eles ficaram num auditório, não no próprio recinto do julgamento, mas com telões e foi um momento histórico. A gente considera isso como um momento histórico aqui no tribunal também, né.

Dra. Maria Cuccio: É interessante que nesse processo ele permite um enfrentamento de várias questões constitucionais, né. A liberdade de expressão, o direito a imagem, o direito a honra. Então essa jurisprudência, esse julgamento, pode impactar sim outros direitos constitucionalmente protegidos.

Dra. Debora Duprat: A liberdade religiosa, a laicidade do Estado, o princípio da laicidade do Estado, é um princípio que surge logo depois da primeira constituição republicana.

Dr. Jader Freire de Macedo Jr.: Não se deixa abater pela opressão e lute pelo seu direito. Porque ele tá acima de tudo. O direito que você tem de professar sua fé, o direito que você tem de praticar o rito de sua fé, o direito que você tem de expressar a fé que você tem, ela é igual pra absolutamente todos e ninguém pode impedir isso.

Cláudia Alexandre: Bom, eu vou perguntar pra todos o que mais precisa ser feito pra que a gente acredite sempre na justiça de Sàngó.

Dr. Daniel: Cada vez mais a gente não pode deixar passar. Então mais do que a gente está fazendo aqui hoje, é fundamental que a gente sim, se encontre mais, mas cada vez mais pensando várias dimensões. Quando a gente pensa o racismo religioso, quando a gente pensa outras questões também pra que a gente não deixe passar.

Cláudia Alexandre: Pai Alabiy, o senhor.

Alabiy Ifakoya: Eu queria dizer o seguinte: que a nossa religião, né, o nosso candomblé é um candomblé de todos. Do negro, do amarelo, do branco. Veja quantos brancos tem aqui e quantos brancos tem defendido a nossa religião. Então houve essa mudança muito

grande nas nossas casas de candomblé. E não sei se fugi da sua pergunta, mas isso aqui tava aqui dentro e eu precisava falar.

Cláudia Alexandre: O senhor, Pai Cássio.

Pai Cássio: para que a força de Şàngó se faça valer, é necessário que cada um de nós aqui presentes, foi necessário que aqueles que já se foram, será necessário que aqueles que virão tenham fé. A fé é o que nos move e é o que nos dá a certeza que a força de Şàngó e dos orixás jamais irá falhar.

Cláudia Alexandre: tá certo. O senhor mesmo.

Dr. Hédio: A pluralidade é nossa marca característica. Isso não nos faz diferentes nem inferiores em relação a qualquer outra religião. O que nós vamos fazer com essa pluralidade é que pode nos fortalecer. A maioria da macumba hoje, inclusive eu constatei isso em estatística é branca. E esse brancos, quando são identificados no trabalho, na universidade, etc. com a macumba, vão ser tratados que nem preto. Porque a marca que eles trazem, é a marca da religiosidade de preto. Então nós temos que fortalecer a nossa unidade, temos que fortalecer a unidade com a Umbanda. Temos que fortalecer a unidade própria inclusive dentro do Candomblé. É todo mundo macumbeiro, nego!

Cláudia Alexandre: eu quero agradecer ao Pai Cássio, Pai Alabiy, Dr. Daniel, Dr. Hédio Silva Junior. Eu agradeço a oportunidade. Parabenizo, porque também fiquei orgulhosa, porque também eu sou uma sacerdotisa de Umbanda e porque os meus filhos, o meu povo também esteve sofrendo junto. Obrigada gente! Boa noite, bom descanso.

Voz1: E tem mais religião afro! Nos próximos programas...

Nazi: não são só as violências das pedras jogadas nas ruas. No xingamento. A perseguição de ser um artista se fala “eu sou de orixá”.

Voz2: O sino da igreja faz belem blem blão. O sino da igreja faz belem blem blão.

Voz3: Religião é aonde a pessoa coloca a sua fé. Então Umbanda, Candomblé, Tambor de Mina, Catimbó é religião.

Voz4: E dentro dessa cultura, nós temos muitas Iyas e Babás que protegem as escolas de samba.

Programa 2- BRASIL

Dia de Exibição: 16/07/2019- 13/08/2019- 10/09/2019

Horário: 02:30

Duração: 20 minutos

Apresentação: Claudia Alexandre

Descrição: O segundo episódio mostra o povo de matriz africana comentando a questão da intolerância religiosa e da identidade de seu povo. Além disso, há entrevistas com pessoas na rua comentando a mesma temática.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n1dzZHy8TOE&t=16s>;

Transcrição programa “Brasil”

Voz: todos os anos, milhares, milhões de brasileiros lotam as praias, não só do Rio de Janeiro, na noite do ano novo. Gente de todas as cores e religiões, vestindo branco e levando flores. Na esperança de um ano melhor, pulam sete ondinhas e jogam flores para Iemanjá. Será que eles sabem que Iemanjá é um orixá africano?

Makota Celinha: Axé pra mim é o ar que eu respiro, é a lagrima que rola quando eu sofro o racismo, é a minha essência. Por isso me é tão caro ter o direito a ter axé.

Mãe Carmen de Oxum: Axé é o que está acontecendo aqui hoje. O direito de você ter resposta, o direito de você professar sua religião. O direito de você também não crer. Isso também é axé.

Cláudia Alexandre: Eu sou Cláudia Alexandre e quero conversar com você sobre nós. O Brasil é de todos os brasileiros e brasileiras e de todas as religiões. Inclusive os que não tem religião. Nós temos religião, e temos muito orgulho das nossas religiões. E também das pessoas da religião. Mo Juba Egbon mi Conceição Reis de Ogum. Linda, maravilhosa. Sua benção Iya. Iya, quantos anos de religião?

Conceição Reis de Ogum: Desde 21 de Setembro de 1973. Este ano completo 45 anos.

Cláudia Alexandre: Então nós vamos receber os convidados que também devem estar muito orgulhosos desse dia. Sacerdote Alexandre Cumino, e a Luciana de Oya e o cantor Nasi. Prazer recebe-los. E eu começo perguntando pro senhor, sacerdote Alexandre Cumino, o que é religião?

Alexandre Cumino: Religião é aonde a pessoa coloca a sua fé. Então sempre que houver uma comunidade que possui uma doutrina, que lhe dá um sentido para a vida, ali já é religião. Então Umbanda, Candomblé, Tambor de Mina, Catimbó e várias outras expressões de espiritualidade quando em comunidade é religião. E nós somos religião, e, portanto, praticamos única e exclusivamente o bem.

Cláudia Alexandre: Porque os Exus e as Pombas Gira fazem tanto sucesso e talvez sejam elas os motivos desse nosso programa.

Iya Luciana de Oya: Porque eles tem uma ligação direta, né, que as pessoas falam. E o que a gente percebe nas religiões, nos lugares que as pessoas vão, nas casas, que há uma necessidade de conversa. Tanto que as festas de Exu e Pomba Gira nas casas geralmente são muito cheias.

Cláudia Alexandre: Sucesso de público.

Iya Luciana de Oya: Sucesso de público, e principalmente por essa proximidade de estar e a necessidade que a gente percebe nas pessoas em conversar.

Nasi: Queria pegar um pouquinho de cada coisa que você falou com muita propriedade. É interessante pra gente perceber como a Umbanda sempre teve um papel de psicólogo do povo. Um psicólogo popular.

Conceição Reis de Ogum: A pomba Gira que nós acreditamos, ela não é uma mulher de sete maridos. Mas ela é uma entidade de luz, que é mensageira dos nossos orixás. Principalmente de quem tem a possessão do orixá feminino.

Cláudia Alexandre: Tá certo. Antes de eu passar para a próxima pergunta, eu queria colocar o Alexandre Cumino na conversa, porque ele escreveu um livro e eu vou perguntar pra ele: Exu é o diabo?

Alexandre Cumino: Exu não é diabo. E você sabe, as pessoas não sabe nem o que é diabo. Então Exu, ele é amado, reverenciado, adorado, querido, é quem nos guarda e protege, é Orixá.

Entrevistada: Religião é um tema que é muito pessoal, é muito íntimo. E quando você ataca alguém, você já não cumpre com a sua religião, de não respeitar o próximo.

Entrevistada2: Como judia eu sei na pele, pela história da minha família, pela história do meu povo, o que é ser atacado.

Entrevistado3: dependendo do grau de espiritualidade que a gente tem, a gente precisa o que? Expressar essa fé através do que? Da não violência. A sua não violência tem que ser a semente que você planta na violência do outro.

Cláudia Alexandre: Eu queria falar sobre a ética, o comportamento. São iguais dentro de um terreiro e nas ruas?

Alexandre Cumino: Na Umbanda, no Candomblé, todas as tradições afro brasileiras, a gente aprende também a amar o diferente. Então é inseparável, no templo ou na rua, é igual, porque é o que nós somos. Gente de axé, gente que ama. O Candomblé, ele tem suas raízes. É um espaço que recebe, que acolhe e que ensina. E pra ser da religião de matriz africana, você precisa sim ter cuidado com o seu mais velho, com o seu mais novo. Você precisa ter cuidado com a natureza. Então não tem separação, porque eu não posso estar dentro do candomblé, né, e aqui eu tenho um zelo com a água, e quando eu chego num espaço da natureza, eu maltratar isso, não pode.

Egbomi Felipe Brito: quando eu falo, não sou eu que estou aqui, é minha mãe, é minha avó, é minha bisavó, é o meu Orixá, são os meus ancestrais como todos que estão aqui.

Doté Rique de Badagri: Hoje eles não estão aqui de carne e osso, mas eles estão em espírito. A ancestralidade está aqui junto com nós.

Voz: Tudo que eu ouvi falar de Mãe Stella, é que ela era uma senhora muito moderna, uma mulher brilhante, uma sacerdotisa de um coração gigante. Não tem um de nós que não choramos a morte da nossa mãe. Mas dizem, né, que nós que somos do santo não morremos, nós ancestralizamos. E ela hoje é nossa ancestral. Eu queria pedir uma salva de palmas e muito carinho a Ode Kayode.

Cláudia Alexandre: Eu quero falar agora sobre arte e religião. E aí eu vou me voltar pro Nasi. Você conhece muitos artistas que são da religião e assumem ser da religião?

Nasi: conheço alguns mas eu sei que infelizmente tem muita gente dentro do armário, né. eu vi agora, alguns anos atrás, não vou falar o nome desse sambista, que é um grande sambista. Mas eu vi ele num programa de televisão com guia de Obatalá, de Oxalá, né. E lembro que quando foram entrevistar ele, acho que o assunto do programa era religião, eu lembro de perguntar “e aí, qual a sua religião?” e ele falou “Espirita”. Com todo o respeito, e pode ser até que ele ser também admirador do espiritismo. Mas por eu saber da história desse artista, eu sabia que ele era assim. E eu não tô falando isso como uma critica a ele, mas entendi que hoje em dia não é só a violência das pedras que são jogadas na rua, do xingamento, que as vezes na porta de um terreiro, de um centro, é as vezes a violência também a perseguição, de se um artista falar eu sou de Orixá, eu sou da Umbanda, é difícil sim. No meu caso, eu sou até mais exótico ainda, que eu sou do rock, né. Mas eu sempre brinco que eu falo assim, graças a Deus eu sou rockeiro e sou macumbeiro.

Cláudia Alexandre: hoje, uma pessoa que assume seus fios de conta, que assume ter sua religião não só dentro do terreiro, mas também pra sociedade, dentro do trabalho, na relação com o outro, na escola, o que ela tem que enfrentar?

Iya Luciana de Oya: ela tem que tá pronta, ela precisa ter uma retaguarda da sua família de axé, porque nós estamos num país de preconceito e precisa dialogar muito, né, pra um momento que ela sofre um preconceito, para além daquilo que é possível fazer, que é fazer a denúncia, ela também poder ser fortalecida. Porque o preconceito é muito dolorido, é difícil você, que é uma pessoa qualificada, que tá num trabalho, ser desqualificado e saber que essa desqualificação, ela vem por conta da sua religião. Então ela precisa ter muita disposição, inclusive pra desconstruir essa visão marginal, essa visão demoníaca que colocaram em nós.

Voz: Sino da Igrejinha faz Belém-Blém-Blóm. Deu meia noite, o galo já cantou, Seu Tranca-Rua que é dono da gira. Ô corre Gira que Ogum mandou. Deu meia noite, o galo já cantou, Seu Tranca-Rua que é dono da gira. Ô corre Gira que Ogum mandou.

Cláudia Alexandre: A gente consegue reconhecer, Pai Alexandre, a força e a importância que a música popular brasileira teve como veículo pra passar algumas informações ou desmitificar algo que, ritualístico dentro dos terreiros, por exemplo?

Alexandre Cumino: Demais, qual o umbandista que não tenha o amor absoluto por Clara Nunes, Martinho da Vila cantando “O sino da Igrejinha” que mãe Taiane cantou aqui agora. As nossas religiões são musicadas, são religiões de alegria.

Cláudia Alexandre: Iya, uma música que te lembra a religião que você gosta de cantarolar.

Conceição Reis de Ogum: Eu gosto de cantar a do Zeca Pagodinho “Ogum”. O guerreiro valente que cuida da gente e que sabe o que faz.

Cláudia Alexandre: Muito bem!

Nasi: eu queria...

Cláudia Alexandre: É pra você mesmo a pergunta, Nasi.

Nasi: continuando com o samba, que por coincidência eu tô querendo fazer um tributo a um grande sambista do passado que é o Noriel Vilela, e eu vou cantar um pedacinho. Os sambas deles sempre fala sobre Umbanda, tá? Ele fala assim: “Tava desempregado, sem dinheiro pra comer. Eu não tinha saúde nem remédio pra beber.

Hoje tenho emprego, dinheiro, saúde feliz eu estou. Só com três palavras o mau que eu tinha o vento levou. Eu acredito sim. Não fale mal da Umbanda perto de mim.” Alexandre Cumino: É lindo!

Conceição Reis de Ogum: E dentro dessa cultura, nós temos muitas Iyas e Babás, que protegem as escolas de samba. E quando você coloca um tema religioso na avenida, também nos representa. Como fez esse ano algumas escolas que veio a mangueira brilhantemente. Não falou só de Marielles, mas falou de nós, mulheres. Como Salgueiro. Então, nosso povo tem um histórico que nós precisamos sempre reproduzir. Porque se não quem chega, pensa que nós lá atrás nunca nada fizemos. E olha os avanços. Nós temos muitos avanços, não é Mãe Nalva, Pai Drienes, Roseli, que nós defendemos as mulheres, as mulheres do axé.

Voz: Deolinda Madre, mais conhecida como Madrinha Eunice, era uma mulher negra do samba e do axé. Filha de escravos, cresceu entre os batuques paulistas. Ela foi a fundadora da escola de samba Lavapés. Foi a primeira mulher negra a fundar e presidir uma escola de samba na década de 30, e tocar seu terreiro de Umbanda e Quimbanda com rezas na

baixada do glicério, região central de São Paulo. Viva Deolinda Madre, Viva Madrinha Eunice.

O maior orgulho ter a minha avó envolvida com Tata que desfilou no Lavapés, com muitos Pais de Santos que saíram na Lavapés, e tenho todo o meu respeito por eles, muito obrigada viu gente, muito obrigada vó! Vamo continuar resistindo Lavapés!

Entrevistada1: O Brasil é mistura, né. É gente vindo de todos os lugares, é todas as regiões, é todas as raças, todas as religiões.

Entrevistado2: Um caldo que misturado deixa a gente com uma característica muito única.

Entrevistado3: Eu nasci dentro de um terreiro de candomblé, sou filho de mãe de santo, mas eu fui batizado na Igreja Católica, como acho que a grande parte da família brasileira é.

Entrevistada 4: Minha mãe é judia e meu pai é umbandista.

Cláudia Alexandre: Pai Alexandre Cumino, a Umbanda é uma mistura de tradições. É correto falar isso?

Alexandre Cumino: A Umbanda é uma religião brasileira fundada por um brasileiro que é Zélio de Moraes que incorpora o Caboclo das Sete Encruzilhadas, no dia 15 de Novembro de 1908. Ele vem de uma família católica, por isso ele monta um altar católico, ele incorpora o espírito de um Frei que diz que é Caboclo. E depois recebe um Preto Velho. A Umbanda é uma religião sincrética e isso é um espelho da cultura brasileira. A cultura brasileira é sincrética, portanto a Umbanda é também. E qual religião que não é sincretismo.

Cláudia Alexandre: Egbomi, as pessoas também acreditam que Candomblé é um só.

Conceição Reis de Ogum: O candomblé é pra alguns pode ser um só. Mas nós também entendemos que nós temos várias nações do Candomblé. Então nós temos o Jeje, o Ketu, o Nagô, o Alaketu, que muitos falam. Outros não falam. Nós temos também, Mãe (palavra não compreendida). Nós temos Angola. Então nós não podemos esquecer dessas casas matrizes, que pra alguns são braços, pra outros são vertentes, pra outros são nações, mas nós somos escolhidos para cada um pra tá numa determinada nação do Candomblé.

Cláudia Alexandre: Então nós vamos agora pra plateia, Paulo Mansur, os convidados querem fazer perguntas ou você quer fazer pergunta?

Paulo Mansur: Oi Claudia Alexandre, eu quero fazer uma pergunta para o Babalaô Ivanir dos Santos. Meu pai, eu queria te fazer uma pergunta. Para o senhor, o que representa a vitória nessa ação, nesse direito de resposta.

Babalaô Ivanir dos Santos: Nós temos que ter muita clareza que esse debate, ele envolve uma identidade diferenciada. Não só os religiosos de matriz africana, mas também do brasileiro. Então esse debate, essa vitória, é importante por isso. Porque nesse momento que você tenta reafirmar no Brasil a chamada civilização judaico cristã foi isso que foi dito na posse do presidente. Você tem os religiosos de matriz africana reafirmando uma cultura e uma civilização diferenciada. Nós estamos na era de Ifá no ano 10.060. a era dos Hebreus é 5.700 e alguma coisa. E a era cristã é 2000. Então, se você olhar por aí, quem é que copiou quem ou quem é que tenta acabar com a sabedoria de quem e querer impor um modelo que não tem nada a ver com o respeito a diversidade.

Cláudia Alexandre: Egbomi Conceição, quando querem tratar a gente com menos respeito, fazer da gente menor do que a gente é e do que a gente sente por causa da religião, que que a gente faz?

Conceição Reis de Ogum: É preciso ter coragem, é preciso ter força, né. a coragem é você não negar a sua religião quando perguntam o que você professa. E a coragem é andar de metrô, é andar de ônibus. Não ter vergonha da gente chegar com a nossa identidade. Então é essa a coragem de todas as Marias, de todos os Josés e de nós povo do axé. Porque o povo do axé é muito unido, povo do axé é muito corajoso. É isso que nós temos que reproduzir. Que essa nossa coragem é uma coragem ancestral.

Cláudia Alexandre: Axé, minha mãe! Bom, com as palavras da Egbomi Conceição eu quero agradecer aos nosso convidados pela participação aqui no nosso programa a voz das religiões afro. Obrigado por você da plateia, plateia linda. Obrigada Paulo Mansur e até a próxima.

Programa 3

Dia de Exibição: 23/07/2019- 20/08/2019- 17/09/2019

Horário:02:30

Duração:20 minutos

Apresentação: Claudia Alexandre

Descrição: O terceiro mostra as tradições das religiões de matriz africana, o seu passado, a sua história, seus registros. O foco do programa é mostrar a história e a cultura dessas tradições.

Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=6TdWcysDYNI&t=41s>

Transcrição programa “Cultura”

Egbomi Roseli de Oliveira: Meu avô tinha o ofício de ferreiro, e quem mexe com a forja é Ogum. E nascendo ferreiro, foi guerreiro, meu avô não foi qualquer um.

Babalorixá Ayrton de Ogum: Eu tenho direito de respirar, porque Oxalá nos traz o ar. Eu tenho o direito de beber água, porque Oxum me dá água doce. Eu tenho o direito de viver agregado com os meus familiares, porque Iemanjá e Xangô são pela família. Então eu tenho direito ao meu sagrado.

Pai Tadeu de Oxossi: O discurso do ódio, ele vem de primórdios da nossa existência e tivemos alguns algozes na história da humanidade, como Hitler, por exemplo, que pregou o discurso do ódio numa população. Em seis meses ele mudou um Estado democrático pra um Estado nazista e cometeu o maior homicídio que poderia acontecer na face da terra junto aos judeus.

cantiga de jongo

Cláudia Alexandre: Comunidade Dito Ribeiro aqui no nosso programa a voz das religiões. Eu vou convidar a Mãe Alê do Jongo pra sentar com a gente. Eu sou Cláudia Alexandre, essa é a voz das religiões afro, pra falar das religiões de matriz africana. Cultura e educação são grandes heranças dos nossos ancestrais. Eu trouxe uma foto aqui.

Quem será essa mulher? Tia Ciata. Tia Ciata, a nossa matriarca do samba. Ela não era só do samba, ela era do axé também. Uma grande iniciada pro meu Orixá Oxum. Alguém trouxe foto? Que maravilha. Então eu vou apresentar. Nós estamos aqui com a Dra. Ana Laura, obrigada pela sua presença. Mãe Taiane, que veio de Salvador. Babá Sidnei e a Iya Alê do Jongo. Vamo começar pela senhora, Mãe Taiane. Que foto é essa?

Mãe Taiane Macedo: Aqui é uma foto que registra o bater cabeça, que é um ato que nós, da nossa religião Umbanda, Candomblé, nós fazemos isso pra saudar o nosso

altar, pra dizer nós somos pequenos, vocês são grandes. Uma reverência, um respeito pelos nossos solo sagrado.

Cláudia Alexandre: E o senhor, Babá Sidnei, que foto é essa?

Babá Sidnei: Eu trouxe essa imagem porque você que nos ouve e sabe bem. Que a nossa religiosidade é perseguida por conta de corpos pretos que foram arrancados do continente africano. E eu sempre reitero que a escravidão não foi um romance, foi um crime! Então, vocês nos devem respeito, vocês nos devem!

Cláudia Alexandre: Muito bem Babá Sidnei. Eu vou perguntar pra Mãe Alê do Jongo, que não trouxe uma imagem, mas tem muitas imagens no seu pensamento e a gente queria mostrar a imagem do seu estandarte. Você pode pegar, por favor? O que significa essa bandeira?

Iya Alê do Jongo: A nossa bandeira, nosso estandarte do Jongo traz uma sancofa, que é aquele símbolo que está ali no meio. E a sancofa pra nossa comunidade é extremamente importante porque significa que nunca é tarde para voltarmos atrás e buscarmos as nossas raízes. O Jongo é tido como pai do samba, o Jongo é tido como tio avô da capoeira. Por ser essa referência Banto no Brasil, que tato contribui e contribuiu pra nossa cultura, pra nossa linguagem e pra nossa resistência desses nossos corpos.

Voz: a capoeira é uma manifestação cultural intimamente ligada a religião afro- brasileira. Foi crime até 1940. A exemplo da capoeira, a culinária afro-brasileira, que representa o Brasil no mundo da gastronomia, era vista como coisa de gente sem valor.

Cláudia Alexandre: Paulo Mansur, onde você está?

Paulo Mansur: Cláudia Alexandre, eu estou aqui! E eu queria conversar com o Roger Cipó, que é um fotógrafo que está trabalhando com a iconografia do Candomblé. Roger Cipó, tudo bom? Você podia falar um pouquinho o que é fotografar essa iconografia do povo, da cultura e da religião afro de candomblé?

Roger Cipó: é muito importante quando o professor Sidnei aponta para os corpos pretos, porque quando a gente olha fotografia, a gente tá se conectando, apresentando, outras narrativas. Então quando a gente vai pros livros de história e vê os corpos pretos sendo apresentados apenas nos lugares de escravizados, de escravização, o imaginário social remete diretamente os outros corpos da sociedade, eles carregam essa herança. Quando nós, fotógrafos e fotografas, pessoas pretas ou iniciadas no terreiro, passam a dominar as ferramentas da comunicação, passa a acessar a fotografia e opta por registrar as nossas experiências de um outro lugar, a gente tá falando: “olha, agora é nosso momento de apresentar as nossas belezas”. Então se durante muitos anos

a gente foi desumanizado, falar das relações de afeto no Candomblé, apresentar a nossa amplitude em cor/movimento, é recontar história. Isso é a nossa forma de enfrentamento. Então é isso que nós estamos fazendo.

Cláudia Alexandre: Eu abri o programa mostrando a foto de Tia Ciata. Uma imagem que é muito difundida, mas que na verdade a gente não sabe se é Tia Ciata. A gente não sabe quem é o autor da foto. Como é que a gente pode corrigir, né, a nossa história da imagem e o que se pode e o que não se pode mostrar do Candomblé através das imagens de uma máquina fotográfica.

Roger Cipó: Claudinha, o fato da gente não ter certeza se na foto é Tia Ciata, já é um marco do racismo na fotografia. Porque esses corpos, eles são corpos e não identidades. Quando a gente vai pro Candomblé, que é uma religião que foi historicamente perseguida, isso é também um dos vários motivos que nossos terreiros não permitiram na história que a gente registrasse as nossas histórias, porque ter fotografia em terreiro de Candomblé, em algum momento da história, era produzir prova contra si mesmo. Nesse momento a gente pode fazer outros movimentos. Que é o movimento de apresentar, a partir do nosso

universo, que é sim, dominar nossas linguagens e contar as histórias a partir de nós. Nada sobre nós sem nós.

Cláudia Alexandre: Obrigada, Roger Cipó. Parabéns!

Iya Wanda de Oxum: Há quarenta anos eu tenho um afoxé que abre o carnaval de São Paulo, mostrando a cultura do Candomblé, o seu lado profano. Mas os Orixás vão pra rua. Então, pra nós, é um espaço de visibilidade pra nossa religião.

Egbomi Felipe Brito: É muito importante que pensemos na diáspora africana, na dor dos nossos antepassados pra que eles mantivessem o nosso culto e a nossa tradição. Então continuar com essas tradições é apenas honrar a nossa memória, a nossa ancestralidade e a parte da África que a ainda habita em nós.

Voz: Ora Ye Ye o! Dizem que Mãe Menininha do Gantois era doce como Oxum. E gostava de cantar. A oração a Mãe Menininha, aquela “Ai minha, minha mãe Menininha” é uma das músicas de Candomblé de maior sucesso em todos os tempos. Mãe Menininha ajudou a trazer artistas, intelectuais e políticos para o axé. Com Mãe Menininha do Gantois, o Candomblé começa a aparecer em romances, novelas e filmes, e fica mais conhecido fora dos terreiros. Mãe Menininha comandava os atabaques do Gantois, cantando e sacudindo seu Adja.

Cláudia Alexandre: Eu vou fazer uma pergunta pra Mãe Taiane, que é umbandista, que é de Salvador, um espaço que as pessoas acham que só tem o Candomblé. E a senhora toca Umbanda em Salvador. Eu queria saber a tradição oral e a Umbanda. Como se conversam?

Mãe Taiane: As pessoas não sabem que na Bahia tem Umbanda. Mas tem Umbanda, tem muito terreiro de Umbanda, e tem uma Umbanda linda também, que ela se mistura também com o Candomblé. Então isso é importante e essa oralidade existe na Umbanda. A Umbanda é uma religião brasileira, né, fundada por um brasileiro, mas que ela bebe dessa cultura toda nossa.

Babá Sidnei: Claudinha, se a mãe me permitir. Vale destacar, não é, muitas pessoas acreditam que o continente africano é agrafo. Ou seja, que ele não tem escrita. Não, o continente africano não é agrafo! O continente africano é de tradição oral, e ele não precisa ser de tradição escrita para satisfazer os valores da Europa. Essa é a questão. Obrigado, Claudinha.

Claudia Alexandre: Temos muito que esclarecer, né Babá. Eu vou chamar pra conversa a Dra. Ana Laura Silva Vilela, pra falar um pouquinho sobre o protagonismo, o empoderamento da mulher. Nós temos a força das Iyas, das Iyabas nos terreiros, eu queria saber se elas ajudam a empoderar não só as mulheres da religião, mas acho que todo um contexto feminino, né, no Brasil.

Profa. Ana Paula Silva Vilela: Há uma compreensão, né, muito difundida, de que as mulheres são seres frágeis, que as mulheres agora estão se empoderando, né, pra quem gosta dessa palavra. Sendo que se a gente olhar pra realidade das comunidades de terreiro, são comunidades onde as mulheres negras, elas sempre estiveram atuando de forma muito potente. Então essa alusão a um poder feminino, coisa que não é comum de outras religiões, ela serve primeiro dando força pras pessoas que tem uma vida marcada, e mulheres que tem uma vida marcada pelo racismo, pela desigualdade de gênero, pela desigualdade de classe. E serve também porque as nossas ancestrais, Iansã, Oxum, elas são mulheres guerreiras, que tem muita força, que sempre fizeram política, muito antes de vocábulos que hoje tão no nosso dia a dia como feminismo. É uma forma muito sofisticada de lutar por direitos que essas mulheres sempre fizeram. Então é muito importante e um privilegio poder aprender com essas mulheres, acima de tudo.

Claudia Alexandre: Muito importante. O que a gente tem do Candomblé é que é uma religião que nasce matrifocal. Diferente da história que a gente vê da Umbanda,

ela nasce, o marco de origem dela é um homem, um Caboclo e um homem, seu Zélio. Eu queria que você me falasse um pouco como é que são as mulheres, a liderança das mulheres na Umbanda.

Mãe Taiane: Realmente, né, principalmente aqui em São Paulo se vê muito mais sacerdote umbandista do que mulheres. Lá em Salvador a gente tem uma igualdade, não sei se pela influência forte do Candomblé. Mas o interessante disso tudo é que não importa se é um pai ou se é uma mãe, o que importa é como vai se conduzir o trabalho.

Claudia Alexandre: E o senhor Babá Sidnei, quer complementar?

Babá Sidnei: Nós somos perseguidos também por conta das mulheres que estão presentes nas comunidades de terreiro. Não é só por conta de pretos e pretas, e se for mulher preta, aí já viu que vai dar né. Não vai dar coisa boa. O que acontece, a ideologia judaico cristã só tem dois papéis para a mulher: ou ela é mãe, ou ela é esposa. Se ela fugiu desses papéis, ela não é bem quista. As nossas mulheres, as nossas divindades não. Nós temos mulheres guerreiras, nós temos amazonas, nós temos mulheres sedutoras, nós temos mulheres mães de nove filhos. Nós temos mulheres...não tem mãe solteira, porque não existe mãe solteira, existe mãe.

Mãe Taiane: Bendito sois entre as mulheres.

Slam das minas: Carrego a palavra patuá como quem anseia a sorte. Coloco na frente pra ter rumo, norte. O que seria minhas mãos sem o mergulho da caneta, agora articulada e dona das minhas próprias palavras. Planto sementes de fala pra crescer raiz palavra. Ouvi o chamado dos ventos, guardei um trovão no peito como talismã. E escrevi meus próprios enredos sob as bênçãos de minha mãe Iansã. Filha da cachoeira, cria da cidade de concreto. Falo alto, falo fino, falo mesmo. Mulher é bicho gente, que sangra e que sonha. Eu lírica, sou grande.

Voz: Pai Rubens Saraceni. Meu pai, sacerdote Rubens Saraceni, mestre Rubens Saraceni e médium Rubens Saraceni, psicografo Rubens Saraceni, publicou mais de cinquenta títulos de Umbanda. Criou o conceito de colégio de Umbanda sagrada. Mudou a cara da Umbanda quando trouxe o conceito de curso livre e aberto de teologia de Umbanda para ensinar a qualquer pessoa que quisesse aprender sobre a religião. Dentro da sua literatura psicografada, a gente destaca “O guardião da meia noite”, que mudou pra todos nós a visão acerca de quem é Exu. E se eu posso falar sobre Exu, é porque um dia eu ouvi. Então a ele eu bato cabeça aqui agora.

Entrevistada1: Brasileiro é único. Você tem aquele abraço, aquele acolhimento, aquela felicidade.

Entrevistada2: O brasileiro é lindo. O brasileiro é lindo por causa da mistura, eu sou a mistura de europeia com índio, com negro.

Entrevistada1: Então brasileiro é isso. É mistura, é amor, é tudo misturado.

Claudia Alexandre: o que que nós temos na nossa sociedade brasileira que é pura influência do povo africano, das tradições do Candomblé que vem também pra casa do brasileiro, e ele nem se percebe.

Babá Sidnei: O brasileiro é muito africano. O respeito pelo mais velho, o respeito pela mãe, o respeito pelo pai. A alegria brasileira é autenticamente africana, ela não é europeia, faça-me o favor. Eu já morei na Europa, quer dizer, nada contra, mas enfim, eles não têm a nossa alegria. Eles não têm o nosso gingado, vide o Jongo, mãe pode dizer, falar sobre isso. Não é? Mas aí nós somos perseguidos. Por que nós somos perseguidos? Porque nós estamos na sociedade do falo, na sociedade do ereto e na sociedade que diz que ser flexível é fraqueza. Se fosse fraqueza, eu nem estaria aqui. Porque o que que manteve pretos e pretas até hoje? Foi a flexibilidade. Então isso tudo nesta sociedade cartesiana, nesta sociedade enrijecida, faz com que todos nos persigam também.

Claudia Alexandre: Nós ainda estamos falando de influências. E a gente sabe que a Umbanda é brasileira. O Candomblé é brasileiro, e o Jongo é brasileiro.

Iya Alê do Jongo: O jongo é brasileiro. Ele tem toda uma influência da região de Congo e Angola, dos africanos Bantos que vieram principalmente pro trabalho nas fazendas cafeeiras da região sudeste do Brasil. Mas eles se organiza como essa manifestação, que através da ginga, do toque, do canto e da dança, ele metaforiza e faz com que haja permanência da religiosidade, do sagrado, da oralidade, das histórias, das memórias. Tudo que se canta numa roda de jongo é uma mensagem de alguém para alguém, é uma crítica social. É um registro, né. Quando a gente canta: “O senzaleiro, não prende no caderno a minha história. Ela corre livre na memória”. A gente tá falando da oralidade, dessa educação que rompe com essa tradição que é da nossa influência.

Claudia Alexandre: Eu quero agradecer os convidados do programa a voz das religiões afri. Eu quero agradecer a Ana Laura, obrigada Ana Laura. Mãe taiane, leva um abraço

pros meus amigos baianos, pras Iyas maravilhosas, pros Babás. Babá Sidnei, muito obrigado pela presença. Mãe Alê, vamos fazer mais uma roda de Jongo? Vamo

convidar a Mãe Taiane pra cantar? Eu quero agradecer a plateia maravilhosa que tá participando com a gente. Paulo Mansur, muito obrigada.

Paulo Mansur: Obrigado Claudia.

Programa 4

Dia de Exibição: 30/07/2019- 27/08/2019- 24/09/2019

Horário:02:30

Duração: 20 minutos

Apresentação: Claudia Alexandre

Descrição: O último programa enfatiza a história e a herança trazidas pelos negros escravizados. O foco é discutir o respeito dos outros em relação às religiões de matriz africana, e portanto, discutem a intolerância religiosa.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3ZxWW4Mh0g4&t=113s>

Transcrição programa “Comportamento”

Ogã Célio: Eu sou de Candomblé.

Tatá Tauá: Angola Congo.

Mãe Carmen de Oxum: A palavra de ordem dos religiosos de matriz africana é respeito e axé.

Otumbo Adekunle Aderomnu: Axé!

Mãe Liliana da Oxum: axé!

Mãe Luisinha de Nanã: Axé a todos.

Reginaldo Prandi: Axé no Candomblé é força vital, ou seja, é uma energia que move o mundo, que move a vida. Que todos os movimentos estão, na verdade, ligados a essa ideia

de axé. A ideia é que a religião é a instituição através do qual os mecanismos que promovem o crescimento de axé vão cada vez mais permitindo a circulação da vida, a circulação da alegria, do dinheiro, do prazer, da felicidade e assim por diante.

Pai Alabyi: Sou de Candomblé, 60 anos de Candomblé, nunca saí da minha religião

Iya Wanda de Oxum: Sou de Candomblé da Nação Ketu.

Senhora (não mostra o nome dela): Eu venho de Umbanda, que eu sou herdeira

Pai Tonhão de Ogum: Sou de Candomblé, entre o Candomblé e Umbanda eu tenho 60 anos.

Mãe Marcia: Sou Xangozeira do Nordeste e sou Ibá.

Pai Zenildo de Becém: Candomblé.

Claudia Alexandre: E eu sou Cláudia Alexandre e sou umbandista. Eu já queria entrar na questão da presença da mulher e dessa herança que vem de África pro protagonismo da mulher no Brasil e principalmente pras tradições de matriz africana.

Profa. Teresinha Bernardo: Quando chega no Brasil, essas mulheres chegam como? Como escravas, não é. E o Candomblé vai fazer o que? O Candomblé vai dar uma outra condições para essas mulheres. Então a família de santo, não é, no fundo significa a família africana que foi desmantelada pela escravidão. Então é importante situar o Candomblé, as religiões e a história, não é, pra fazer a crítica de quem fala das religiões afro brasileiras. Não pode se falar porque é uma religião que se criou, não é, para dar condições para o africano e seus descendentes que aportaram no Brasil.

Claudia Alexandre: Carla, e você nas suas pesquisas, o que você tem a ponderar sobre a explicação da professora.

Carla Osório: Eu estudei que em África, assim, não existe esposa do rei, né. ela pode ser a rainha, mas ela também vai para o mercado para garantir o seu sustento e da sua família. No Brasil a gente tem a imagem das ganhadeiras e em Cabo Verde a gente tem a imagem das rabidantes, que são todas grandes mercadoras. Foram essas mulheres negras, essas mulheres de axé, essas mulheres que ajudaram com a venda dos seus quitutes, com a

venda de joias, os balangandãs, etc. De toda forma que as mulheres conseguiram buscar o seu sustento e inclusive a alforria de seus companheiros etc. que eu me inspirei. E hoje, se eu trabalho como mercadora, e eu costumo dizer que eu sou mãe, mercadora e mulher, não necessariamente nessa ordem, eu me inspirei nessas mulheres. E hoje eu atuo no mercado do audiovisual brasileiro e não faço nada mais, nada menos do que essas mulheres que são minhas ancestrais faziam.

Pai Tonhão de Ogum: Cantiga para Xangô

Pai Tonhão de Ogum: A bença, meu pai, onde o senhor estiver.

Claudia Alexandre: Tata, o senhor preside o Ilabantu, que é um instituto de valorização da cultura Banto no Brasil, quando a gente fala dessas mulheres que a professora Teresinha falou, que a Carla Osório falou, a gente vai falar do traço da mulher que é Yoruba, da mulher que é Banto, ou da mulher africana que veio escravizada para o Brasil.

Taata Kwa Nkisi Katuvanjesi: Eu acho que nós temos que falar e revalorizar a mulher que veio escravizada para o Brasil. A primeira civilização a aportar nesse país continental são os bantos. E que deu uma cara a este país continental. Eu costumo dizer que esse Brasil é um Brasil africanizado. Eu brinco até com meus irmãos angolanos dizendo que eles falam português de Portugal, e nós falamos o português africanizado. Porque é na esteira dos bantos vindo para o Brasil que se faz, que se tem várias expressões que o próprio brasileiro nem se apercebe que tá falando africano. Você pode verificar isso no português vernáculo brasileiro. Tantos falares africanos inserido nesse português, como caçula, bunda, quiabo, ginga, ganga e o próprio Zumbi, que é o grande herói negro brasileiro, que também é banto. Então, e Dandara, né, olha como tantas mulheres Dandara, a própria grande mãe do Candomblé de tradição Congo Angola, que foi considerada a grande mãe preta da Bahia que é Maria Genoveva do Bonfim. Maria neném que fundou o Candomblé do Tumbensi.

Claudia Alexandre: Babá Gil, queria que o senhor falasse um pouco sobre esses povos que vieram escravizados e que hoje se reconstitui e a gente vê uma reprodução dessa herança nesses terreiros.

Bàbá Gill Sampaio Ominirò: Na verdade foi uma estratégia do branco para separar, né, para distanciar e não, e fazer com que os negros em senzala não se reunisse. Eles estimulavam o conflito entre essas nações para que não fizessem motim, para que não

se... e foi um tiro pela culatra. Porque o Candomblé nasce da união, nasce da união dos povos Banto, com os povos Ewe Fon, com os povos Ketu, Yoruba, que chegaram depois.

Claudia Alexandre: Tá certo.

Leci Brandão: Foi um povo que não pediu pra vir pra cá. Um povo escravizado, entendeu, que chegou aqui e depois de tantos e tantos anos, né, conseguiu, pelo menos, fazer com que a sociedade brasileira entendesse que a nossa religião é uma religião linkada com a natureza. Fico muito feliz cada vez que a justiça, né, faz ações de igualdade, né, ações de respeito a uma ancestralidade. A nós não exigimos absolutamente nada, nós só queremos que as pessoas respeitem a nossa história, a nossa ancestralidade, apenas isso.

Mãe Ana de Ogum: No Rio de Janeiro já foram vinte e nove casas depredadas, os pais de santo espancados. Já chegou aqui em São Paulo, em Osasco, eu soube que já teve duas casas que os donos foram expulsos. Portanto, quero que as autoridades civis, militares, seja ela qual for, tome providência com isso. E que nós de orixá nos unam, possa dar as mãos para isso. Porque não pode continuar como está. Somos todos irmãos.

Logunwa: (cantiga). Nós vamos cultuar sim os nossos ancestrais, nós vamos cultuar sim os nossos orixás, nós vamos cultuar sim a nossa tradição. Ninguém poderá dizer nada contra isso, porque nós cultuaremos sempre a nossa tradição.

Claudia Alexandre: Obrigada Babá. Eu vou chamar meu amigo Paulo Mansur, cadê você Paulo Mansur.

Paulo Mansur: Oi Cláudia, estou aqui.

Claudia Alexandre: Eu faço a pergunta e você repete aí, por favor. O que nós podemos fazer para que as pessoas respeitem a nossa fé, a nossa crença na religião de matriz africana.

Paulo Mansur: Eu gostaria de aproveitar esse momento e emendar essa pergunta para o Dr. Hédio. Dr. Hédio, como fazer para as pessoas que não são da nossa religião respeitarem a nossa religião.

Dr. Hédio: Respeito é algo que não se compra. Respeito não se encomenda num balcão, respeito não se pede favor. Você não pede pra alguém te respeitar. Respeito você impõe respeito, e entendo que nossa religião tem dado uma lição ao Brasil por pressão, por estar

nas ruas, pelo ativismo, a militância na internet, nos tribunais, impondo e conquistando respeito. Respeito a gente conquista com unidade, respeito a gente conquista respeitando a pluralidade, respeito é algo que nós, como religião, praticamos com todas as demais. Entretanto, muitas delas não nos respeitam. Esse respeito vai ser conquistado com a luta.

Alberto de Oxossi: Nós precisamos olhar todos iguais, sem título, né. Sem placa, sem título.

Fazer como eu fazia quando eu era evangélica, porque eu respeitava eles, então eu acho que agora depois de quarenta anos que eu sou de culto, de tradição, eu gostaria que os evangélicos também me respeitassem.

Claudia Alexandre: Vamo aqui no palco então. Eu queria continuar com a mesma pergunta pro senhor, Tata. A questão do respeito, a questão da conquista do espaço.

Taata Kwa Nkisi Katuvanjesi: Itapecerica da Serra, a maioria dos vereadores que compõe a casa legislativa são evangélicos e se não pastores, e aí resolveram me dar o título de cidadão itapecericano, e aí quando o pastor Marcio, que é o presidente da casa, organizou a cerimônia para a entrega do título, eu exigi que me tratasse como Tata Katuvanjesi e não como Walmir Damasceno, nem como Pai Walmir. Se eu chamo ele de Pastor Marcio, Vereador Pastor Marcio, ele teria que me tratar por igual. E assim foi feito, tanto que quando a rainha Diambi Kabatusuila esteve recentemente em São Paulo, depois de mais de quatrocentos anos de espera, os bantos conheceram sua monarca, né, nós escolhemos a câmara municipal pra fazer uma cerimônia de homenagem a ela. E exigi que o tratamento fosse dado de forma respeitosa e em pé de igualdade. Fui tratado como Tata Nkisi e a soberana como rainha, como majestade também, e a casa legislativa tava lotada de pessoas, de povo do santo devidamente trajada e paramentada com as suas indumentárias e aí foi uma imposição nossa.

Claudia Alexandre: Muito bem, parabéns. Babá Gill, que fatos como esse dizem na questão do respeito ou do olhar que tem sido lançado sobre as religiões afrobrasileiras.

Bàbá Gill Sampaio Ominirò: Olha, quando a gente fala aí de intolerância religiosa, é disso que a gente tá falando, né, a gente precisa pegar o viés histórico. Ao longo desses anos todos, quase trezentos anos, nós temos um histórico de intolerância religiosa. Na Bahia, um famoso advogado, Pedrito, invadia terreiros de Candomblé, furava atabaques. Então

isso é uma história. E isso acabou? Isso só saiu do âmbito do terreiro, do furar atabaque, e foi para as redes sociais, foi para as redes de televisão, para as redes de rádio. Então não é respeitando que a gente vai ter respeito. A gente precisa denunciar. O povo de Candomblé é um povo sobrevivente e resistente, precisa parar de ser complacente. Então nós de terreiro não podemos levar uma pedrada na rua e ir pra casa chorar no colo da Mãe de Santo. Não, a gente tem que procurar o advogado e chorar no colo do juiz. Encher o juiz pra que ele...

Claudia Alexandre: Profa. Teresinha Bernardo, o que o seu trabalho, esse olhar sobre as religiões de matriz africana, te dizem sobre a intolerância religiosa que a gente vê ainda latente e que a gente vê crescendo ainda no Brasil.

Profa. Teresinha Bernardo: Nós precisamos tomar muito cuidado, o racismo acaba, o racismo esfacela, o racismo acaba com as pessoas, o racismo acaba com a religião. Então o racismo veio...o algo é o povo negro, mas pega a religião de matrizes africanas. Nós precisamos tomar muito cuidado, é uma coisa séria, nós não podemos brincar.

Claudia Alexandre: Carla.

Carla Osório: O que a gente tá fazendo aqui hoje é tentar repor toda a injúria, toda a difamação, todo o ódio que nos foi lançado em rede nacional. A potência da mídia é algo estrondoso. Porque isso entra pela casa das pessoas, e naquele momento, madrugada adentro, né, com um discurso de muito ódio. Então o que a gente tá fazendo aqui hoje eu considero um momento histórico da televisão brasileira. E espero que esses programas vão para as redes sociais. Sabe? Pra gente pegar também o público jovem, eu fico pensando muito no público jovem. Porque todos nós que estamos aqui, estamos meio calejados e tivemos oportunidade de ir a escola, ou tivemos oportunidade de escutar os mais velhos. Mas eu fico pensando os jovens que são bombardeados o tempo todo pelas redes sociais, pela mídia e a gente tem que pensar neles. Como fazer que os nossos jovens tenham orgulho, sabe, como fazer que o meu filho tenha orgulho da nossa religião, da religião que a nossa família segue.

Claudia Alexandre: Obrigada.

Toya Vodonum Sandra de Xadantã: (cantiga). Na sua memória, meu pai, na sua casa, nas nossas casas, o senhor que foi um homem que saiu do norte do país, trouxe a nossa

tradição tambor de mina para São Paulo. Tenho certeza eu da onde ele tá, e o lugar deve ser bom, porque ele foi um homem muito maravilhoso, conseguimos.

Babalorixá Ayrton de Ogum: O axé é uma força máxima que nos conecta com o sagrado.

Alexandre Ifátola Dosunmu: É uma energia que permeia a todo o universo, na qual ele interage com todos os seres vivos.

Otumbo Adekunle Aderomnu: Quando eu ouço o africano falar axé, quer dizer poder, afirmação de algo que ele pedir pra que Olodumare consagrar.

Iya Wanda de Oxum: Axé é como dizer amem a tudo que a gente faz.

Claudia Alexandre: Babá Gill, o que é axé?

Bàbá Gill Sampaio Ominirò: Na filosofia Yoruba, o axé é a energia que vem de Olodumare. Axé é a energia que vem de Deus. Muitas pessoas não entendem, quem não é da nossa religião, porque que a gente faz oferenda, porque que a gente entrega pratos de comida as divindades. O conjunto de oferendas, de práticas orais, a fala, o canto, ela promove a estabilidade do axé. Não basta só a palavra, não basta só o ingrediente físico, precisa também do coração, que é o Okan. É dessa forma em geral que nós de Candomblé sempre estamos em paz, porque nós buscamos a paz. E o axé é paz.

Claudia Alexandre: Quero agradecer aos nossos convidados na plateia.

Obrigada Paulo Mansur.

Paulo Mansur: Obrigado Claudia!

Claudia Alexandre: O programa a voz das religiões afro fica por aqui, até a próxima!